

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO - CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO

Carolina Valente de Oliveira

POUSADAS NO SUL DA ILHA DE SANTA CATARINA,
FLORIANÓPOLIS, SC: CARACTERÍSTICAS URBANO-
ARQUITETÔNICAS E IMPACTO NA PAISAGEM.

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Ayrton Portilho
Bueno

Co-orientador: Prof^ª. Dr^ª. Margarita
Nilda Barretto Angeli

Florianópolis

2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

O48p Oliveira, Carolina Valente de
Pousadas no Sul da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis,
SC [dissertação] : características urbano-arquitetônicas e
impacto na paisagem / Carolina Valente de Oliveira ;
orientador, Ayrton Portilho Bueno. - Florianópolis, SC, 2011.
232 p.: il., grafs., tabs., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura. 2. Turismo - Florianópolis (SC). 3.
Paisagens - Florianópolis (SC). 4. Hotéis, pensões, etc. -
Florianópolis (SC). I. Bueno, Ayrton Portilho. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Carolina Valente de Oliveira

**POUSADAS NO SUL DA ILHA DE SANTA CATARINA,
FLORIANÓPOLIS, SC: CARACTERÍSTICAS URBANO-
ARQUITETÔNICAS E IMPACTO NA PAISAGEM.**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 20 de junho de 2011.

Prof. Fernando Oscar Ruttkay Pereira, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Ayrton Portilho Bueno, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Margarita Nilda Barretto Angeli, Dr^a.
Co-Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Francisco Antonio dos Anjos, Dr.
Universidade do Vale do Itajaí

Prof^a. Sônia Afonso, Dr^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Vera Helena Moro Bins Ely, Dr^a
Universidade Federal de Santa Catarina

DEDICO

Ao meu pai Lauro, eterno exemplo de amor e compreensão, saudades;
e à minha mãe Agra, modelo de força e carinho.

AGRADECIMENTO

A Deus, por colocar pessoas tão especiais na minha vida.

À minha mãe, pelo apoio incondicional, amor e carinho, por ser exemplo de força e coragem e por sempre me ajudar a superar e enfrentar os desafios.

Aos meus irmãos, Daniel e Felipe, e meus familiares, que sempre apoiaram e respeitaram as minhas escolhas, mesmo quando estas me obrigam a ficar ausente.

Às amigas de Minas, que sempre torceram, apoiaram e acreditaram em mim.

Às novas amigas de Floripa, Claudia e Roberta, por fazerem minha estadia mais fácil; Mariana, pelas tardes juntas, pelas longas conversas e pela ajuda no trabalho.

Às minhas vizinhas e amigas, Nati e Fernanda, pela frequente companhia, pelos almoços coletivos e visitas; à Vi, por me chamar do jeito mais fofo.

Ao meu orientador, Ayrton Portilho Bueno, pela paciência, pelo incentivo e pelo direcionamento do trabalho.

À minha coorientadora, Margarita Barretto, pelo direcionamento e ensinamento.

Aos professores que aceitaram participar da banca avaliadora, pelas observações, que contribuíram para o aperfeiçoamento do trabalho.

À Ivonete, por estar sempre disposta a esclarecer e solucionar nossas dúvidas.

Ao Pós-Arq. por possibilitar o desenvolvimento desta dissertação.

Ao CNPQ e à CAPES, pela bolsa de estudo concedida.

A todos os funcionários das pousadas, que colaboraram com o desenvolvimento da pesquisa.

MUITO OBRIGADA... sem vocês não conseguiria e não valeria a pena...

RESUMO:

O presente trabalho buscou compreender a importância das pousadas na configuração do turismo no município de Florianópolis, por meio da análise da intervenção ambiental/paisagística e urbana/arquitetônica. Em Florianópolis, o desenvolvimento urbano-turístico tem gerado diversos problemas socioambientais, como o grande impacto no território e na paisagem, além de distorções na distribuição dos benefícios socioeconômicos. Os meios de hospedagem turística têm papel expressivo na configuração da paisagem da região turística do município de Florianópolis. A pesquisa visou a análise do impacto de um tipo de meio de hospedagem – as pousadas – na paisagem. Para isso, estudou-se a evolução do turismo e dos meios de hospedagem, a luz dos novos paradigmas da atividade. Foram investigadas pousadas pelo recorte de sua inserção na paisagem, com ênfase na interferência cênica dos estabelecimentos no entorno. Fez-se, ainda, a caracterização urbano-arquitetônica e a estrutura física, com vistas a estabelecer uma taxonomia de seus padrões de implantação e organização funcional. Metodologicamente, foram adotadas técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com o levantamento das pousadas no sul da Ilha de Santa Catarina, porção insular do município de Florianópolis, mais especificamente nos distritos do Campeche, do Pântano do Sul e do Ribeirão da Ilha. A análise ou avaliação sobre como o turismo interfere na paisagem mostrou-se útil sob a perspectiva de planejamento, tanto turístico como urbanístico, o que poderá levar a uma melhor fundamentação na tomada de decisões. Após a pesquisa, pode-se afirmar que as pousadas do sul da Ilha de Santa Catarina, sob a perspectiva do novo turismo, mais segmentado e compreensivo aos locais receptores, causam baixo impacto na paisagem e na comunidade onde estão implantadas, tornando-se uma alternativa responsável e viável para o desenvolvimento da atividade turística na região.

Palavra-chaves: Turismo, Florianópolis, Paisagem, Pousadas.

ABSTRACT:

This research aimed at understanding the relevance of inns in the arrangement of tourism in the municipality of Florianópolis, by analyzing environmental/landscape and urban/architectural interventions. In Florianópolis, urban development has resulted in many social and environmental issues, such as the great impact on its territory and landscape, besides distortions in the distribution of socioeconomic benefits. Tourist lodging facilities have a significant role in shaping the landscape of the touristic area of Florianópolis. The research focused on analyzing how a particular type of accommodation – the inns – caused any impact in the landscape. In order to do so, the development of tourism and lodging facilities were studied in the light of the new paradigms of such activity. Inns were investigated specifically to what regards its insertion in the landscape, with emphasis on their scenic interference in the surrounding areas. Their urban-architectural features and their building structures were also determined with the intent to establish a classification of their deployment patterns and functional organization. Methodologically, techniques of bibliographical, documentary, and field research were adopted in the surveying of the inns located in the south of Florianópolis, which is an island in the state of Santa Catarina, Brazil. The south of the island is part of the municipality of Florianópolis, more specifically in the districts of Campeche, Pântano do Sul, and Ribeirão da Ilha. The analysis or assessment of how tourism affects the landscape proved to be useful from the perspective of planning, both urban and tourism planning, which could lead to a better foundation as far as decision making is concerned. Once the research was concluded, it was possible to state that in the south of the island of Santa Catarina, and from the perspective of a tourism that is new, more targeted, and comprehensive to receiving sites, the inns have caused low impact on the landscape and on the community they are located, making it a responsible and feasible choice for the development of tourism in the region.

Keywords: Tourism, Florianópolis, Landscape, Inns.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 - Impacto do Resort Costão do Santinho na paisagem.....	28
Figura 2 - Elementos a serem considerados na análise do impacto visual.	38
Figura 3 - Vista do Hotel Neu Breslau em 1916.	73
Figura 4 - Vista do Grand Hotel de Araxá-MG.....	74
Figura 5 - Segundo Modelo Teórico desenvolvido pelo IPUF para o PDB-85- s/escala.	97
Figura 6 - Localização do distrito do Campeche no contexto municipal.	105
Figura 7- Vista geral do Campeche	107
Figura 8- Cordão dunar fixado pela vegetação na praia do Campeche.	107
Figura 9- Lagoa Pequena, Campeche	107
Figura 10 - Perfil esquemático da inserção da Pousada Vila Tamarindo no território do Campeche	137
Figura 11- Esquema do modo de implantação da Pousada Vila Tamarindo.	137
Figura 12- Pousada Praia Campeche e seu entorno.....	140
Figura 13 - Circulação externa da Pousada Zeperrí.	141
Figura 14 - Localização do distrito do Pântano do Sul no contexto municipal.	143
Figura 15- Localização das principais vias do Pântano do Sul.	145
Figura 16- Unidade de paisagem Armação-Peri, vista do Morro das Pedras.	146
Figura 17- Vista geral da unidade de paisagem do Pântano Sul – aos fundos, a UP da Armação-Peri.	147
Figura 18- Propostas para ocupação da área inundável – à esquerda, criação de uma unidade de conservação, e à direita, implantação de empreendimentos imobiliários.	148
Figura 19- Perfil esquemático da inserção da pousada Sítio dos Tucanos no território.....	170
Figura 20- Elementos de composição da fachada – Pousada Santa Ana.	172
Figura 21- Diferença entre as unidades habitacionais oferecidas.....	183
Figura 22- Localização do Distrito do Ribeirão da Ilha no contexto municipal.	185
Figura 23- Vista geral da unidade de paisagem do Ribeirão da Ilha ...	186

Figura 24 Pousada e Rest. do Museu visualizada a partir da Baía Sul. 193

LISTA DE MAPAS:

Mapa 1- Distrito do Campeche.....	110
Mapa 2 - Área que concentra as pousadas, localização dos estabelecimentos e suas subunidades.	112
Mapa 3 - Subunidade do Condomínio Novo Campeche.	114
Mapa 4 - Subunidade da Pousada Pau de Canela.	116
Mapa 5 - Subunidade da Pousada Tô na Praia.	118
Mapa 6 - Subunidade da Pousada Vila Tamarindo.	120
Mapa 7 - Subunidade da Pousada Zepferri.	122
Mapa 8 - Subunidade da Pousada Vento do Sul.....	124
Mapa 9 - Subunidade da Pousada Natur.....	126
Mapa 10 - Subunidade da Pousada Praia Campeche.....	128
Mapa 11- Mapa completo do pântano do sul	151
Mapa 12 - Área que concentra as pousadas na unidade de paisagem Armação-Peri, com as localizações dos estabelecimentos e suas subunidades.	153
Mapa 13 - Subunidade da Pousada Pénareia.....	155
Mapa 14 - Subunidade da Pousada Drops de Aniz e Pousada da Praia.	157
Mapa 15 - Subunidade da Pousada Santa Ana.	159
Mapa 16 - Subunidade da Pousada Portal do Sul.....	161
Mapa 17 - Área que concentra as pousadas na unidade de paisagem Pântano do Sul, com as localizações dos estabelecimentos e suas subunidades.	163
Mapa 18 - Subunidade da Pousada do Pescador.	165
Mapa 19 - Subunidade da Pousada Pedra Branca e Pousada Sol da Costa.....	167
Mapa 20 - Subunidade da Pousada Moleques do Sul.....	169
Mapa 21 - Subunidade da Pousada Sítio dos Tucanos.	171
Mapa 22 - Mapa completo do Ribeirão da Ilha.	188
Mapa 23 - Área que concentra as pousadas no Distrito de Ribeirão da Ilha, localização dos estabelecimentos e suas subunidades.....	190
Mapa 24 - Subunidade da Pousada Ecomar.	191
Mapa 25 - Subunidade da Pousada e Restaurante do Museu.	192

LISTA DE QUADROS:

Quadro 1 - Critérios fundamentais para classificar os diferentes tipos de turismo.....	53
Quadro 2 - Análise do setor hoteleiro espanhol, conforme os quatro tipos de alojamentos.....	78
Quadro 3 - Tipos de meios de hospedagem de turismo e as características predominantes que os distinguem.....	81
Quadro 4 - Pousadas analisadas do distrito do Campeche	109
Quadro 5 - Índices urbanísticos das ARE-5 e ATR-3, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.	113
Quadro 6 - Índices urbanísticos das ARP-3, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.....	119
Quadro 7- Pousadas Campeche – entorno imediato	130
Quadro 8 – Pousadas Campeche – características das pousadas	138
Quadro 9 - Pousadas analisadas do distrito de Pântano do Sul.	149
Quadro 10 - Índices urbanísticos da AMC-1, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.....	158
Quadro 11 - Índices urbanísticos das APC-2, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.....	164
Quadro 12 - Índices urbanísticos das ATR-2, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.....	168
Quadro 13 - Índices urbanísticos das ATR-2, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.....	170
Quadro 14 - Pousadas e o entorno.....	173
Quadro 15 - Quadro síntese- pousada pântano do sul	179
Quadro 16 - Pousadas analisadas do Distrito de Ribeirão da Ilha.	187
Quadro 17 - Ribeirão do Sul – Entorno.....	194
Quadro 18 - Quadro-síntese das pousadas do Ribeirão da Ilha	196
Quadro 19 - Hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis.....	231

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Destinos mais visitados por turistas internacionais, por lazer, no período de 2005 a 2007.....	92
Tabela 2 - Dados referentes aos meios de hospedagem da sinopse comparativa entre janeiro e fevereiro de 2004, 2005 e 2006.....	103
Tabela 3 -Dados referentes aos meios de hospedagem da sinopse comparativa entre janeiro e fevereiro de 2006, 2007 e 2008.....	103
Tabela 4 - População de Florianópolis por distritos (1980-2030) ..	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIH	Associação Brasileira da Indústria de Hotéis
CNTur	Confederação Nacional do Turismo
DIRETUR	Diretoria Municipal de Turismo, posteriormente transformada em SETUR
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo, atual Instituto Brasileiro de Turismo
ESPLAN	Escritório Catarinense de Planejamento Integrado
IPUF	Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
IUOTO	União Internacional das Organizações Oficiais de Viagens
PDC	Plano Diretor do Campeche
PDT	Plano de Desenvolvimento Turístico de Florianópolis
PDTAUF	Plano de Desenvolvimento Turístico do Aglomerado Urbano de Florianópolis
PLANET	Plano Estratégico de Planejamento Turístico para Florianópolis
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
POUSAR	Associação das Pousadas de Florianópolis
PRT	Plano Regional de Turismo
SANTUR	Secretaria de Turismo de Santa Catarina
SEDESUL	Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul
SETUR	Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte
SNPTur	Secretaria Nacional de Políticas de Turismo
TAC	Transportes Aéreos Catarinense
UHs	Unidades Habitacionais

SUMÁRIO:

1.	INTRODUÇÃO	25
1.1	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO	26
1.2	PERGUNTAS DA PESQUISA	32
1.3	OBJETIVO GERAL	33
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	33
1.5	MÉTODOS E TÉCNICAS	33
1.5.1	Técnicas de pesquisa	34
1.5.2	Aspectos analisados	35
1.5.3	O estudo do impacto paisagístico na implantação das pousadas	36
2	TURISMO E PAISAGEM	41
2.1	RELAÇÃO ENTRE TURISMO E PAISAGEM AO LONGO DA HISTÓRIA	42
2.2	TURISMO NO BRASIL	49
2.3	TIPOLOGIAS DO TURISMO	53
2.4	TIPOS DE TURISTAS	55
2.5	TURISMO DE MASSA X TURISMO SEGMENTADO	57
2.6	INFRAESTRUTURA TURÍSTICA	62
3.	DIFERENÇA ENTRE MEIOS DE HOSPEDAGEM E ALOJAMENTO HOTELEIRO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA 65	
3.1	EVOLUÇÃO E DEFINIÇÃO	65
3.2	EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO BRASIL	70
3.3	TIPOS DE MEIOS DE HOSPEDAGEM	76
3.4	POUSADAS	82
3.5	DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM AO ALOJAMENTO HOTELEIRO	86
4.	TURISMO E HOTELARIA EM FLORIANÓPOLIS	89
4.1	EVOLUÇÃO DO TURISMO EM FLORIANÓPOLIS	94
4.2	REGULAMENTAÇÃO DO TURISMO EM FLORIANÓPOLIS	95
4.3	SITUAÇÃO DA HOTELARIA EM FLORIANÓPOLIS, COM ÊNFASE NO SUL DA ILHA DE SANTA CATARINA	100
4.4	A PORÇÃO SUL DA ILHA DE SANTA CATARINA	104
4.4.1	Contextualização e caracterização do território e paisagem do distrito do Campeche	105

4.4.2	Estudos de Caso do Distrito de Campeche.....	109
4.4.3	Contextualização e caracterização do território e paisagem do distrito Pântano do Sul.....	143
4.4.4	Estudos de Caso do Distrito do Pântano do Sul	149
4.4.5	Contextualização e caracterização do território e paisagem do Distrito de Ribeirão da Ilha.....	184
4.4.6	Estudos de Caso do Distrito de Ribeirão da Ilha.....	186
5	CONCLUSÕES	199
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS TRABALHOS..	204

1. INTRODUÇÃO

O turismo é uma das principais atividades do mundo contemporâneo, sendo responsável por alterações socioeconômicas, culturais e ambientais de uma região, que podem ser positivas ou negativas. Está frequentemente relacionado com o desenvolvimento econômico da área e, muitas vezes, é apresentado como alternativa de desenvolvimento regional; omitidas as consequências não favoráveis que essa atividade pode induzir quando explorada de forma imprudente, sem o devido planejamento.

Partindo do pressuposto de que o turismo e suas implicações espaciais são importantes elementos na configuração de uma região, e os meios de hospedagem um dos principais equipamentos de infraestrutura dessa atividade, pode-se então afirmar que os equipamentos de hospedagem são uma das formas de materialização espacial do turismo.

Desde já, é importante esclarecer que o presente trabalho adotou as terminologias meio de hospedagem equipamentos de hospedagem e estabelecimentos de hospedagem como sinônimos. Referem-se a empresas que oferecem estrutura física e de serviços adequadas para receber hóspedes.¹

Do mesmo modo que o turismo, os meios de hospedagem também evoluíram e se adaptaram às novas necessidades da atividade ao longo dos tempos. Entre as várias mudanças ocorridas na atividade turística e no setor hoteleiro, destacam-se a segmentação e a especialização, em função de determinados mercados, que resultaram numa diversidade de tipos de turismo e de tipologias hoteleiras. Dentre estas, o presente trabalho estudou as pousadas, por se tratar de estabelecimentos de menor porte e amplamente utilizados na área de estudo: os distritos do sul da Ilha de Santa Catarina.

É importante avaliar de que forma a infraestrutura turística, necessária para o desenvolvimento da atividade, interfere na paisagem, pois pode-se afirmar que esta é um dos elementos que despertam a motivação de uma viagem, constituindo um dos principais fatores para o surgimento e a consolidação de um destino turístico. Desse modo, a presente pesquisa buscou definir e analisar os impactos causados pelas pousadas na paisagem. Para isso, foi necessário avaliar a projeção desse meio de hospedagem na configuração da paisagem do município, além

¹ O tópico 3.3, do presente trabalho, apresenta de forma mais detalhada os critérios adotados pela Empresa Brasileira de Turismo, atual Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (1998), para definir os meios de hospedagem.

da dimensão físico-espacial dos empreendimentos; buscou-se o levantamento dos aspectos funcionais e formais e de algumas características econômicas e sociais desses equipamentos de hospedagem turística.

1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO

Uma boa maneira de ilustrar a inegável relação entre o desenvolvimento turístico de uma região e sua paisagem é a constatação de que uma das principais motivações dos turistas é a busca pela quebra da rotina. E “para muitos a melhor forma de conseguir esta ruptura é através da mudança física de lugar, uma atitude que está na essência do turismo” (PIRES, 2007, p. 1).

Assim, é importante avaliar os impactos das atividades turísticas nas paisagens em que ocorrem, a fim de garantir a qualidade e a realização do turismo de modo sustentável e responsável, uma vez que, como afirma Pires (2007),

a paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística. Seu estudo, particularmente nos aspectos de qualidade, fragilidade e de impactos visuais, é de grande valor para o desenvolvimento turístico, seja em destinações ou regiões turísticas onde já se verifica tal processo, seja naquelas onde o mesmo ainda é insipiente, mas apresenta potencial de crescimento. (PIRES, 2007, p. 2)

Segundo o dicionário Aurélio, paisagem é “um espaço de terreno que se abrange num lance de vista”; todavia, essa definição não deixa claro todos os aspectos do termo, uma vez que a paisagem é a relação entre o indivíduo e o ambiente (PELLEGRINO, 1989). Ou seja, ela engloba os aspectos geomorfológicos do terreno, hidrológicos, climáticos, ecológico, socioeconômicos, entre outros. Assim, a paisagem

enquanto realidade é o resultado da produção do trabalho do homem de diferentes épocas; não sendo um todo acabado e pronto, vai se formando através de acréscimos e substituições de objetos, transformando-se numa herança de momentos,

respondendo diferentemente às demandas sociais.
(BUENO, 2006, p. 50)

Uma análise ou avaliação sobre como o turismo interfere na paisagem é relevante sob a perspectiva de planejamento, tanto turístico como urbanístico, permitindo, assim, melhor fundamentação na tomada de decisões, a fim de se evitar que a atividade turística ocorra de modo a causar a detração da qualidade paisagística, através do seu deterioramento ou sua demasiada exploração. Para o desenvolvimento turístico de uma região, é importante que a paisagem não seja modificada de forma negativa; caso contrário, ela pode deixar de ser atrativa turisticamente.

A análise do impacto do turismo na paisagem de Florianópolis é útil, pois o município apresenta importante desenvolvimento nessa atividade desde a década de 1980. Naquela época, a capital presenciou significativa expansão na atividade turística, e em 1988/89 já era a terceira cidade brasileira mais visitada por turistas estrangeiros, segundo a Embratur.

Como afirma Bueno (2006), o desenvolvimento turístico e urbano ocorreu concentradamente no tempo e no espaço, resultando num processo conhecido como urbano-turístico, que, “ao se expandir, apresenta-se como o principal vetor das profundas alterações no território e na paisagem” (BUENO, 2006, p. 27). Em alguns lugares, na Ilha de Santa Catarina, onde o turismo foi amplamente explorado, como no norte, é perceptível o impacto na paisagem, no processo urbano-turístico, como a verticalização na orla marítima no Balneário de Ingleses e Canasvieiras e a ocupação desmedida de planícies de restinga.

Além do impacto paisagístico, o turismo trouxe a Florianópolis transformações na dinâmica socioeconômica da cidade e induziu diversas implicações desfavoráveis ao modo de ocupação na Ilha de Santa Catarina, entre as quais podem-se citar:

- O surgimento de vários loteamentos clandestinos, sem planejamento e infraestrutura;
- A ocupação indiscriminada de áreas preservadas;
- A ocupação da faixa da praia por propriedades particulares, dificultando ou impedindo o acesso público;
- A favelização das encostas dos morros na zona central; e
- Uma arquitetura especulativa, principalmente no norte da ilha.

(MARTINS, 2004, p. 169)²

No aspecto cênico da paisagem, é possível perceber diversos exemplos de impactos significativos devido à implantação de novas edificações da orla balneária. Muitas dessas edificações resultam da oferta de equipamentos de hospedagem turística. Conjuntos cênicos, exemplares da paisagem insular, têm sofrido alteração na silhueta natural ou pouco artificializada, recebendo ocupações de edificações de porte avantajado, em relação ao local de inserção, seja pelo volume ou pela ocupação do solo. Como exemplo pode-se ver na Figura 1 a massa edificada do Resort Costão do Santinho, destoando do entorno.



Fonte: Acervo da autora (2010).

Figura 1 - Impacto do Resort Costão do Santinho na paisagem.

Outros problemas estão relacionados com o período de alta temporada, que compreende janeiro e fevereiro, época em que a cidade recebe elevado número de turistas, apresentando sérios problemas, como muito tráfego de veículos e comprometimento no abastecimento de água e energia elétrica, devido à infraestrutura incompatível com a demanda.

Esses problemas retratados expeditamente mostram que:

o modelo de desenvolvimento da atividade turística e seu reatamento no espaço, pensado e posto em prática pelas administrações públicas, tem sido estreitamente influenciado por estruturas de organização empresarial vinculadas à construção civil e à atividade imobiliária, resultando em um padrão de ocupação de território cujos custos ambientais sociais e

² Traduzido pela autora.

econômicos são de tal monta que coloca em xeque o seu próprio desenvolvimento.
(BUENO, 2006, p. 27)

Dessa forma, deixando de lado as implicações da especulação imobiliária, que não é o objeto central de estudo desta pesquisa, pode-se afirmar que se faz necessário a previsão e o incentivo a novas formas de exploração da atividade turística no município, uma vez que o modo atual não condiz com a estrutura física e espacial da ilha. Entre as inúmeras atividades relacionadas e necessárias à prática do turismo, optou-se pelo estudo dos meios de hospedagem, um dos setores essenciais e ponto fundamental para o seu desenvolvimento. Como será apresentado nos capítulos 2 e 3 deste trabalho, o meio de hospedagem tende a ser compatível com o tipo de turismo desenvolvido numa área, pois cada forma de desenvolvimento dessa atividade apresenta características e necessidades distintas, e os meios de hospedagem, por sua vez, apresentam características físicas e serviços condizentes com essas singularidades.

Por esta razão, a área de estudo, os distritos que compõem o sul da Ilha de Santa Catarina (Campeche, Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha) foram selecionados para a pesquisa. O fato de a atividade turística ainda não ter sido explorada maciçamente na região, e por estarem em processo de ocupação suburbana, restando grandes áreas livres de interesse paisagístico, permite que se busque um planejamento urbano-turístico mais condizente com a estrutura física da região, a fim de evitar o que ocorreu ao norte da ilha, que passou por uma intensa ocupação e especulação imobiliária, induzidas pela atividade turística, que foi intensamente explorada na região. Isso resultou, principalmente na alta temporada, em problemas relacionados à falta de infraestrutura local e física, que, naturalmente, não comporta o acréscimo advindo da população flutuante.

Dentre os meios de hospedagem, optou-se pelas pousadas, devido ao seu expressivo número na cidade. Conforme a lista de associados à ABIH (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis) – SC, a capital, Florianópolis, apresenta, em 2010, 44 hotéis (51,95%), 34 pousadas (44,15%) e 3 *resorts* (3,90%), totalizando 77 estabelecimentos destinados à hospedagem.³ Além do fator quantitativo, as pousadas apresentam características condizentes com a nova tendência do turismo

³ Deve-se ressaltar a defasagem entre este cadastro e a realidade local, constatada ao longo da pesquisa, no período de 2010 a 2011.

mundial, o turismo segmentado, que será tratado detalhadamente no próximo capítulo.

Segundo Alcántara e Longa (1999), as pousadas foram estabelecidas em 1800 a.C., no Código de Hamurabi, que fez referência ao ofício dos donos das tabernas, os quais ofereciam em sua habitação comida e bebida e, às vezes, uma cama, oferecendo pouso ao visitante.

Apesar de a pousada ser um meio de hospedagem usado há milhares de anos, após extensa pesquisa bibliográfica realizada ao longo deste trabalho, pode-se afirmar que esse tema apresenta inúmeras lacunas a serem estudadas. Dessa forma, ainda não são expressivos os estudos dessa tipologia na bibliografia. Na internacional, destaca-se o trabalho de Alcántara e Longa (1999) sobre a Gestão Estratégica das Pousadas na Venezuela. Como consequência, as definições dessa tipologia são vagas e não contemplam a diversidade de estabelecimentos que se autodenominam pousadas.

Conforme Alcántara e Longa (1999), o Programa de Pousadas formalizado pela Corporação de Turismo da Venezuela em 1993 define pousada como:

Uma instalação receptiva de pequena escala, localizada em cidades, áreas rurais, praias e estradas em rotas de circuitos turísticos, administrados por uma família ou pequenos empresários, destinadas a satisfazer a demanda de serviços de alojamentos e alimentação. (ALCÁNTARA; LONGA, 1999, p. 23)⁴

Já Zanella e Angeloni (2006) estabelecem pousadas como:

ambiente construído, de pequeno porte, de arquitetura simples e em harmonia com o entorno, que busca através da prestação de serviços de hospedagem, alimentação e lazer, satisfazer uma clientela específica de forma personalizada e criativa. (ZANELLA; ANGELONI, 2006, p. 255)

No Brasil, o conceito de pousadas, segundo os órgãos oficiais de turismo, era o de meios de hospedagem situados em prédios de valor histórico-cultural.

⁴ Traduzido pela autora.

Essa especificidade já não se ajusta à realidade, uma vez que a EMBRATUR⁵, em 1998, classificou as pousadas como um tipo de meio de hospedagem e definiu-as como:

meio de hospedagem de aspectos arquitetônicos e construtivos, instalações, equipamentos e serviços mais simplificados, normalmente limitados, apenas, ao necessário à hospedagem do turista para aproveitamento do atrativo turístico junto ao qual o estabelecimento se situa.

(EMBRATUR, 1998, p. 5)

De acordo com esse órgão, as pousadas podem ser classificadas nas seguintes categorias: Standard Superior (3 ☆), Standard (2 ☆) e Simples (1 ☆), estando sua infraestrutura obrigatória restrita à hospedagem.

É interessante ressaltar que a EMBRATUR apresenta uma matriz de classificação do tipo de hotel; entre as características exigidas para um meio de hospedagem padrão simples (1 ☆), que é a menor classificação de uma pousada, estão:

1. Serviço de reserva, recepção, limpeza e arrumação num período de 12 horas por dia.
2. Área ou local específico para o serviço de portaria / recepção/*lobby*.
3. Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria.
4. Limpeza diária.
5. Frequência de troca de roupas de cama e de banho: a cada mudança de hóspede e duas vezes por semana, entre outras.

Dessa forma, neste trabalho, foram consideradas pousadas apenas os meios de hospedagem de pequeno porte⁶, situados em áreas onde há atividade turística, com administração familiar ou de pequenos empresários, que prestam serviços de hospedagem e oferecem serviços de limpeza nas unidades habitacionais – Uhs – durante a estadia dos hóspedes, podendo isso ocorrer diariamente ou em períodos mais longos.

⁵ Deliberação Normativa nº 387, de 28 de janeiro de 1998, da EMBRATUR.

⁶ O presente trabalho considerou estabelecimentos de pequeno porte os que possuem até 30 unidades habitacionais.

A listagem completa das características estabelecidas pela EMBRATUR (1998) para o padrão simples está no Anexo 1. Todavia, vale ressaltar que não se exige servir café da manhã nesse tipo de meio de hospedagem, uma vez que não é obrigatória a existência de ambiente para café da manhã/refeições leves, assim como de áreas para seu preparo. Caso sejam oferecidos, a legislação exige que se apresente qualidade em níveis compatíveis com a categoria do estabelecimento.

As pousadas podem ser, segundo Alcántara e Longa (1999), uma alternativa viável de desenvolvimento no setor de hospedagem turística,

devido a sua alta capacidade de inovação, vinculadas aos conceitos e diretamente às práticas, como: a estrutura (arranjos e especificações dos componentes), função (usos) e impactos (individuais, coletivos, econômicos, sociais e culturais) e como um produto/serviço turísticos. (ALCÁNTARA; LONGA, 1999, p. 24)⁷

Além de serem um investimento menor, em termos de terrenos, instalações físicas e equipamentos, as pousadas possuem baixo custo operacional, menor número de empregados, entre outros. O fato de oferecerem aos seus clientes apenas estruturas e serviços básicos induz os hóspedes a satisfazerem suas necessidades através das demais organizações estabelecidas no ambiente imediato. Dessa forma, geram outros benefícios para a região.

1.2 PERGUNTAS DA PESQUISA

A problemática explicitada anteriormente evidencia a necessidade de estudar as pousadas como meio de hospedagem capaz de se adequar às novas exigências do turismo, além de avaliar a importância da paisagem para o turismo e analisar a inter-relação desses assuntos. Assim, esta pesquisa visou à resposta das seguintes perguntas:

1. Quais as características das pousadas na área de estudo?
2. Qual o impacto paisagístico das pousadas no sul da Ilha de Santa Catarina?

⁷ Traduzido pela autora.

1.3 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho foi analisar um determinado tipo de meio de hospedagem – as pousadas – por meio do estudo de seu impacto na configuração da paisagem do entorno.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar a interferência paisagística das pousadas no entorno, com ênfase no impacto paisagístico cênico.
- b) Descrever as características físico-espaciais e as singularidades das pousadas na área de estudo.
- c) Desenvolver um quadro-síntese das pousadas dos distritos do Campeche, do Pântano do Sul e do Ribeirão da Ilha, a fim de determinar as características mais recorrentes.
- d) Analisar a relação das pousadas com seu sítio de implantação, seu programa arquitetônico⁸ e suas características formais adotadas.

1.5 MÉTODOS E TÉCNICAS

O presente trabalho traz uma abordagem qualitativa/ comparativa/ descritiva, principalmente sobre o aspecto arquitetônico e funcional das tipologias dos meios de hospedagem. Os dados são apresentados predominantemente de forma descritiva, dissertativa e esquematizada em elementos gráficos (tabelas comparativas, esquemas de ocupação/ implantação e aspectos arquitetônicos).

⁸ Programa arquitetônico, também chamado de programa de necessidades ou simplesmente de programa, é definido por Albarnaz e Lima (1998) como: “1. Espaço arquitetônico definido de acordo com o conjunto de atividades sociais e funcionais nele exercido e com o papel que representa para a sociedade. Os programas arquitetônicos modificam-se no tempo segundo as novas necessidades criadas pelo homem. 2. Classificação, em termos genéricos ou minuciosos, divisão em ambientes, recintos ou compartimentos, requerida para que um edifício tenha um determinado uso”. É usado nas fases iniciais do projeto a fim de nortear as decisões a serem tomadas, sendo um dos principais determinantes do projeto, juntamente do partido, do sítio e das restrições legais.

1.5.1 Técnicas de pesquisa

- Pesquisa Bibliográfica

Análise bibliográfica, visando alicerçar a pesquisa em informações de caráter técnico, abrangendo os assuntos-chave: turismo; turismo e paisagem; arquitetura hoteleira; turismo e hotelaria em Florianópolis; tipologias hoteleiras com ênfase nas pousadas; elementos paisagísticos e projetuais que serão analisados nos estudos de caso, entre outros. Buscou-se bibliografia em teses, dissertações, livros, artigos publicados em revistas e/ou eventos, entre outros, relacionados ao assunto, tanto nas bases nacionais como internacionais.

- Pesquisa Documental

Além de documentos que possam enriquecer o trabalho sob o aspecto histórico, a ênfase foi dada aos documentos relacionados aos objetos de estudo, como fotos antigas e atuais, representação gráfica dos projetos, documentos que tragam informações sobre seu atual funcionamento, mapas da região, fotos aéreas de diversas épocas, que representem o processo de ocupação, no sul da ilha, entre outros.

- Pesquisa de Campo

O trabalho em campo consistiu na realização dos estudos de todas as pousadas dos distritos, através de visitas *in loco* e entrevistas semiestruturadas com os proprietários ou responsáveis pela administração dos empreendimentos.

As visitas *in loco* tiveram por objetivo compreender a estrutura dos empreendimentos analisados, seu funcionamento, aspectos construtivos, configuração dos espaços, entre outros. Desenvolveu-se um roteiro de observação, não participante sistemático, que foi preenchido durante as observações dos ambientes, a fim de que os mesmos aspectos fossem analisados em todos os empreendimentos.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com os proprietários e/ou funcionários das pousadas visaram elucidar os aspectos analisados, que estão listados adiante. Como a pesquisa não objetivou a percepção dos hóspedes em relação às pousadas, e sim a configuração espacial e serviços oferecidos, os usuários não foram abordados ao longo do trabalho.

As informações apuradas durante as observações em campo foram organizadas em formulários. As entrevistas foram gravadas por um aparelho MP3 Player, e o áudio, armazenado para futuras análises. Registros fotográficos e esquemas gráficos que representavam,

esquemáticamente, os principais pontos de cada projeto foram realizados durante a visita às pousadas.

Para as visitas *in loco*, inicialmente, foi elaborada uma lista de pousadas existentes na área. O banco de dados foi criado a partir de pesquisas na web. Primeiramente, foram levantadas aquelas que faziam parte de associações, sindicatos ou organizações da área, como o Instituto Brasileiro da Indústria de Hotéis - ABIH; Sindicato de hotéis, restaurantes, bares e similares de Florianópolis; e Associação das Pousadas de Florianópolis- POUSAR. Posteriormente, novas pousadas foram listadas, utilizando-se dos sites de buscas. Optou-se por realizar as visitas a pé e questionar habitantes da região sobre a existência de outras pousadas, a fim de facilitar a abrangência de todos os estabelecimentos.

As visitas não foram previamente marcadas, como estratégia de permitir a visualização do local durante a rotina, sem a possível preparação do ambiente; por tratar-se de meio de hospedagem, segundo a EMBRATUR (1998), os serviços de recepção devem permanecer em funcionamento, no mínimo, 12 horas por dia, o que garante o estabelecimento estar aberto durante o período comercial.

Após as visitas em campo, foram elaboradas fichas individuais das pousadas (conforme exemplifica o Anexo 2), contendo as informações coletadas durante as visitas *in loco* e das entrevistas semiestruturadas. Essas fichas contemplam os aspectos de análise preestabelecidos neste capítulo inicial. Nos fichamentos há mapas de implantação de cada pousada, com o objetivo de mostrar a inserção desta na malha urbana, destacando-se a distância entre o estabelecimento e as principais ruas dos distritos, assim como a distância até a praia mais próxima. Além de imagens aéreas, utilizadas para representar a forma de uso e ocupação do solo, no entorno imediato, em cada situação.

Essas informações foram organizadas em uma tabela-síntese dos levantamentos.

1.5.2 Aspectos analisados

Durante a pesquisa de campo, buscou-se levantar aspectos que permitissem uma compreensão geral das pousadas, desde sua configuração interna até sua inserção na paisagem. Para isso, durante a visita *in loco* e as entrevistas com os proprietários e/ou funcionários, buscou-se levantar os seguintes aspectos:

1. **Aspectos do sítio e implantação:** através do desenvolvimento de ficha técnica; descrição da localização, dos visuais e modo de implantação.
2. **Aspectos Formais e Espaciais:** a disposição dos ambientes, a volumetria do edifício; conceito/partido arquitetônico adotado; sistema de circulação; setorização, entre outros.
3. **Aspectos de serviços:** quantidade e qualidade dos serviços oferecidos e das atividades complementares – lazer e esporte.
4. **Aspectos construtivos:** modulação/forma de acoplamento, entre outros.
5. **Aspectos de ambiência:** identificaram-se as características específicas de cada estabelecimento, como: paisagismo, estacionamento, temático, entre outros.
6. **Aspectos de sustentabilidade:** se durante a construção e/ou a gestão do empreendimento há ações que visam à sustentabilidade, como: reutilização de material durante a construção, racionalização da construção, sistema de reutilização de água da chuva, separação e/ ou reciclagem do lixo, utilização de lâmpadas econômicas, aquecimento solar, opção de não trocar a roupa de cama e banho diariamente, entre outros.
7. **Aspectos socioeconômicos:** se se trata de um empreendimento familiar ou de uma empresa; número de empregados; se operam com cartão de crédito, entre outros.

Os instrumentos adotados durante a pesquisa de campo – visita *in loco* e entrevistas semiestruturadas – possibilitaram que esses aspectos fossem elucidados através da observação do pesquisador e das considerações dos entrevistados.

1.5.3 O estudo do impacto paisagístico na implantação das pousadas

Como afirmado ao longo deste capítulo, a paisagem e o turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A vocação turística de

uma região, na maioria das vezes, está diretamente relacionada com sua paisagem, definida conforme o nível de qualidade dos recursos naturais e culturais proporcionados ao turismo.

Embora se faça necessária a análise do impacto do turismo em uma região, a fim de definir como o modelo de desenvolvimento dessa atividade interfere na paisagem, a bibliografia sobre procedimentos metodológicos a serem aplicados nesse tipo de pesquisas é escassa. Destaca-se, nessa área, Paulo dos Santos Pires, que busca desenvolver trabalhos que visam preencher tal lacuna.

A análise da interferência de elementos na paisagem é interessante, pois é considerada por Pires (2007) também como uma categoria-síntese indicadora do estado de qualidade do ambiente, uma vez que retrata as demais variáveis do ambiente biofísico, que são: geologia/geomorfologia, vegetação, hidrografia, atividades humanas, clima e fauna.

Como elencado anteriormente, optou-se pela análise da interferência das pousadas, com ênfase no impacto paisagístico cênico. Todavia, vale esclarecer que Pires (2007) aponta, além deste, outros enfoques de abordagem dos estudos da paisagem em sua dimensão estética ou visual, aplicados ao planejamento turístico, que são: qualidade visual e fragilidade visual.

Conforme Litton (1972)⁹ *apud* Pires (2003), a qualidade visual (cênica) é o valor dado a uma paisagem mediante a sua observação, em resposta aos seus estímulos visuais, emanados esteticamente das formas topográficas e dos elementos da superfície da terra. Define a fragilidade visual da paisagem como sendo um critério de avaliação de sua vulnerabilidade, diante de atuações humanas ou de outros fatores de risco, causadores da perda de sua qualidade visual preexistente; e os impactos visuais são determinados como o dimensionamento da repercussão visual na paisagem, de intrusões advindas de atividades humanas.

Alguns elementos visuais da paisagem definidos por Pires (2001) são: a forma (volume), linha, cor, textura, escala e espaço. A definição de cada elemento adotada pelo autor encontra-se no Anexo 3.

Segundo Pires (2007), algumas características da paisagem contribuem para a determinação da qualidade visual, suas ocorrências isoladas ou combinadas com diversos componentes biofísicos, e despertam a motivação e a consolidação de destinos turísticos, sendo

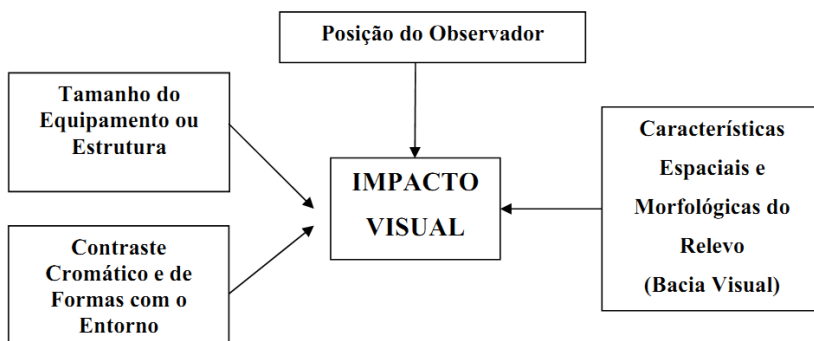
⁹ LITTON JR., R. B. "Aesthetic Dimensions of the Landscape", em KRUTILLA, J. V. (ed.). *Natural environments: studies in theoretical and applied analysis*. Baltimore: John Hopkins, 1972.

elas: diversidade, naturalidade, singularidade, amplitude das vistas, entre outras. A definição de algumas dessas características encontra-se no Anexo 4.

Para a análise dos impactos visuais na paisagem dos meios de hospedagem estudados, adotou-se o esquema desenvolvido por Pires (2007):

Os impactos visuais nos espaços turísticos são função direta do tamanho e do contraste das intrusões visuais advindas da implantação de equipamentos e estruturas voltadas para o lazer e o turismo, assim como das características espaciais e morfológicas do relevo (bacia visual) da área de alcance visual dos mesmos. (PIRES, 2007, p. 10)

Na Figura 2, o autor esquematiza tais elementos de análise, adotados pela autora durante a análise da inserção das pousadas na paisagem:



Fonte: PIRES (2006) *apud* PIRES (2007, p. 8).

Figura 2 - Elementos a serem considerados na análise do impacto visual.

Assim, o levantamento dos dados durante as visitas *in loco* e sua análise ao longo desta pesquisa tiveram como base a Figura 2, desenvolvido por Pires (2007), porém com algumas peculiaridades: o pesquisador/ observador posicionou-se nas principais vias de acesso às pousadas e da praia para definir as bacias visuais de análise da inserção dos estabelecimentos na paisagem, pelo fato de que as vias são importantes no percurso perceptivo. Os elementos e características da paisagem que contribuem para a determinação da qualidade visual elencados por Pires (2007) foram usados como meios de descrição da paisagem, e não como critério de avaliação.

O presente trabalho adotou a percepção do pesquisador para analisar a inclusão das pousadas na paisagem, e seu impacto no entorno, especialmente quanto ao impacto paisagístico cênico. Vale ressaltar que, conforme pondera Fernández¹⁰ em Pires (2007), diante da relatividade do impacto na qualidade visual de uma área, a avaliação se dá através de critérios baseados em juízo de valor pessoal e profissional, com resultados evidentemente subjetivos.

1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação foi organizada em cinco capítulos, seguidos das referências usadas no trabalho e respectivos anexos.

O primeiro capítulo apresenta as perguntas da pesquisa, objetivos (geral e específicos), justificativa e relevância do tema proposto, assim como a metodologia utilizada ao longo da pesquisa e os aspectos analisados.

O segundo capítulo – *Turismo e Paisagem* – aborda a evolução e a definição do turismo, tanto em nível mundial como nacional, que resultou na sua diversidade, da mesma forma que diversificou os tipos de turista. Entre as formas dessa atividade, destacamos o turismo de massa e o segmentado, a fim de definir suas singularidades e implicações na área de influência. Por fim, trata das infraestruturas necessárias para o desenvolvimento do turismo. Buscou-se relacionar a evolução do turismo e as alterações sofridas na forma de perceber a paisagem ao longo do tempo.

O terceiro capítulo aprofunda o estudo em uma das infraestruturas essenciais para o desenvolvimento dessa atividade: os meios de hospedagem. Apresenta, outrossim, a evolução e a definição desta no mundo e no Brasil, a fim de explicar a respeito das alterações que ocorreram ao longo do tempo que induziram a diversificação dos meios de hospedagem e sua classificação. Entre estes, as pousadas são apresentadas de forma mais detalhada. Por fim, descreve-se a tendência de estudo dos meios de hospedagem, como alojamento hoteleiro, que amplia a área de análise, do estabelecimento ao seu entorno onde está inserido.

O quarto capítulo engloba os assuntos anteriormente tratados, o turismo e os meios de hospedagem, na área de estudo, região sul da Ilha

¹⁰ A. R. Fernández, *Planificación física y ecología: modelos y métodos* (Madri: Emesa, 1979)

de Santa Catarina. Neste capítulo, além da evolução e regulamentação do turismo em Florianópolis, é abordado o desenvolvimento da hotelaria no município, com ênfase nos distritos analisados. Neste, encontra-se o estudo das pousadas, realizado em diversas escalas de análise.

O capítulo final correlaciona as características encontradas durante a análise das pousadas nos respectivos distritos, apresentando as considerações finais da pesquisa, bem como as recomendações para futuros trabalhos.

2 TURISMO E PAISAGEM

O presente capítulo objetivou relacionar o turismo e a paisagem, uma vez que “o estudo da paisagem como um fator primordial para atividade turística ainda é pouco expressivo. Talvez por não se considerar o quanto ela é importante e fundamental dentro do contexto da atividade.” (BOLSON, 2004, p.1)

Dessa forma, serão apresentadas, inicialmente, algumas considerações sobre essa relação: turismo e paisagem.

A paisagem associada ao turismo é entendida como bem econômico de aproveitamento coletivo, com caráter não exclusivo, isto é, tem uso público, e não exclusivo, ou seja, deve ser fruída por todos e de modo gratuito, nem seu gozo diminui a sua disponibilização por outros indivíduos (exceto em casos de congestão turística). (BUENO, 2006, p. 67)

Segundo Luchiari (2000), alguns autores erram ao afirmar que as paisagens são recursos não renováveis e, portanto, podem ser extintas, uma vez que “as paisagens são construídas socialmente, elas não se esgotam – o que se esgota ou degrada é um determinado recurso natural ou determinados usos das paisagens” (LUCHIARI, 2000, p. 120). A autora afirma ainda que a paisagem “se reproduz, renova-se, regenera-se, tal qual as sociedades” (LUCHIARI, 2000, p. 120). E alerta também que algumas alterações, que são vistas

como declínio dos lugares turísticos, como o adensamento das residências, das infra-estruturas, pela concentração de pessoas e pelo apinhamento das paisagens pode ser sinal de uma transformação histórica dos lugares, os quais deixam para trás a determinação turística para produzir um novo lugar, em conexão sistêmica com o mundo. (LUCHIARI, 2000, p. 121)

Todavia, essa afirmação não contesta ou minimiza o impacto que o turismo promove na paisagem, sendo que:

O turismo se insere com maior ou menor força em muitas variedades de paisagens extremamente

diferentes com um impacto espacial que supera, de longe, o impacto de numerosas atividades industriais (Lozato – Giotart, 1990, p. 8)¹¹; isto é, passou ‘do espaço contemplado para o espaço consumido’, pois a paisagem é uma realidade cultural que é objeto não só de observação, mas também de utilização, com fins econômicos. Para ser objeto de contemplação, positiva ou negativa, o solo turístico é intensamente urbanizado. Definitivamente, o turismo suscita problemas em relação ao meio, tais como: a especulação do solo, o congestionamento urbano-turístico e a poluição natural, cultural e social. (ASCANIO, 2003, p. 120)

Vale ressaltar que “as paisagens turísticas só existem *em relação* à sociedade. Elas não existem *a priori*, como um dado da natureza. Mesmo a vocação de uma região faz parte de uma seleção de atributos, que a sociedade elege historicamente.” (LUCHIARI, 2000, p. 120)

Assim, ao longo do próximo tópico, buscou-se relacionar a evolução do turismo e as alterações sofridas na forma de perceber a paisagem, a fim de desvendar, através das pesquisas bibliográficas que descrevem a evolução da atividade turística, o que levou uma determinada paisagem a ser valorizada turisticamente. Ou seja, buscou-se desvendar essa relação entre a sociedade e a paisagem turística abordada por Luchiari (2000), explanada no parágrafo anterior.

Entretanto, deve-se salientar que a bibliografia que trata desse assunto é restrita; há estudos que retratam a importância da paisagem para o turismo, como mencionado anteriormente, sob a ótica da paisagem como atrativo turístico e as alterações sofridas nas paisagens devido ao desenvolvimento turístico. Contudo, pode-se supor que são escassas as pesquisas que abordam a importância da paisagem e as alterações no modo dos viajantes e turistas de perceberem-na. Dessa forma, o próximo tópico constitui uma primeira abordagem sob essa perspectiva de estudo.

2.1 RELAÇÃO ENTRE TURISMO E PAISAGEM AO LONGO DA HISTÓRIA

¹¹ LOZATO-GIOTART, J.P. (1988). *Lanzarote: Arquitetura inédita*. Arrecife: Cabildo Insular de Lanzarote.

Por se tratar de uma prática responsável por mudanças socioeconômicas, desde o nível local até o mundial, o turismo teve seus motivos e conceituações modificadas ao longo do tempo.

A conceituação de turismo tornou-se complexa, conforme alerta Santana (1996, p.5), ao tentar defini-lo “corre-se sempre o risco de aprisionar o conteúdo do objeto de análise em continente que não permita a percepção de todos os seus aspectos importantes”. Como não existe uma definição que seja universalmente aceita, optou-se, então, por buscar uma que seja suficientemente abrangente. A Organização Mundial de Turismo – OMT (2011) o define como:

O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico, que implica a circulação de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual para fins pessoais ou de negócios e profissionais.¹²

Assim, percebe-se que as conceituações mais atuais tendem a abranger os novos segmentos dessa atividade, como o turismo: religioso, esportivo, de aventura, de shows, de feiras e congressos, e inúmeros outros.

Tornou-se difícil definir o marco inicial dessa prática, que alguns autores ponderam ter-se iniciado na Antiguidade Clássica, com os Jogos Olímpicos, enquanto outros consideram que se pode falar em turismo apenas a partir do século XIX, após a Revolução Industrial.

Parte desse conflito deve-se à difícil diferenciação entre turismo e viagem. Apesar de ambos serem caracterizados pelo retorno, por ser um deslocamento de ida e volta, como afirma Barretto (2009, p.13) “(...) viagem não é a mesma coisa que turismo. O turismo inclui a viagem apenas como uma parte, havendo muitas viagens que não são de turismo. (...) [Algumas viagens] podem ser, mais do que um prazer, compromissos sociais.”

Conforme Barretto (2009, p. 44), as viagens fazem parte da “proto-história do turismo [que] pode situar-se na antiga Grécia, entre os fenícios, na antiga Roma, ou até milhões de anos atrás.”

O primeiro relato de uma viagem, de ida e volta, foi encontrado numa série de placas de argila, referente ao Império Assírio. Algumas motivações das viagens foram: para obter alimentos (13 mil anos a.C.), de prazer (realizada pelos romanos-homens livres, até o século II d. C.),

¹² Tradução da autora.

religiosas (as peregrinações e cruzadas), comerciais, de descoberta (século XV), entre outras.

Um dos principais viajantes foi Heródoto, que, após ser desterrado, começou sua longa viagem pelo mundo conhecido, visitou as regiões do Império Persa para escrever a história da guerra entre gregos e persas e catalogou as sete maravilhas do mundo. A realização dessa lista permite supor que a paisagem já despertava seu interesse durante as viagens. Na Idade Média, poucas pessoas se lançavam às viagens, já que estas eram desconfortáveis, ou seja, não era algo realizado com prazer, pois as estradas eram deficientes e perigosas, devido aos frequentes assaltos, quando não inexistentes. Concomitantemente, as hospedarias eram desconfortáveis, e o transporte era precário, caro e inexpressivo. Naquela época, a paisagem era desvalorizada, uma vez que não havia a valorização da natureza, a infraestrutura era precária e, devido ao modo de organização social e político predominante na Europa, o feudalismo, a maioria da população era pobre.

Após o renascimento, a aristocracia europeia, passou a enviar seus filhos por longas viagens, de cunho educacional, pelo continente. Essas viagens, denominadas *Grand Tour*, tinham como um dos roteiros Paris e um circuito pelas principais cidades italianas – Roma, Veneza, Florença e Nápoles, nessa ordem de importância, conforme Salgueiro (2002). Segundo a autora, com o passar do tempo, essa atividade foi gradativamente gerando uma infraestrutura voltada ao seu público.

Pouco a pouco as atividades de transporte, hospedagem e de guia foram se estruturando em serviços especializados, até se tornarem campos de atuação profissional, conduzidos por ‘especialistas’, como ocorre atualmente. (SALGUEIRO, 2002, p. 307)

Da época do *grand tour* provêm os relatos que valorizam e retratam a paisagem, apesar de a natureza ainda ser vivenciada com medo e insegurança. Havia também o interesse pela paisagem construída, representada pela valorização da arte, arquitetura e antiguidades, como sintetiza o relato de um viajante a Roma, transcrito por Salgueiro:

Caminhando-se, parando aqui e ali, por toda parte descortinam-se a nossa frente paisagens de todos os tipos, palácios e ruínas, jardins e matas, amplidão e exiguidade, casinhas, estábulos, arcos

do triunfo, colunas, e com frequência, tudo junto e tão próximo que se poderia desenhar o conjunto numa única folha de papel. (SALGUEIRO, 2002, p. 294)

O meio de transporte – lombos dos animais, carroças, carruagens e, principalmente, quando carregados por outros humanos em cadeiras – permitia ao viajante aproveitar a oportunidade para apreciar as belezas cênicas da paisagem, uma vez, que segundo essa autora, o meio de transporte influencia o olhar do viajante:

Os meios de transporte, sempre lentos, a travessia de passes nos Alpes em cadeiras, no lombo de mulas ou mesmo a pé, foram condições técnicas de transporte com irrefutável influência sobre o olhar do viajante, um olhar cuja qualidade era necessariamente outra que a do viajante do século 19, que já percorria a paisagem dentro de um trem a vapor e, depois, pela autoestrada, em que as coisas vistas se tornavam um ‘borrão’. Na velocidade que a técnica lhe permitia, o *grand tourist*, ao contrário, dispunha da chance de ver lentamente e admirar-se com alturas nunca antes experimentadas em uma paisagem nativa. (SALGUEIRO, 2002, p. 306)

De acordo com diversos autores, como Molina (2005) e Barretto (2009), a história do turismo pode ser dividida em vários períodos, sendo o do *grand tour* uma das etapas prévias do turismo organizado, enquanto atualmente vivencia-se a etapa do pós-turismo. O consenso é de que o turismo moderno (organizado) começa associado ao lazer das burguesias emergentes após a revolução industrial e ao surgimento do capitalismo.

Barretto (2009, p. 43) afirma que “o conceito *turismo* surge no século XVII na Inglaterra, referindo-se a um tipo especial de viagem” no século XVIII, o turismo evidencia a época do turismo “romântico”, quando as pessoas deixam de ver a natureza como algo selvagem, horrível, e passam a valorizar as montanhas, a natureza. O turismo passa a ser um meio de contemplação da paisagem. De forma que

o final do século XVIII e todo o século XIX estará marcado pela nova motivação: o prazer do descanso e da contemplação das paisagens da montanha. Este tipo de turismo de contemplação

da natureza terá cada vez mais adeptos como resultado da deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbano-industriais. (BARRETTO, 2009, p. 51)

Percebe-se, assim, uma alteração drástica na forma de perceber a paisagem: antes do turismo, na Idade Média, a natureza é vista como algo ameaçador, sua contemplação não era valorizada, enquanto na Idade Moderna, com o surgimento do capitalismo e as novas necessidades impostas à sociedade, a natureza passa a ser valorizada e contemplada, em resposta à baixa qualidade de vida vivenciada nos grandes centros. Todavia, percebe-se que a bibliografia refere-se apenas à paisagem dita natural; ainda não há registro que comprove ou demonstre o interesse pela paisagem urbanística¹³ – esta ainda não é apontada como indutora da atividade turística.

Somente a partir do século XIX, “após o advento da Revolução Industrial (século XVIII), começaram as primeiras viagens organizadas com a intervenção de um agente de viagens e é esse o começo do turismo moderno” (BARRETTO, 2009, p. 51). Ou seja, o turismo que conhecemos hoje é decorrência de profundas mudanças econômicas e sociais, como a Revolução Industrial, a Revolução Comercial, a crescente urbanização – resultado do êxodo rural, a mudança da sociedade perante o lazer e o prazer, a valorização da educação proporcionada pelas viagens, prestígio social, entre outros. Ouriques (2005) destaca a importância do sistema econômico, ao afirmar que o turismo é uma criação e uma possibilidade do capitalismo. Todas essas alterações resultaram em profundas mudanças no modo de perceber a paisagem.

As primeiras viagens organizadas com a intervenção de um agente de viagens marcam o início do turismo moderno ou organizado. O desenvolvimento das ferrovias foi determinante para o incremento dessa atividade, assim como o incremento do transporte terrestre de modo geral, em consequência da Primeira Guerra Mundial. Nessa época, surgem os corredores turísticos, que são

vias de conexão entre zonas, áreas, complexos, centros, conjuntos, atrativos, portões de entrada e

¹³ “A paisagem urbanística é o conjunto constituído tanto pelas edificações como pelas relações que entre elas se estabelecem e sua inserção na malha urbana. A paisagem urbanística dialoga com o sítio, com a paisagem natural e, deste diálogo, participam tanto as edificações monumentais quanto os produtos da arquitetura comum e também as resultantes das diferentes modalidades de autoconstrução” (SCHERER, in YÁZIGI 2002, p. 94).

os núcleos emissores (...). [Essas vias] são construídas nos locais com melhor paisagem e têm mirantes, áreas de piquenique, largura específica, franja de proteção visual etc. (BARRETTO, 2009, p. 36)

Essa infraestrutura rodoviária retrata a importância da paisagem para o turismo, e a mesma sendo utilizada como um diferencial, como um atrativo.

O agente-chave para o surgimento do turismo moderno foi Thomas Cook, que, após 1841, organizou a primeira viagem agenciada, “era o começo do turismo coletivo, a ‘excursão organizada’ que atualmente leva o nome de *all inclusive tour, package* ou pacote” (BARRETTO, 2009, p. 51)

As inovações de Cook marcaram a entrada do turismo na era industrial, no aspecto comercial. No social, promoveu um significativo avanço, pois seu sistema permitiu que as viagens ficassem mais acessíveis para os chamados segmentos médios da população. (BARRETTO, 2009, p. 52)

Assim, vale destacar que o começo do turismo coletivo não está relacionado com a necessidade das pessoas de usufruir coletivamente de uma paisagem diferente do seu cotidiano, e sim com a participação em eventos, já que as viagens organizadas por Thomas Cook destinavam-se a eventos, como o encontro de uma liga contra o alcoolismo ou visita a exposições industriais.

Após a Segunda Guerra Mundial, período no qual o turismo ficou praticamente paralisado, dá-se início ao Turismo Contemporâneo, que compreende de 1945 a 1990, quando essa atividade entra na era do avião, e ocorre a “*massificação do turismo*, possibilitado por fatores políticos, econômicos, educacionais, culturais, sociológicos, trabalhistas, entre outros” (REJOWSKI; SOLHA, 2002, p. 85).

O turismo em massa agrega uma nova forma de usufruir da paisagem, é o olhar coletivo, em que as empresas turísticas, principalmente as agências turísticas, inflam o anseio dos turistas em visitar determinados lugares predefinidos por elas. Nesses casos, os turistas não estão interessados em vivenciar a comunidade visitada e abrir mão do conforto que desfrutam em suas residências; assim, surge o que os estudiosos do turismo denominam de bolha turística, que funciona como uma redoma constituída por uma rede de serviços e

infraestrutura turística à disposição dos visitantes, a fim de saciar suas vontades. Essa nova modalidade do turismo será aprofundada no tópico 2.5 deste capítulo.

A partir da Segunda Guerra Mundial, o turismo passa por uma transformação radical, justificada pela expansão acelerada da economia mundial, pela melhoria da renda de amplas faixas da população e pela ampliação e progresso dos sistemas de transporte e comunicação, quando a atividade turística expandiu-se pelo mundo inteiro.

Com o advento do avião, conforme Sandeville Jr. (In YÁZIGI, 2002, p. 154), “o percurso perde importância, interessam apenas os elos da cadeia, os destinos finais, isto é, os produtos.” Ou seja, ao contrário da era dos automóveis, quando surgiram elementos, como os corredores turísticos, que interligavam os atrativos, valorizando o percurso e sua paisagem, com o avião, o interesse se concentra somente no destino final e nos seus elos, como trajeto aeroporto-destino final, resultando em verdadeiros corredores para os turistas, em que é possível perceber, em vários casos, a preocupação do governo em mascarar a realidade local, com a implantação de vias de alta velocidade – por exemplo, a Linha Verde, que interliga o Aeroporto Internacional Tancredo Neves ao centro de Belo Horizonte, ou quando, na Eco92, foram implantados *outdoors* ao longo do percurso a partir do aeroporto, com o intuito de esconder a paisagem da periferia do Rio de Janeiro.

Atualmente, presenciamos o pós-turismo, quando o turismo de *ver* é substituído gradativamente pelo turismo de *conviver*; isso significa que, gradualmente, aumenta o número de turistas interessados em vivenciar a comunidade visitada, e não apenas presenciar a paisagem em uma bolha turística.

Dessa forma, através da análise da evolução do turismo, apesar da pouca bibliografia que trata a temática sob a ótica da percepção da paisagem pelos turistas, é possível afirmar que esta foi sofrendo alteração ao longo do tempo, simultaneamente com o surgimento de novos meios de transportes, novos anseios da comunidade, e que esses, muitas vezes, são influenciados pela indústria turística.

A evolução, o desenvolvimento e a diversidade do turismo ao longo do tempo resultaram na sua divisão, criando-se assim a classificação das ramificações desse mercado, como será abordado no tópico 2.3, porém antes se faz necessário explicar como se desenvolveu o turismo no Brasil.

2.2 TURISMO NO BRASIL

Se comparar o turismo no Brasil ao desenvolvimento da atividade turística no mundo, principalmente na Europa e nos EUA, pode-se afirmar que ele é recente, visto que sua evolução ocorreu predominantemente no último século. Pode-se afirmar também que o turismo no País é localizado, pois, ao se confrontar sua extensa área às regiões em que há atividade turística, percebe-se que existem inúmeras regiões com vocação turística onde essa atividade ainda não é desenvolvida e que, apesar de essa atividade ocorrer em inúmeras áreas, ela se concentra principalmente no litoral e em outros territórios com forte apelo turístico, como na Amazônia, no Pantanal, nas regiões de serras, parques de conservação ambientais, entre outros. Todavia, a tendência atual é a expansão dessa atividade no território nacional, devido à propensão do turismo mundial, que busca sempre por novos destinos e a segmentação da atividade, e às políticas do governo brasileiro que incentivam a descentralização da atividade, como o PNMT - Programa Nacional de Municipalização do Turismo – implantado entre 1994 e 2001.

O desenvolvimento da atividade turística no Brasil tem acompanhado as mudanças econômicas, sociais, culturais e os avanços tecnológicos do país, assim como acompanhou de certa forma o movimento nos países desenvolvidos, havendo uma correspondência, em menor proporção, com as mesmas fases vividas pela Europa.

Rejowski (2002) descreve cinco períodos da evolução das viagens e do turismo no Brasil, conforme visto a seguir.

O período do séc. XVII ao XIX - O primórdio da viagem no país, com duração da Colônia ao Império, quando as viagens aconteciam em função da necessidade de expansão para novos territórios, pela busca por riquezas e por gêneros de primeira necessidade.

No período da vinda da corte para o Brasil (1808), o banho de mar passa a ter fins terapêuticos e vira um modismo na época. Um dos motivos eram as precárias condições de saneamento e de higiene das cidades. O desenvolvimento do transporte possibilitou a expansão desta e outras modalidades de lazer.

Presencia-se uma alteração na relação do homem com a paisagem, principalmente com a natureza. Apesar de ela ainda ser vista com temor, presencia-se uma nova postura perante ela; assim como ocorreu na Europa, a busca pelas paisagens mais naturais passa a ser uma válvula de escape para os problemas vivenciados nas cidades.

O novo hábito do banho de mar e o aumento dos estrangeiros nas cidades resultaram no desenvolvimento de infraestrutura, como o surgimento de novos meios de hospedagem e novos serviços oferecidos.

O desenvolvimento das estradas de ferro possibilitou o surgimento de novos polos turísticos, como as termas em Caxambu e Poços de Caldas. Esse fato permite conjecturar que, além das paisagens litorâneas, as do interior passam a ser também valorizadas pela comunidade.

As ferrovias interligaram as zonas cafeeiras à capital do Império e, juntamente com o desenvolvimento da cidade de São Paulo, criou-se uma importante condição para que a elite brasileira desenvolvesse o hábito de viajar – fato que só ocorreu a partir de meados do século XIX.

O segundo período definido por Rejowski (2002), de 1900 a 1949, foi denominado de Primeiras manifestações, quando se verifica tanto o primeiro impulso para o desenvolvimento do turismo, como as primeiras estruturas organizadas para receber os ‘novos viajantes’

A Primeira Guerra Mundial dificulta a realização da viagem para a Europa, estimulando assim a busca por atrativos locais e consolidando as tendências do século anterior, que eram: no litoral, os banhos de mar, e no interior, as estâncias hidrominerais, termais e climáticas. Presencia-se a inclusão da paisagem de interior nos destinos turísticos, mas, principalmente, um aprimoramento na infraestrutura e serviços oferecidos, exemplificado pela construção e pelo desenvolvimento dos hotéis-cassinos, de grande porte, no período de 1936 a 1946, subitamente interrompido com a proibição de jogos de azar em 1964.

O País apresentava sérios problemas de transporte até o fim da década de 1940, o que delimitou o desenvolvimento da atividade turística a alguns centros próximos das capitais, que possuíam acesso pelas ferrovias. Dessa forma, percebe-se que, mais uma vez, o meio de transporte disponível na época foi um importante definidor de qual região ia presenciar o turismo.

Nesse período, o turismo era basicamente elitista; apenas a partir do final da década de 1940 é que se verifica o acesso de classes menos favorecidas – os trabalhadores – ao lazer e ao turismo.

No terceiro período, de 1950 a 1969, ocorre à expansão e organização do turismo, quando se dá a consolidação da classe média e, com isso, a solidificação de uma nova faixa de poder aquisitivo dos turistas brasileiros. Esse fato foi um dos fatores que impulsionaram o turismo de massa no País e, principalmente, a massificação de algumas regiões, sobretudo as litorâneas e próximas aos grandes centros urbanos.

Além do crescimento da classe média propensa a viajar, outros fatores que impulsionaram o desenvolvimento do turismo foram:

1. Melhoria nos equipamentos e no sistema de transporte.
2. Ampliação dos sistemas de comunicação.
3. Urbanização e crescimento das cidades.

Dessa forma, o Brasil presencia uma fase similar ocorrida principalmente nos EUA e na Europa, num período anterior: o aumento do poder aquisitivo de uma maior parcela da população, o surgimento de um tipo de turismo mais acessível, o de massa, que resultou na massificação dessa atividade e foi responsável pela alteração na paisagem de determinados destinos. Uma vez que estas cidades passaram por alterações para comportar o aumento da população flutuante, houve a necessidade de implantação de maior infraestrutura, aumento na área de ocupação, ilustrada pelo aumento significativo de segundas residências, entre outros.

Com a perspectiva da ampliação do setor turístico, foram criados órgãos públicos e políticas nacionais, como em 1966, com a criação da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR e do Conselho Nacional de Turismo – CNTur, e começou a ser discutida a necessidade de se traçarem as diretrizes de uma Política Nacional de Turismo.

O quarto período, de 1970 a 1989, é a fase que, conforme Rejowski (2002), vai “do sonho à decepção”. Isso porque no início da década de 1970, devido ao intenso crescimento, o turismo era visto sob uma perspectiva otimista, creditando-se a ele o desenvolvimento do País. Todavia, a consolidação do mercado não ocorreu conforme o esperado, devido, entre outros fatores, ao fato de a viagem ainda não ser um hábito popular e às crises internacionais e nacionais pelas quais passou o País.

Na década de 1970, o turismo estava estruturado basicamente no trinômio agências de viagens-hotelaria-transportes. O setor hoteleiro passou por um desenvolvimento e ampliação de serviços oferecidos e de tipologias, como a construção de *resorts*, implantação de hotéis pertencentes a redes internacionais, albergues, *camping* e outros.

Apesar do crescimento do transporte aéreo, ocorre a predominância do turismo rodoviário, por ser acessível à maior parcela da população, em razão do preço mais baixo e pela simplicidade dos serviços oferecidos.

Apesar da desilusão nesse setor, esse período foi importante para o turismo brasileiro, uma vez que trouxe uma nova postura em relação a essa atividade, que passa a ser vista não mais como uma solução milagrosa para o País, principalmente na área econômica, e sim como

uma atividade que deve ser desenvolvida de forma séria e profissional e que pode proporcionar resultados positivos e negativos, ao longo da sua ocorrência.

E o quinto e último período determinado por Rejowski (2002), de 1990 a 2000, apresenta a retomada da atividade turística no País, uma vez que o turismo mundial cresceu continuamente e começou a destacar novos destinos, como a Ásia e a Oceania. Já no Brasil, algumas dificuldades persistem, prejudicando o seu desenvolvimento, conforme Rejowski (2002):

1. A falta de dados que apresentem um panorama geral do turismo brasileiro, como levantamento sistemático das riquezas naturais, dos municípios, da oferta turística e do movimento de turistas, entre outros.
2. Dificuldade de se criarem produtos turísticos que atendam às novas exigências do mercado e também à nova filosofia de sustentabilidade.

Em 1994, a EMBRATUR criou o PNMT- Programa Nacional de Municipalização do Turismo, que demonstrou a nova postura do governo na busca pela descentralização do turismo.

Nesse período ocorre a retomada lenta e gradual da vinda de turistas internacionais ao País, já que na década de 1900 houve diminuição desse tipo de turistas. No final da década de 1900 presenciou-se um aumento no número de turistas domésticos, impulsionado pela melhoria na infraestrutura turística do País.

Ocorre a diversificação dos segmentos turísticos, graças às melhores condições de acesso, bem como da oferta de equipamentos e de serviços turísticos. As empresas turísticas tiveram importante papel na segmentação, uma vez que começaram a atuar em outros setores além dos tradicionais (sol, areia, praia) e passaram a focar o setor dos negócios, de eventos, de aventuras, de ecoturismo, de intercâmbio, marítimo, entre outros.

Tudo isso resultou na implantação de grandes investimentos em vários e diferentes setores, como a construção de *resorts* no Nordeste, grandes hotéis nos centros urbanos, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro, e vinda de inúmeras redes hoteleiras internacionais.

Dessa forma, percebe-se que o turismo brasileiro, assim como o mundial, presencia a segmentação do setor, em que novas empresas e atividades são implementadas a fim de saciar específicos nichos de mercados, resultando numa gama de infraestruturas e serviços à disposição do turista.

A seguir, serão apresentados os critérios fundamentais para classificar os diferentes tipos de turismo. Seu conhecimento se faz obrigatório, pois a forma como a atividade é realizada define o tipo de intervenção necessária na paisagem.

2.3 TIPOLOGIAS DO TURISMO

A diversificação do perfil dos turistas, a oferta de novas atividades turísticas e as constantes transformações e inovações do turismo, ao longo do tempo, levaram à especialização dos serviços turísticos, para que melhor satisfizessem o público-alvo, o que gerou a segmentação das alternativas turísticas.

Os critérios fundamentais para classificar os diferentes tipos de turismo foram organizados no Quadro 1, elaborado a partir de Barretto (2009).

Quadro 1 - Critérios fundamentais para classificar os diferentes tipos de turismo

De acordo com:	O turismo pode ser:
Natureza	Emissivo (envia turistas para fora do local) ou receptivo (recebe os turistas vindos de fora).
Nacionalidade dos turistas	Nacional (interno ou externo) ou estrangeiro.
Econômico	Exportação (do exterior – o turista chegando ao país) ou importação (para o exterior- o autóctone deixando o país).
Territorial	Internacional, nacional ou regional.
Volume	Minorias (também denominado turismo seletivo) ou de massas (maiorias).
Composição social	Classificação conforme paradigmas de divisão de classes (alta, média, baixa) ou profissão e faixa salarial, entre outros critérios.
Autonomia	Livre ou dirigido.

	“Livre é aquele em que o turista escolhe tanto a temporada quanto a destinação. O dirigido é aquele em que o turista deve respeitar um determinado calendário anual.” (BARRETTO, 2009, p. 19)
Duração	Excursionista (<i>viagem</i> de menos de 24 horas), de fim de semana, de férias, de tempo indeterminado.
Frequência	Regular (anual, mensal, de férias e feriados) ou esporádico.
Tipo de Alojamento	Hoteleiro e extra-hoteleiro (<i>camping</i> , residência secundária, <i>apart-hotel</i> , residência alugada).
Objetivo ou a motivação	Descanso, lazer, cura, desportivo, gastronômico, religioso, profissional (ou de eventos), <i>de interesse específico</i> , de aventura, cultural, entre outros, sendo discutível a classificação de turismo de eventos, assim como profissional.
Modo de viajar	Coletivo ou particular. “Essa classificação refere-se ao tipo de roteiro contratado e não ao meio de transporte utilizado”. (BARRETTO, 2009, p. 22) Também pode ser classificado como: turismo independente e <i>all inclusive</i> .
Meio de transporte	Aéreo, terrestre ou aquático.
Permanência	Estável ou itinerante.
Âmbito geográfico	Litorâneo, rural, de montanha, urbano, outros.
Financiamento	Autofinanciado (pago pelo usuário), social (com subvenção do estado) ou gratuito (quando uma terceira pessoa ou instituição paga a viagem).
Faixa etária	Infanto-juvenil, adulto, para terceira idade e familiar.

Fonte: Elaboração da autora a partir de Barretto (2009) (*Grifo da autora*).

Como dito anteriormente, para uma intervenção mais eficaz na área em que se desenvolve a atividade turística, é importante o levantamento das características elencadas no Quadro 1, pois a partir delas é possível definir o tipo de turismo predominante na região, que, por fim, determinará quais as infraestruturas e os serviços indispensáveis para que a atividade possa ocorrer de forma eficiente, satisfazendo as necessidades dos turistas. Segundo Leão (1995, p. 33), “cada aspecto vai repercutir diretamente sobre o meio de hospedagem utilizado, gerando as diferentes modalidades e categorias hoteleiras”, uma vez que “cada categoria corresponderá a um padrão determinado de instalações e equipamentos, diretamente relacionado com a função específica do hotel e com o sítio em que se implanta” (LEÃO, 1995, p. 33).

Vale esclarecer que a presente pesquisa não se propôs a apresentar os diversos tipos de turismo existentes, principalmente relacionados às motivações, devido à gama infindável de possibilidades de classificação. Optou-se por aprofundar-se na análise do turismo apenas sob o aspecto do volume, turismo de massa e o segmentado, visto que o primeiro tornou-se característico do turismo contemporâneo, enquanto o segundo, também denominado de turismo alternativo ou sustentável, é uma resposta às mudanças socioeconômicas, sofridas pela sociedade, e surge como uma tendência no pós-turismo.

Da mesma forma que é importante a análise das características do turismo de uma região, é necessário considerar os tipos de turistas que realizam essa atividade, a fim de oferecer-lhes os serviços e infraestrutura mais condizentes com suas expectativas; assim, optou-se por abordar a temática no próximo tópico.

2.4 TIPOS DE TURISTAS

A definição de turista adotada pela OMT (2011) é “visitante temporário, proveniente de um país estrangeiro, que permanece no país mais de 24 horas e menos de 3 meses, por qualquer razão, exceção feita de trabalho”. Fica evidente a lacuna nesta definição em relação aos turistas do próprio país, referente ao turismo interno ou doméstico.

Deve-se ainda esclarecer que, principalmente em países de grandes dimensões com características diversas, como distintas paisagens, culturas, ecossistemas, entre outros, existe o turismo interno ou doméstico, aquele de pessoas do próprio país, viajando para outras

regiões e permanecendo no destino por período superior a 24 horas, realizando, pelo menos, um pernoite.

Ao longo do tempo, foram sugeridas várias maneiras de classificar os turistas. È apresentado a seguir o modelo criado por Smith¹⁴ em 1977, conforme Barretto (2009, p. 28):

Explorador: É aquele que procura descobertas e convivência com os habitantes locais.

Turistas de elite: É o que procura lugares raros (mas já descobertos por outros) onde já exista alguma infraestrutura.

Alternativo (*Off-beat*): Procura afastar-se das multidões.

Inusual: É aquele que realiza viagens pouco frequentes, para áreas isoladas, procurando atividades de risco.

Turismo de massa incipiente: É o que viaja individualmente ou em pequenos grupos, procurando autenticidade combinada com equipamentos recreativos.

Turista de massa: É o tipo de classe média (do primeiro mundo), cujos valores e renda fazem com que viajem a lugares conhecidos, dentro da 'bolha turística' (*tourist bubble*), aquela redoma que vai dar segurança.

Charter: É o turista que viaja em grupos pequenos. Procura relaxamento e tranquilidade, em ambientes diferentes do cotidiano, porém familiares, com oferta padronizada para os gostos ocidentais.

Após analisar mais criteriosamente a classificação dos turistas, é possível correlacioná-los com o tipo de paisagem que eles almejam. Por exemplo, os exploradores, de elite, alternativo e o inusual buscam paisagens que ainda não sofreram interferência significativa pela ação humana e destinos não massificados pelo turismo – procuram a sensação de estar descobrindo algo pouco explorado ou não divulgado. Já outros, principalmente os turistas de massa, buscam lugares que sejam destinos consagrados e amplamente explorados – turisticamente, aqueles que são induzidos pela indústria turística por acreditarem na ideia de que estes são lugares “onde é preciso estar” (MENESES, 2002, p. 47).

¹⁴ In: Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism. Segunda Edição. Editado por Valene L. Smith. Universidade da Pensilvânia (Filadélfia), 1989.

Essa análise é importante, pois a infraestrutura turística implantada na paisagem deve ser compatível com o nível de interferência do homem na paisagem natural e o nível de serviços que os turistas anseiam; caso contrário, uma região pode deixar de ser atrativa para determinado tipo de usuário. Por exemplo, turistas alternativos buscam uma paisagem com baixa interferência humana, onde possam desfrutar de uma contemplação silenciosa de uma natureza inédita e intocada, impregnada de mensagens de autenticidade, de forma romântica, individual e solitária.

A seguir, aprofundaremos na análise do turismo de massa e do segmentado; o primeiro, devido à sua importância na evolução do turismo, e o outro, por ser apontado como tendência, além de apresentarem como uma das principais divergências a paisagem almejada pelos turistas e modo como estes se comportam na área visitada.

2.5 TURISMO DE MASSA X TURISMO SEGMENTADO

A massificação do turismo ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, quando, segundo Rejowski e Solha (2002, p.85), “a atividade turística tomou novos rumos, consolidou-se e se expandiu, profissionalizando-se”. Trata-se de uma atividade recente: o *boom* ocorreu nas décadas de 1950 a 1980.

Também é conhecido como turismo de maioria. Como usuários, predominam pessoas de classe média assalariada, pequenos e médios empresários, e aposentados. Entre as diferentes características desse tipo de turismo, destacam-se: “a preocupação com os gastos exagerados, e desnecessários, preferência por transportes mais econômicos, mas de qualidade, pelo turismo interno, hotéis de preços acessíveis, opções de lugares conhecidos, em vez de lugares de menor intensidade” (MARTINS, 2004, p. 101-102).

Alguns fatores políticos, econômicos, culturais e sociais que possibilitaram esse desenvolvimento foram:

- Paz prolongada em zonas de estabilidade política (...);
- Consolidação da classe média com o aumento do poder aquisitivo de amplas camadas da população

em países ocidentais, e aumento do tempo livre com mais dias de férias;
Maior interesse em conhecer outros povos e civilizações pela expansão da educação e da cultura;
Desejo de evasão, descanso e recreação para ambientes próximos à natureza (...);
Redução das jornadas de trabalho e criação de férias anuais remuneradas;
Grandes avanços tecnológicos na comunicação e no transporte (...), e redução progressiva dos preços de transporte, em especial do avião;
Aplicação de técnicas de marketing e incremento da publicidade, aumentando a motivação para as atividades de lazer e, dentre estas, o turismo.
(REJOWSKI; SOLHA, 2002, p. 85)

O turismo de massa é baseado em “viagens econômicas, com todos os serviços incluídos, organizadas pelas agências de viagens e operadoras turísticas, utilizando-se o frete dos transportes” (REJOWSKI; SOLHA, 2002, p. 86); caracteriza-se, também, pela busca do prazer. Vale ressaltar que o crescimento do turismo concentrou-se nos países desenvolvidos, com destaque para a consolidação do turismo intra-regional, na Europa.

Com o turismo de massa “surgiu o conceito de *produto turístico* e, com este, a *padronização da oferta turística*, que impulsionou ainda mais o crescimento turístico” (ACERENZA, 1986, *apud* REJOWSKI; SOLHA, 2002, p. 93), e isso, conseqüentemente, trouxe a desqualificação das paisagens.

De acordo com Luchiari (2000, p. 115), o turista não era livre para estabelecer seus próprios tempos e seus itinerários, pois a indústria turística controlava a relação entre o turista e o meio, controlando os fluxos, fazendo a mediação entre o turista e o lugar, destino da viagem. Como anteriormente explanado, essa mediação praticada por alguns segmentos da atividade turística, juntamente com uma ampla rede de serviços e infraestrutura oferecidos aos turistas, resulta na bolha turística, em que os visitantes, apesar de estarem numa nova paisagem e inseridos em uma cultura e sociedade diferentes da sua, não vivenciam essa experiência, já que tudo é preparado para que se sintam confortáveis apesar de se encontrarem em um lugar novo, desconhecido – assim, eles apenas veem o novo cenário. Vale ressaltar que tal característica, ainda hoje, persiste no mercado turístico, sendo, porém, perceptível o discreto aumento da autonomia dos turistas.

Inúmeros destinos turísticos presenciam o impacto que a atividade turística, principalmente quando explorada de forma massiva, induziu na sua estrutura sócio-físico-espacial. Vários autores estudam destinos que sofreram drástica mudança na paisagem, na economia, na cultura local, enfim, em todos os aspectos, devido ao desenvolvimento turístico. Jurdao Arrones (1992, p. 13)¹⁵ descreve o turismo de massa como “uma das invasões mais ridículas que ele já conheceu na história, invasões sem exércitos, mas invasões que colonizam e destroem os direitos econômicos, políticos e culturais de todos os povos que sofrem, diretamente, os efeitos do turismo.”

Martins (2004) também destaca o impacto espacial provocado por ele, não apenas na paisagem cênica, mas em todos os âmbitos da paisagem. Assim, o turismo

é responsável por dramáticas mudanças nas regiões e territórios abrangidos. Sua importância na arquitetura é indiscutível. Podemos afirmar que, do ponto de vista quantitativo, é o fenômeno arquitetônico mais importante da atualidade. (MARTINS, 2004, p. 110)¹⁶

Assim, segundo Rejowski e Solha (2002, p. 96), paralelamente ao turismo de massa, que continuava em franca evolução, apesar das crises e recessões do período, passou-se a discutir o desenvolvimento sustentável, incorporado no turismo sustentável ou durável, que posteriormente expandiu-se e se consolidou sob as formas do turismo segmentado.

Conhecido por turismo sustentável, alternativo, segmentado ou inúmeras outras denominações, pressupõe viagens individuais, estabelecimentos pequenos, serviços personalizados e, em última instância, se isso não for possível, pelo menos um turismo menos irresponsável (RUSCHMANN, 1992). Busca também satisfazer o residente, o poder público, entre outros, e não somente o turista e o empresário, como acontecia anteriormente.

Esse segmento turístico está constantemente orientado para o turismo de menor volume, visando minimizar os impactos do seu desenvolvimento, o que tende à elitização dos usuários e a paisagens menos impactadas, homogeneizadas, com traços culturais (paisagens culturais).

¹⁵ Tradução da autora.

¹⁶ Tradução da autora.

Num período relativamente curto, de cerca de três décadas, alteraram-se profundamente as características da demanda, dos equipamentos e serviços turísticos, tornando o mercado muito mais competitivo em consonância com todo o cenário político, econômico, ambiental e sociocultural mundial, em constante mutação. Dentre um rol imenso de fatores intervenientes, nesse processo, podem ser destacados o desenvolvimento dos transportes e a evolução da tecnologia de informação. (REJOWSKI; SOLHA, 2002, p. 97)

Dessa forma, duas forças se impõem nesse novo cenário: a sustentabilidade e a globalização, em que a sustentabilidade, segundo Luchiarri (2000, p. 119), passa “a ser a senha de um modelo de desenvolvimento”, em que “a concepção de natureza com estoque infinito de recursos é substituída pela de natureza com um bem de capital futuro” (LUCHIARI, 2000, p. 119). Quanto à globalização:

O turismo se tornou ainda mais importante com o fenômeno da globalização, pois os lugares se tornaram de fácil acesso e, acima de tudo, conhecidos, o diferente, o exótico, o longínquo já não são tão diferentes, exóticos e longínquos, de alguma forma, já ouvimos falar, já vimos através da mídia, o que nos dá uma sensação de familiaridade e conhecimento. (MESQUITA, 2004, p. 3)

Fatores induziram o surgimento de “diferentes segmentos e nichos, e respostas diferenciadas por parte da oferta, instalando-se o turismo de interesses especiais, os segmentos especializados, as empresas especializadas em atender e desenvolver estes segmentos” (MOLINA, 2005, p. 51)¹⁷.

Ainda segundo Molina (2005, p. 57-58)¹⁸, as premissas fundamentais para um novo turismo foram:

1. O turismo deve ser impulsionado como uma atividade socialmente inclusiva;

¹⁷ Tradução da autora.

¹⁸ Tradução da autora.

2. O turismo é um direito e uma necessidade para todos;
3. As empresas e organizações devem assumir sua responsabilidade social;
4. O turismo se baseia na integração de redes de qualidade;
5. Há de se estruturar novos conteúdos na comunicação estratégica;
6. O capital humano é o principal ativo do turismo;
7. O turismo deve reconhecer a nova ética do consumidor;
8. O turismo existe para melhorar o bem estar dos residentes;
9. O turismo se baseia na associatividade local;
10. O planejamento participativo e o sentido estratégico são fundamentais para se desenvolver o turismo. (MOLINA, 2005, p. 57-58)

Desses itens, destaca-se o sexto, que alerta para a importância do capital humano sobre os atrativos naturais ou culturais ou a infraestrutura e o equipamento, rompendo “com os modelos tradicionais do turismo, que situam os atrativos como o elemento mais importante desta atividade” (MOLINA, 2005, p. 62)¹⁹; o sétimo, que previne a existência de um novo tipo de turista, que é “uma figura ativa, que não aceita facilmente o que lhe vendiam. Agora, se posiciona como um sujeito com capacidade de decidir por si mesmo e de selecionar as atividades de seu interesse” (MOLINA, 2005, p. 50)²⁰.

Os turistas agora se interessam mais abertamente por realizar atividades de prazer, entretenimento, vinculadas à saúde, à satisfação de necessidades pessoais e ao encontro do bem-estar pessoal, respeitando as normas sociais. (...)

Estes turistas exigem serviços e experiências de qualidade a preços razoáveis, segurança física e emocional, e elementos de garantia, qualquer que seja a tipologia do produto que estão disponíveis no mercado. (MOLINA, 2005, p. 63)²¹

¹⁹ Tradução própria.

²⁰ Tradução própria.

²¹ Tradução da autora.

O tipo de paisagem buscada nesses tipos de turismo também é distinto. Enquanto no turismo segmentado há uma visão romântica, que busca, na maioria das vezes, uma natureza inédita e intocada, impregnada de mensagens de autenticidade, que não está disponível a todos, muitas vezes marcado pela contemplação da paisagem, no turismo de massa, a paisagem buscada muitas vezes refere-se a lugares onde a indústria turística determina para o turista estar, sendo peças-chave dos roteiros de pacotes turísticos, que buscam incluir nestes as paisagens mais significativas de uma região.

O turismo segmentado é praticado pelos turistas exploradores, de elite, alternativos, o inusual, entre outros, como mencionado anteriormente; estes buscam destinos não massificados, que transmitam a sensação de preservação, de algo reservado a eles, tanto em nível ambiental como cultural, pois não estão dispostos a comprar os estereótipos oferecidos pelo turismo de massa. Assim, necessário é que as intervenções sejam de menor impacto, tanto na paisagem cênica como na cultura local. Isso se faz possível com a implantação de estabelecimentos de menor porte. O nível de qualidade de serviços e infraestrutura oferecidos aos usuários estará diretamente relacionado com o tipo de turismo praticado na área, podendo ser dos mais simples, como os do turismo rural, ou mais requintados, como o enoturismo e turismo gastronômico.

Ao contrário, os turistas de massa buscam paisagens consagradas turisticamente, como explicado anteriormente; as características desse tipo determinam estabelecimentos de grande porte, principalmente pela necessidade de servir grande contingente de usuários, que buscam a melhor relação custo-benefício. Assim, o impacto desse tipo de turismo na localidade é maior tanto na paisagem cênica como na cultura e costumes da população.

De modo geral, a infraestrutura necessária em ambos os tipos de turismo é a mesma; o que se altera é a escala de intervenção e sua qualidade. A seguir, é apresentada a infraestrutura necessária para o desenvolvimento dessa atividade.

Ao longo do presente capítulo está implícita a importância do desenvolvimento dos meios de transporte, dos meios de produção²², das mudanças socioeconômicas, entre inúmeros outros fatores, no desenvolvimento do turismo. Também encontram-se implícitas as alterações sofridas pelo meio para adaptar-se ao turismo, que possuem exigências diversas, conforme o tipo de turismo e de turistas, da mesma forma que as características do meio também os definem. Entre as alterações induzidas pelo turismo no território estão as relacionadas à infraestrutura turística.

Pode-se afirmar que o desenvolvimento do turismo numa área depende da existência de infraestrutura que possibilite e apoie o conjunto das atividades turísticas. Sua existência não induz por si só a prática do turismo, mas a sua ausência é capaz de impedir tal acontecimento, pois o turista necessita de meios adequados de hospedagem, transporte, alimentação e entretenimento.

A infraestrutura turística é constituída por:

Infraestrutura de acesso (estradas, aeroportos, portos, rodoviárias, estações de trem);

Infraestrutura básica urbana (ruas, sarjetas, iluminação pública etc.);

Equipamento turístico, que são as construções que permitem a prestação dos serviços turísticos (alojamentos, nos núcleos receptores; agências, nos núcleos emissores; transportadoras entre ambos);

Equipamentos de apoio, que são as instalações que permitem a prestação de serviços que não são exclusivamente turísticos, mas são quase indispensáveis para o desenvolvimento desta atividade (rede de atenção médico-hospitalar, rede de atenção ao automóvel, rede de entretenimento etc.). (BARRETTO, 2009, p. 39)

Entre os componentes da infraestrutura turística para o desenvolvimento dessa atividade, os meios de hospedagem são de suma importância, pois são indispensáveis para a realização do turismo, além de serem uma das formas de materialização espacial deste, como explanado na introdução. Os equipamentos de hospedagem são a infraestrutura turística que melhor reflete a evolução dessa atividade, dos tipos de turismo e dos tipos de usuários, pois, em sua maioria, seus

²² Meios de produção: Segundo a teoria marxista, meios de produção é o conjunto formado por meios de trabalho e objetos de trabalho - ou tudo o que medeia a relação entre o trabalho humano e a natureza, no processo de transformação da própria natureza.

projetos são idealizados para satisfazer os anseios dos hóspedes, suprir a demanda local e ser condizente com o tipo de turismo da área onde são implantados. O próximo capítulo aborda a evolução e classificação dos tipos de hospedagem, com ênfase nos diferentes tipos de pousadas existentes nos distritos do Campeche, do Pântano do Sul e do Ribeirão da Ilha, de Florianópolis.

3. DIFERENÇA ENTRE MEIOS DE HOSPEDAGEM E ALOJAMENTO HOTELEIRO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Os meios de hospedagem evoluíram e se modificaram ao longo do tempo, representando, espacialmente, as alterações da atividade turística, explanadas no capítulo anterior. Assim como o turismo, os equipamentos de hospedagem foram se alterando conforme a evolução da tecnologia, os costumes da comunidade onde estão inseridos, as alterações nos sistemas construtivos, entre outros inúmeros fatores que induziram sua modificação.

Assim, torna-se necessário o estudo da evolução, definição e classificação dos diversos tipos de meios de hospedagem, a fim de compreender o atual cenário e a tendência desse setor turístico.

3.1 EVOLUÇÃO E DEFINIÇÃO

Na Idade Média, os religiosos, artistas e guerreiros se hospedavam em casas próprias ou de conhecidos, ou em conventos durante as viagens. Conforme relata Leão (1995, p. 21), “a hospedagem religiosa [que ocorria nos castelos e mosteiros] era considerada um dever de caridade e, como no caso dos castelos, não tinha fins lucrativos.”

Nessa época existiam poucas estalagens, as quais eram destinadas a atender principalmente os peregrinos, quando o serviço passou a ser cobrado. O aumento da peregrinação induziu o surgimento de maior quantidade desses estabelecimentos. Já no século XI a XIII, as Cruzadas (movimento religioso e militar) foram responsáveis pelo seu crescimento. Nessa mesma época, em 1282, “os proprietários de Florença reuniram-se para fundar o primeiro ‘grêmio de proprietários de pousadas’, com o propósito de transformar a hospedagem – até então quase sempre uma ação de caridade – numa atividade comercial” (PIRES, 2002, p. 2).

No século XV proliferam, ao longo de estradas e nos vilarejos, as hospedarias, funcionando como pontos de parada intermediários para comerciantes e nobres viajantes que se deslocavam a trabalho entre lugares distantes. Pequenas e baixas, com

quartos comuns e algumas habitações individuais para hóspedes ilustres, possuíam poucas zonas de uso comum e incluíam estábulos para abrigo de cavalos e carruagens.

(PEVSNER²³, *apud* Leão, 1995, p. 21 e 22).

Percebe-se, assim, que a origem dos primeiros meios de hospedagem, até então restrito às estalagens, não está ligada ao surgimento do turismo, pois ocorreu durante a proto-história do turismo, a fim de suprir a demanda criada pelos viajantes.

No Renascimento, segundo Salgueiro (2002), alguns *grand tourists* relatavam as péssimas qualidades das acomodações e dos serviços oferecidos nessas hospedarias e se lastimavam das mais desconfortáveis acomodações e de ter que preparar a própria comida; eles relatavam ainda que, na falta de hospedarias, restava-lhes a hospedagem familiar. Todavia, a autora afirma que no período do *Grand Tour* foi gradativamente gerando uma infraestrutura voltada ao seu público. Leão (1995) também atribui essas melhorias do final do século XVI à Renascença Italiana e às grandes descobertas:

As hospedarias começam a ser remodeladas ou reconstruídas, sofrendo ampliações horizontais e verticais, incrementos nos setores coletivos e melhorias exteriores. Surgem então, primeiramente, na Alemanha, edifícios com características muito próximas às dos hotéis atuais. Inicialmente, porém, tais estabelecimentos eram denominados albergues ou pousadas.
(LEÃO, 1995, p. 22)

“O comércio passava por um período de grande expansão e, no século XVI, apareceu o primeiro hotel, o Wekalet-Al-Ghury, no Cairo (Egito), para atender mercadores” (BARRETTO, 2009, p. 48).

Conforme Barretto (2009), outro meio de hospedagem que se destacou nessa época foram os *spas*²⁴ (com 12 estabelecimentos pelo

²³ PEVSNER, Nikolaus. *História de las tipologias arquitectonicas*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

²⁴ SPA vem da expressão em latim "*Sanitas Per Acqua*", que significa "Cura Pela Água". Seu primórdio foram os locais de banho, as termas romanas. Originalmente, um SPA era um lugar especial onde a água mineral tinha a reputação de trazer alívio e até mesmo curar uma série de dores e/ou indisposições. Estas águas geravam fortes associações espirituais e percepção mística. Atualmente, os SPAs são dedicados ao bem-estar físico e emocional. Os SPAs devem usar a água como o primeiro método de terapias e tratamentos. Com base no

continente europeu), que apresentavam programas de entretenimento e surgiram inicialmente para pobres e doentes.

Compreende-se que, assim como presenciemos na proto-história do turismo, os meios de hospedagens estavam destinados aos viajantes, comerciantes, pessoas doentes, entre outros, ou seja, pessoas que não buscavam o conceito atual de lazer, como explanado no capítulo anterior.

Posteriormente, os *spas* também passaram a ser frequentados por turistas, e lentamente surgiram os destinados somente aos ricos.

As alterações socioeconômicas presenciadas com o surgimento do capitalismo e posteriormente com a Revolução Industrial resultam no crescimento das cidades, que passam a ser ‘atrativos turísticos’, e no realce das viagens para o lazer e para a saúde, “numa proporção até então pouco conhecida, usufruída por quantos haviam se beneficiado da abundância econômica e da revolução nos transportes, divisores de águas para o turismo moderno” (PIRES, 2002, p. 24).

A hotelaria recebeu, quase que imediatamente, este impacto dos novos tempos de progresso e logo se preparou para receber uma clientela que incluía os grandes industriais da Europa e da América, mesclados, agora, com a antiga aristocracia européia, carregada de títulos e de honras, ao homem médio²⁵, surgido principalmente com o incremento das atividades urbanas e que também, na medida de suas possibilidades, acompanhava os modismos da época. (PIRES, 2002, p. 20)

O protótipo do hotel moderno surgiu, em 1774, quando David Low inaugura o primeiro hotel familiar, na antiga residência do Lord Archer, em Covent Garden, em Londres; seu público-alvo eram as pessoas mais abastadas e funcionou até 1880.

Os seis anos posteriores viram um grande incremento nos ancestrais dos hotéis modernos em Londres e em algumas estâncias balneárias inglesas. Mesmo nas estalagens de beira de estrada, para passar uma noite, o viajante podia

uso das fontes de água mineral, sempre que possível, os SPAs contemporâneos proporcionam alívio, reabilitação e tratamentos complementares.

²⁵ O autor utiliza o termo homem médio para denominar pessoas da classe média.

contar ao menos com limpeza e algum conforto.
(PIRES, 2002, p.20)

Segundo Leão (1995), durante o século XVIII ocorre o aumento do número de hotéis e a sofisticação do seu programa. No final desse século, foram construídos os primeiros edifícios especialmente com a função de hotéis.

De acordo com Pires (2002), na Europa, o serviço de diligência no início do século XIX foi o suficiente pra transformar as estalagens em um bom negócio; além das acomodações em rotas, existiam as que eram o destino final, que deram origem aos hotéis.

A ferrovia, por sua vez, também resultou em um desenvolvimento sem precedentes no setor, quando os hotéis começaram a superar o conforto dos grandes palácios, com o intuito de adaptar-se ao gosto de uma clientela mais exigente.

Dessa forma, assim como ocorreu no turismo, a evolução do meio de transporte foi um fator determinante na configuração, no desenvolvimento e na localização dos meios de hospedagem.

No final do século XIX, verificam-se diferenças relevantes nos hotéis americanos e europeus.

Na América, os hotéis urbanos tendem a ser monumentais, com predomínio ou exclusividade das suítes, que consistiam em habitações maiores, compostas por dormitórios, sala de estar e, ocasionalmente, biblioteca e alojamento para criados. Os estabelecimentos europeus eram menores, com predomínio de habitações simples.

As diferenças deviam-se a três razões principais: primeiro, as maiores dimensões ocorriam em parte pela falta de hábito dos norte-americanos de parar em casas de amigos durante os longos percursos de viagem, o que costumava ocorrer na Europa; segundo, os precedentes do hotel americano eram pousadas de péssima qualidade, diferentemente dos albergues antigos e bem instalados da Europa, passíveis de restauração e reformas; terceiro, o predomínio de suítes deve-se ao hábito de família ou recém-casados americanos de certo poder aquisitivo preferirem o luxo e a comodidade dos hotéis, não obtidos nas residências privadas. (LEÃO, 1995, p. 28)

Antes da segunda metade do século XIX, surgiram diferentes tipos de hotéis e foram introduzidas melhorias nas instalações e nos equipamentos dos hotéis.

Mas o luxo dos hotéis do *fin de siècle* sofre um golpe com a Primeira Grande Guerra, e o século XX é marcado pelo surgimento de hotéis de menor categoria. Em princípios da década de 20 o turismo adquire outra feição: os novos conceitos da legislação trabalhista, com a concessão das férias remuneradas, vieram a favorecer as viagens de massa. Os hotéis ampliam suas instalações, preparam um pessoal mais numeroso e modificam, em parte, sua imagem tradicional para ir ao encontro das novas demandas.

Com a Segunda Guerra Mundial, há uma natural retração do mercado. (LEÃO, 1995, p. 31)

No entanto, essa retração no mercado turístico durou apenas até o final da guerra, já que se presenciou a intensificação do turismo de massa no pós-guerra. Essa alteração no tipo de turismo refletiu-se na hotelaria: houve aumento no porte do hotel, pois passaram a atender maior número de hóspedes, como os que surgiram no Mediterrâneo, Hawaii, Miami, entre outros destinos. Nessa época, destacam-se os *resorts*²⁶, grandes estruturas hoteleiras, que oferecem aos seus hóspedes uma gama de serviços e infraestrutura, criando-se uma redoma em torno dos turistas, que, como mencionado no segundo capítulo, possibilita que eles não vivenciem o lugar visitado, além do desenvolvimento das cadeias hoteleiras, como, por exemplo, nos Estados Unidos, a Holiday Inn, Hilton Hotels, entre outros.

As redes hoteleiras, juntamente com as agências de viagens e companhias aéreas, desenvolveram uma feroz concorrência, que resultou na melhoria dos serviços, preços mais baixos, e os atrativos turísticos foram relatados em todo o mundo.

Segundo Lawson (2003) os *resorts*

²⁶ São hotéis de lazer. Seus maiores atrativos estão ligados à recreação e ao esporte, implantados em regiões com grande beleza natural e excelentes condições climáticas. Ocupam imensas áreas, sendo verdadeiras ilhas de auto-suficiência, buscam satisfazer uma gama de interesses dos hóspedes, relativo ao esporte, lazer, vida social e negócio, sendo esses de todas as faixas etárias. Outra característica marcante é que, ao contrário da maioria dos tipos de hotéis, ele pode ser o destino de seus usuários (ANDRADE, 2005).

predominavam em larga escala nos anos 70, servindo-se as massas de viajantes e do mercado de pacotes de férias, foram superados por projetos mais sensíveis, refletindo preocupações a respeito do meio ambiente e necessidades de atender a interesses de turismo mais diversificados. (LAWSON, 2003, p. 75)

Percebe-se assim que os meios de hospedagem evoluíram e diversificaram-se ao longo dos tempos, acompanhando e adaptando-se às novas tendências do turismo. Dessa forma,

na arquitetura turística, verificamos, na atualidade, uma relativa diversidade dos meios de hospedagem. Na arquitetura dos hotéis do pós-guerra, as variantes são determinadas por distintos fatores. O tipo de usuário, o período de permanência e os recursos disponíveis para realizar o investimento formam um grupo. No outro, estão relacionados com o projeto e a concepção arquitetônica, o sítio, e o programa e estilo arquitetônico. (MARTINS, 2004, p. 120)²⁷

A combinação dessas variantes resulta em uma diversidade de tipologias hoteleiras. Os tipos de meios de hospedagem serão apresentados no tópico 3.3 deste capítulo.

Assim como aconteceu no mundo, no Brasil os meios de hospedagem evoluíram e se adaptaram às novas exigências do mercado turístico brasileiro. As inovações eram frequentemente resultado das tendências e dos acontecimentos ocorridos nos países desenvolvidos, principalmente nos da Europa e nos Estados Unidos da América.

3.2 EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM NO BRASIL

No Brasil, a vinda da Corte Real portuguesa em 1808, e de milhares de estrangeiros, induziu a alterações espaciais no Rio de Janeiro, alterando o costume e os hábitos dos moradores locais. Contudo, a prestação de serviços continuava precária, refletindo a

²⁷ Tradução da autora.

cultura da sociedade escravista, em que uma pessoa de posse não podia realizar trabalhos manuais, e os escravos não possuíam conhecimento para realizá-los, resultando em uma profunda lacuna nos setores de serviços, entre eles os meios de hospedagem.

Na época, “a palavra hotel, embora não fosse desconhecida no Rio de Janeiro, na primeira década do século XIX, talvez não passasse de um eufemismo para designar uma simples estalagem” (PIRES, 2002, p. 50).

Mais de uma década após a vinda da Corte, as hospedagens ainda eram insuficientes, e as que existiam ofereciam serviços precários; dessa forma, os estrangeiros só se hospedavam nelas caso não encontrassem um amigo que os acolhesse em sua própria residência.

Ainda conforme Pires (2002, p. 160), “tarefa difícil é saber, com precisão, o momento em que a estalagem e o hotel começaram a se distanciar um do outro.” Todavia, pode-se crer que na década de 1830 os hotéis na capital já ofereciam serviços diferenciados.

No que diz respeito às estalagens, que normalmente se encontravam junto à casa de pasto, eram frequentadas principalmente pelos almocreves²⁸ e pelos comerciantes desqualificados, já que os estrangeiros, de modo geral, eram abrigados pelas famílias.

As hospedarias eram, constantemente, caracterizadas pela precariedade, pelos péssimos serviços prestados, pela total improvisação ao receber os hóspedes, pelos preços exagerados e por não funcionarem regularmente – seus donos podiam fechá-las por qualquer motivo. No que concerne à comida, a pouquíssima variedade de alimentos e a inabilidade no seu preparo saltavam à vista dos usuários. Assim, eram frequentes os relatos dos viajantes que descreviam tal precariedade, como o de Darwin, que as denominava como pocilgas de beira de estrada:

É raro que nelas se encontre soalho, e nunca há vidraças ou caixilhos; o teto ordinariamente está em bom estado. A fachada, deixada aberta, forma como uma varanda onde colocam bancos e mesas. Os quartos de dormir comunicam todos uns com os outros e o viajante dorme como pode, num girau de madeira, coberto de um colchão muito delgado. (PIRES, 2002, p. 145)

No que diz respeito à hotelaria,

²⁸ Almocreve: condutor de bestas de carga; arrieiro.

vemos que foi apenas por volta da década de 1870 que começaram a se apresentar os primeiros embriões de uma fisionomia moderna, na Corte, preocupando-se não apenas com os aspectos ligados ao pernoite, mas também em agradar ao hóspede ou àqueles que se utilizavam de seus serviços. (PIRES, 2002, p. 62-63)

Os hotéis foram se requintando e se adaptando aos novos tempos, porém nem sempre luxo era sinônimo de bons serviços. A gastronomia começou a se destacar entre os serviços oferecidos em alguns hotéis, especialmente a cozinha francesa.

Pode-se dizer, contudo, que na década de 1880 o Rio de Janeiro já contava com uma hotelaria distanciada da simples estalagem e mais semelhante ao conceito moderno. [...] Por essa época, outras províncias, mais especialmente São Paulo, inauguravam também os primeiros estabelecimentos do gênero, alguns dos quais chegavam mesmo a rivalizar com os da Corte. (PIRES, 2002, p. 64)

Devido ao desenvolvimento da agricultura cafeeira em São Paulo e à inauguração da estrada de ferro inglesa, proliferaram os estabelecimentos hoteleiros na capital paulista.

No que concerne à hotelaria, o rápido desenvolvimento de São Paulo fez com que a precedência do Rio de Janeiro quanto às instalações de hotéis de certa categoria não fosse muito longa. A capital paulista contava em 1873 com cinco hotéis que, embora talvez não fossem do mesmo nível daqueles do Rio de Janeiro, não estavam, entretanto, na mera categoria das estalagens ou hospedarias pois, para estas, os almanaques da época reservavam um espaço separado.²⁹ (PIRES, 2002, p. 75)

²⁹ ALMANAK DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO PARA 1873, p. 127.

Um exemplo do rápido desenvolvimento da hotelaria paulistana foi a inauguração do Grande Hotel³⁰ em 1878, de propriedade do suíço-alemão Frederico Glette, apontado como o grande marco em relação à hotelaria de São Paulo e do Brasil.

O aparecimento de hotéis é um fenômeno que se prende diretamente à urbanização e ao aumento da classe média. Só em certo sentido, os fazendeiros de café utilizaram esse novo serviço. Hospedar-se em um hotel, durante décadas, foi uma atitude de forasteiros destituídos de grande importância. Os potentados rurais, porém, prestigiaram outros serviços por eles oferecidos, como os almoços e jantares. A utilização de todos os serviços oferecidos pelos hotéis de categoria se deu com a classe média que, crescendo, ganhou importância econômica em ocupações antes escassas ou mesmo inexistentes. (PIRES, 2002, p. 213)

Longe dos grandes centros, a precariedade das instalações de hospedagem permaneceu por longo período, conforme ilustra a Figura 3. Trata-se do Hotel Neu Breslau, no ano de 1916, na atual cidade de Presidente Getúlio, que funcionava na morada do pioneiro imigrante alemão Wilhelm Goebel, onde a família e os hóspedes conviviam com os bichos no terreiro do casarão de madeira.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 3 - Vista do Hotel Neu Breslau em 1916.

Na década de 1920, destacaram-se, no cenário nacional, dois empreendimentos, que representam

uma linha de hotéis urbanos requintados, nitidamente influenciados pela tradição hoteleira europeia. O Copacabana Palace, de 1923, projetado pelo francês J. Viret, segundo Paulo Santos³¹, 'com sua planta funcionalmente admirável, impecável ajuste na distribuição dos serviços de abastecimento e manutenção e imponente massa arquitetônica, figura até hoje entre o que de melhor se fez no gênero entre nós. (LEÃO, 1995, p. 54)

Tem-se ainda Hotel Glória, também no Rio de Janeiro, de 1922, que atualmente passa por reforma, com previsão de conclusão para o último trimestre de 2013. O projeto busca recuperar o luxo e requinte da época de sua inauguração.

A década de 1940 foi o auge dos hotéis cassinos, com exemplares como o Quitandinha, em Petrópolis- RJ, e o Grand Hotel, de Araxá-MG (Figura 4). Este tipo de estabelecimento está proibido no Brasil desde 1946, porém é amplamente difundido no exterior.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 4 - Vista do Grand Hotel de Araxá-MG.

³¹ CADERNOS BRASILEIROS DE ARQUITETURA. Hotéis. São Paulo: Projeto, n. 19, 1987, p. 36.

Conforme Leão (1995), no Brasil, a expansão da rede hoteleira até a década de 1970 ocorreu de forma desordenada, o que impediu a formação de uma verdadeira tradição no setor, apesar de o País possuir imenso território, rico em recursos naturais e paisagísticos e grande variedade cultural e étnica: “empresários sem experiência, falta de estudos prévios, de viabilidade para a implantação de equipamentos, serviços de baixa qualidade são alguns dos fatores que contribuíram para tal desordem” (FRIAS, 1979³², *apud* LEÃO, 1995, p. 52).

A expansão do setor hoteleiro no Brasil passou por três momentos principais: o primeiro deu-se na década de 60, com a criação dos incentivos fiscais para a área do turismo; o segundo é marcado pelo forte impacto gerado com a entrada das multinacionais no mercado; o terceiro acontece em 1983, com a revisão dos padrões de classificação dos meios de hospedagem³³ propostos pelo CNTur³⁴ na década anterior. (HOTÉIS,³⁵ um Bom Mercado de Trabalho para Arquitetos, 1989, *apud* LEÃO, 1995, p. 57).

Mais recentemente, o setor vem sofrendo expansão e diversificação, com o surgimento de modalidades capazes de atender melhor às necessidades da vida moderna, como os *flats* ou apart-hotéis, hotéis urbanos (Hotéis de Negócios), tendências eminentemente regionalistas, algumas tentativas isoladas em criar hotéis em prédios históricos e *resorts*, entre outros.

Desta forma, a revisão bibliográfica apresentada ilustra e explicita como o meio de hospedagem evoluiu e adaptou-se ao longo do tempo às mudanças socioeconômicas e espaciais, às revoluções tecnológicas, entre elas a do transporte, refletindo no arranjo espacial do empreendimento o costume da época. Assim, ao longo do tempo, os meios de hospedagem não cresceram apenas em número, mas também em tamanho e capacidade, ocorrendo um surto de construção e modernização no setor. A crescente competição e a diversificação do turismo induziram o surgimento de diferentes tipologias hoteleiras, que

³² FRIAS, Wanda. Desenvolvimento da hotelaria requer melhor distribuição de renda. Projeto. São Paulo, n. 13, p. 9-22, jun./jul. 1979.

³³ Adiante, no tópico 3.3 do presente capítulo, abordaremos com mais detalhes a legislação classificatória.

³⁴ CNTur - Confederação Nacional do Turismo.

³⁵ HOTÉIS, um Bom Mercado de Trabalho para Arquitetos. Projeto, São Paulo, n. 128, p. 78-79, dez. 1989.

se originaram da necessidade de atender a nichos específicos do mercado turístico.

3.3 TIPOS DE MEIOS DE HOSPEDAGEM

Devido à necessidade primordial de todo ser humano de se abrigar para passar a noite, bem como de buscar o alimento, e como, por definição, turista é aquele que passa pelo menos uma noite no destino visitado, torna-se inegável a importância dos meios de hospedagem no conjunto da experiência turística.

Segundo o sistema de Leiper (1990) apresentado por Sancho (2001), “o alojamento se converte em base, tanto física como psicológica, até que os mesmos [os turistas] entrem em contato com as demais atividades e serviços existentes” (SANCHO, 2001, p. 79).

A hotelaria pode ser definida como “o sistema comercial de bens materiais e inatingível dispostos para satisfazer às necessidades básicas de descanso e alimentação dos usuários fora de seu domicílio” (SANCHO, 2001, p. 79).

Conforme abordado anteriormente, desde as primeiras pousadas e residências que satisfaziam às necessidades dos viajantes, os meios de hospedagem progrediram e sofisticaram-se, fazendo surgir diversas tipologias.

Apareceram, também, novas formas de gestão:

A hotelaria tem se caracterizado, tradicionalmente, por um grande número de pequenos negócios individuais gerenciados na família. À medida que o mercado foi se expandindo, devido aos avanços tecnológicos do transporte, começaram a aparecer as grandes redes que conhecemos hoje em dia, e introduziram novas formas de gestão, como as franquias, permitindo sua presença em diferentes regiões do mundo. (SANCHO, 2001, p. 80)

Sancho (2001) divide os turistas em dois grupos: o que viaja por prazer e o que viaja por negócio, além de apresentar distintas características da hotelaria destinada a cada grupo. Conforme Sancho (2001, p. 82), os meios de hospedagem destinados ao primeiro grupo são frequentemente encontrados perto dos atrativos de lazer, são mais

acessíveis em relação aos preços e não dão tanta importância à rapidez dos serviços, como ocorre na hotelaria destinada aos viajantes por negócio.

Apesar de existir uma infinidade de categorias e classificações da hotelaria, não há um sistema de classificação reconhecido internacionalmente, como o que ocorre na União Europeia, onde “o Conselho de Ministros da Comunidade Européia aprovou uma recomendação elaborada pela Comissão de acordo com o setor, que prevê a normalização das principais informações referidas aos hotéis” (SANCHO, 2001, p. 82). No entanto, “até que os países-membros adotem esta recomendação em suas legislações internas, nos deparamos com uma grande diversificação no conceito de hotelaria” (SANCHO, 2001, p. 83). Enquanto em alguns países é obrigatório adotar a classificação legal, em outros isso é aleatório: pode ou não existir tal classificação.

As classificações de hotéis, restaurantes e outros estabelecimentos de hotelaria se revestem de grande importância do ponto de vista técnico, pois, pelo menos em teoria, permitem aos governos estabelecerem parâmetros homogêneos e objetivos de controle do setor para efeitos administrativos, fiscais e trabalhistas. Também, naqueles casos em que as classificações levam em conta aspectos tais como o ambiente, o trato do pessoal com o cliente, a amabilidade e a rapidez no serviço, etc., ou seja, os aspectos intangíveis do serviço, podem ser de grande utilidade para o usuário ao oferecer uma maior informação sobre a qualidade global do produto e do serviço, que em cada estabelecimento pode ser exigido, sempre de acordo com a classificação que tenha sido fixada. (SANCHO, 2001, p. 83)

Segundo Sancho (2001, p. 87), os alojamentos podem ser enquadrados para estudos, conforme quatro tipos:

1. *Tipo de estabelecimento* - Diferenciam-se entre oferta hoteleira e extra-hoteleira
2. *Tipo de exploração* - Analisa-se do ponto de vista econômico-financeiro e refere-se especialmente aos estabelecimentos hoteleiros.
3. *Tipo de produto* - Leva-se em consideração o segmento prioritário de demanda e a gestão empresarial.

4. *Tipo de comercialização* – Refere-se ao posicionamento dos hotéis no mercado, como redes hoteleiras ou como hotéis independentes.

O Quadro 2 exemplifica a análise do setor hoteleiro espanhol, de acordo com os tipos apresentados.

Quadro 2 - Análise do setor hoteleiro espanhol, conforme os quatro tipos de alojamentos

Tipos de alojamentos	1. Tipo de estabelecimento	Hotelaria	Hotéis Hotéis apartamento ou “apart-hotel” Motéis Hospedaria ou Pensão
		Extra-hoteleira	Acampamento “Self-catering”, “accomodation” Apartamentos, chalés Vilas e Pousadas Outros: balneários, propriedades rurais, “beauty forms”, etc.
	2. Tipo de exploração	Sociedade Mercantil	
		Separação propriedade-exploração	Contrato gestão Contrato arrendamento
		Franquias	
		Regime de multipropriedade	
	3. Tipo de produto	Hotel-cidade, H. suburbano, propriedades rurais. H. de lazer, H. convenções H. suite, H. "grã-luxo" Mega-hotéis H. multiuso, H. cassino	
	4. Tipo de comercialização	Rede hoteleira Hotel independente	

Fonte: SANCHO, 2001, p. 88 (Grifo da autora).

No Brasil, a revisão dos padrões de classificação dos meios de hospedagem propostos pela Confederação Nacional do Turismo – CNTur, em 1984, foi um dos momentos principais da expansão do setor hoteleiro citados por Leão (1995), conforme abordado anteriormente.

Tal regulamentação, criada como um instrumento de sistematização e incentivo às atividades turísticas nacionais, objetiva orientar três segmentos específicos: 1- investidores, quanto ao tipo de estabelecimento pretendido de acordo com a população alvo; 2- projetistas, quanto aos requisitos necessários para atingir determinada categoria; e 3- usuários, quanto a níveis de conforto e preços desejados. A classificação é feita por “tipos” e “categorias” de estabelecimentos, havendo critérios comuns ou específicos, obrigatórios ou opcionais, de acordo com três aspectos principais: 1- construtivos – referentes à setorização espacial, condicionantes ambientais e serviços públicos oferecidos pelo estabelecimento, conforme sua localização e destinação; 2- equipamentos e instalações- referente às condições dos sistemas elétrico, hidráulico, elevadores, equipamentos de segurança, mobiliário, etc; e 3- serviços- referente a pessoal, alimentação, bebidas, arrumação e limpeza, recepção e registro, telefonia e assistência oferecida aos hóspedes.³⁶ (LEÃO, 1995, p. 57)

Essa classificação recebe inúmeras críticas, como a de ser calcada no modelo europeu, pois é difícil o atendimento de suas exigências em um país com características tão distintas. Os critérios são mais de ordem quantitativa do que qualitativa, e certos espaços, para atender às prerrogativas legais podem ser subdimensionados ou conter áreas ociosas e, principalmente, não considerar a localização do empreendimento. Todavia, “parece unânime a opinião de que tal legislação, de forma geral, representa um avanço no desenvolvimento dos meios de hospedagem brasileiros” (LEÃO, 1995, p. 57)

³⁶ BRASIL, Resolução Normativa CNTur Nº. 09. Diário Oficial, Brasília, 13 fev. 1984. Seção I, p. 2171/2177.

Atualmente, a Embratur é a responsável por conceituar e definir os parâmetros usados para a classificação dos meios de hospedagem no Brasil. Dessa forma, a Embratur define no Artigo 6, da seção II, capítulo II, meio de hospedagem como:

Considera-se meio de hospedagem o estabelecimento que satisfaça, cumulativamente, às seguintes condições:

I - seja licenciado pelas autoridades competentes para prestar serviços de hospedagem;

II - seja administrado ou explorado comercialmente por empresa hoteleira³⁷ e que adote, no relacionamento com os hóspedes, contrato de hospedagem, com as características definidas neste Regulamento e nas demais legislações aplicáveis;

§ 1º - Observadas as disposições do presente Regulamento, os meios de hospedagem oferecerão aos hóspedes, no mínimo:

I - alojamento, para uso temporário do hóspede, em Unidades Habitacionais (UH) específicas a essa finalidade;

II - serviços mínimos necessários ao hóspede, consistentes em:

a. portaria/recepção para atendimento e controle permanentes de entrada e saída;

b. guarda de bagagens e objetos de uso pessoal dos hóspedes, em local apropriado;

c. conservação, manutenção, arrumação e limpeza das áreas, instalações e equipamentos. (...)
(Embratur, 1998)

Ainda conforme a Embratur, existem quatro tipos de meios de hospedagem para turismo: I) Hotel, II) Hotel Histórico, III) Hotel de Lazer e IV) Pousada. As características predominantes que os distinguem estão elucidadas no Quadro 3:

³⁷ EMPRESA HOTELEIRA: “Considera-se empresa hoteleira a pessoa jurídica que explore ou administre meio de hospedagem e que tenha em seus objetivos sociais o exercício de atividade hoteleira (...)”. (Embratur, 1998)

Quadro 3 - Tipos de meios de hospedagem de turismo e as características predominantes que os distinguem

TIPO	LOCALIZAÇÃO	NATUREZA DA EDIFICAÇÃO	CLIENTEL A PREFERENCIAL	INFRA-ESTRUTURA
HOTEL - H	Preferencialmente Urbana.	Normalmente em edificação com vários pavimentos (partido arquitetônico vertical).	Mista, com executivos e turistas, predominando ora uns, ora outros.	Hospedagem e, dependendo da categoria, alguma infraestrutura para lazer e negócios.
HOTEL HISTÓRICO- HH	Em prédios, locais ou cidades históricos, (no meio urbano ou rural)	Prédio tombado pelo IPHAN ou de significado histórico ou valor regional reconhecido.	Mista, com executivos e turistas, e com predominância variável, de uns ou outros.	Normalmente restrita à hospedagem.
HOTEL DE LAZER - HL	Áreas rurais ou local turístico fora do centro urbano.	Normalmente partido arquitetônico horizontal.	Turistas em viagens de recreação e lazer.	Áreas, instalações, equipamentos e serviços próprios, para lazer do hóspede.
POUSADA - P	Locais turísticos, normalmente fora do centro urbano.	Predominantemente construído em partido arquitetônico horizontal.	Turistas em viagens de recreação e lazer.	Restrita à hospedagem.

Fonte: Embratur, 1998.

A Secretaria Nacional de Políticas de Turismo – SNPTur – traz ainda, no Manual do Pesquisador, para o desenvolvimento do Inventário de Oferta Turística - Módulo B – Serviços e Meios de Hospedagem (2006), os tipos de *meios de hospedagem oficialmente registrados*, que são: I) Hotel, II) Hotel Histórico, III) Hotel de Lazer\Resort, IV) Pousada, V) Hotel de Selva\Lodge e VI) Apart-hotel\ Flat \condo-hotel, além da categoria *meios de hospedagem sem exigência de registro*, que é subdividida em: I) Hospedaria³⁸, II) Pensão³⁹, e III) Motel. Há ainda categoria *meios de hospedagem extra-hoteleiros*, que podem ser: I) Camping, II) Colônia de Férias e III) Albergues⁴⁰. E, finalmente, *outros meios de hospedagem*: I) Bed & Breakfast; II) Hotel Fazenda; III) Spa.

Adiante, analisaremos mais profundamente as pousadas, por serem o meio de hospedagem a ser analisado e por Florianópolis confirmar a tendência atual apontada por Barretto (2009, p. 112), que é o retorno ao hotel familiar, à pousada. Apresentaremos essa tipologia mais detalhadamente a seguir.

3.4 POUSADAS

Inicialmente, deve-se relatar a reduzida bibliografia que aborda especificamente as pousadas. Apesar de esse tipo aproximar-se dos primeiros estabelecimentos de hospedagem, por tratar-se de um empreendimento de menor porte e de, na maioria das vezes, um estabelecimento familiar, os estudos da evolução dos meios de hospedagens não dão ênfase a seu desenvolvimento, pois focam o surgimento e o desenvolvimento dos hotéis. Da mesma forma, há uma lacuna na bibliografia que trata dos tipos de pousadas existentes no país e no mundo, bem como de suas características e definições.

No Brasil, o Conselho Nacional de Turismo (1978) desenvolveu a Resolução Normativa nº 1.118/78⁴¹, que oficializou os padrões classificatórios dos estabelecimentos de hospedagem, organizando-os em oito tipos, sendo: hotel; hotel-residência, hotel de lazer, pousada,

³⁸ **Hospedaria:** estabelecimentos de hospedagem, sem parâmetros predefinidos de classificação, nos quais se alugam quartos ou vagas.

³⁹ **Pensão:** espécie de hotel geralmente pequeno e de caráter familiar, de preços mais baixos que os de um hotel comum.

⁴⁰ **Albergue:** estabelecimento comercial de hospedagem com instalações e serviços básicos que visam atender segmentos sociais com recursos financeiros simples, comportando quartos individuais ou dormitórios coletivos.

⁴¹ Substituída pela Resolução Normativa CNTur nº 09, de dezembro de 1983.

motel, parador, hospedaria e albergue de turismo. E definiu pousada como:

Estabelecimento de hospedagem instalado, total ou parcialmente, em edificação de valor histórico ou significação regional (ou local reconhecido pelo poder público como tal), com oferta de cômodos mobiliados, para ocupação temporária e demais serviços complementários inerentes à atividade, incluindo o serviço parcial de alimentação. (CONSELHO NACIONAL DE TURISMO, 1978)

COSTA *et al.*, afirmam que:

pousada é um estabelecimento situado em locais turísticos, fora dos centros urbanos que recebe pessoas em viagens de recreação e lazer. Pode ser instalada ou não em prédio de valor histórico ou de importância regional ou local. Tem estrutura administrativa familiar e, em função de seu pequeno porte, concede tratamento personalizado a seus hóspedes. (COSTA *et al.*, 2002, p. 8)

Percebem-se significativas alterações entre ambas: deixa de ser estabelecido que as pousadas sejam instaladas em edificações que possuam valor histórico significativo, assim como deixa de ser obrigatório oferecer serviço parcial de alimentação; contudo, a definição apresentada por Costa *et al.*, traz um aspecto não pertinente, pois há pousadas em centros urbanos.

O presente trabalho adotou a definição apresentada pela EMBRATUR, em 1998, como base para definir as características desse tipo de meio de hospedagem. Segundo a EMBRATUR (1998), pousada é:

meio de hospedagem de aspectos arquitetônicos e construtivos, instalações, equipamentos e serviços mais simplificados, normalmente limitados, apenas, ao necessário à hospedagem do turista para aproveitamento do atrativo turístico junto ao qual o estabelecimento se situa. (EMBRATUR, 1998, p. 5)

Entretanto, deve-se fazer uma ressalva à definição apresentada pela EMBRATUR (1998), pois deixa de mencionar importantes

características das pousadas, elencadas pelo Costa *et al.*, (2002), que são: estabelecimentos de pequeno porte (com até 30 unidades habitacionais), estrutura administrativa predominantemente familiar (além de ser uma propriedade familiar, a administração e gerência é realizado por um membro da família, assim, não há contratação de terceiros para estes postos) e tratamento personalizado aos hóspedes (a capacidade reduzida de usuários possibilita um atendimento mais pessoal aos hóspedes, e uma interação entre os clientes e os proprietários/funcionários).

A partir da definição de Costa *et al.*, (2002), EMBRATUR (1998) e dos critérios para classificação dos hotéis, da EMBRATUR (1998), no presente trabalho, foram consideradas pousadas apenas os meios de hospedagem de pequeno porte, situados em áreas onde há atividade turística, com administração familiar ou de pequenos empresários, que prestam serviços de hospedagem e oferecem serviços de limpeza nas unidades habitacionais- UHs - durante a estadia dos hóspedes, podendo isso ocorrer diariamente ou em períodos mais longos.

Costa *et al.* (2002) diferenciam, as pousadas dos demais hotéis por elas serem “de porte reduzido, com cara de ambiente doméstico – uma espécie de casa com acomodações extras para os visitantes” (COSTA *et al.*, 2002, p.8). Todavia, não se deve confundir tratamento personalizado e ambiente doméstico com serviços de baixa qualidade e falta de profissionalização; segundo Costa *et al.* (2002), os donos de pousadas, denominados pousadeiros, devem investir na organização e qualidade, uma vez que

o que existe de novidade nessa área é a rápida multiplicação do número de estabelecimentos do gênero e a onda de profissionalização que atinge empreendimentos dessa natureza. O improviso no atendimento parece estar com os dias contados e já não encontra lugar cativo nas pousadas. (COSTA *et al.*, 2002, p. 8)

Apesar da extensa pesquisa bibliográfica sobre o assunto, não foram encontrados estudos nacionais que definem os objetivos das pousadas; assim, o presente trabalho adotou os apresentados por Alcántara e Longa (1999), do Programa de Pousadas formalizado pela Corporação de Turismo da Venezuela em 1993, que define os seguintes objetivos:

- Facilitar o turismo, especialmente em segmento de diferentes regiões do país;
 - Resgatar e valorizar o patrimônio cultural das comunidades;
 - Incentivar eventos folclóricos e artesanato típico da região;
 - Preservar importantes elementos da arquitetura tradicional;
 - Contribuir com o desenvolvimento econômico e social das famílias, pequenos empresários e promotores.
- (ALCÁNTARA; LONGA, 1999, p. 23)⁴²

A segmentação do mercado e a busca para satisfazer as novas exigências do mercado turístico e, conseqüentemente, dos hóspedes resultaram numa ampla diversidade de tipos de meios de hospedagem, fato presenciado nas pousadas.

Assim como ocorre com os hotéis, as pousadas apresentam uma infinidade de características, que permitiria sua organização em categorias, porém não há um estudo que abranja toda a diversidade ou que defina quais as características de cada tipo.

Há importantes parâmetros que poderiam ser adotados para organizar os tipos de pousadas existentes, como tamanho, localização do estabelecimento, preço das diárias, níveis de serviços oferecidos, público-alvo, entre outros.

Assim, Costa *et al.* (2002) sugerem a seguinte distinção:

- 1- Pousadas Pequenas de até cinco unidades habitacionais – UHs operadas por uma família com o auxílio de um ou dois funcionários, onde o mais importante é garantir a sobrevivência dos donos.
- 2- Pousadas médias, de cinco a 20 UHs, operadas pelos proprietários com uma equipe de funcionários, onde há preocupações com a gestão, o atendimento ao cliente, a lucratividade, o *marketing*, etc.
- 3- Pousadas médias ou grandes, com 30 UHs ou mais concebidas sobretudo como investimento e operadas em bases totalmente profissionais, com utilização de serviços de

⁴² Tradução da autora.

consultoria específicos para cada etapa da obra, metas e prazos de retorno do capital.
(COSTA *et al.*, 2002, p. 13 e 14)

AEMBRATUR (1998) define que as pousadas podem ser classificadas, segundo as instalações e serviços oferecidos, em Standard Superior (3 ☆), Standard (2 ☆) e Simples (1 ☆), como explicado no primeiro capítulo.

Outra possível classificação é considerar-se o sítio do estabelecimento, podendo-se classificá-lo como: de praia, de montanha, entre outros. Há também as pousadas ecológicas, temáticas, rurais, entre outras, que se determinam, segundo as características construtivas, serviços e infraestrutura oferecidos e forma de funcionamento.

Essa variedade de formas de classificação demonstra as inúmeras possibilidades de configuração de uma pousada.

Segundo Costa *et al.* (2002), o programa de necessidades de uma pousada deve apresentar, no mínimo:

- Unidades habitacionais (apartamentos ou chalés);
- Recepção/gerência/guarda-volumes;
- Restaurantes/local para café da manhã;
- Cozinha/despensa;
- Sala de estar/leitura/TV; e
- Banheiro social/ lavabo.

Vale esclarecer que, para Costa *et al.* (2002), no livro destinado aos novos proprietários e donos de pousadas, esses estabelecimentos devem oferecer o serviço de café da manhã, até mesmo os de menor capacidade.

Não há consenso entre os consultores sobre o número de UHs que um estabelecimento deva apresentar para ser viável. Contudo, alguns aconselham um mínimo de 20 a 30 UHs, considerado um número reduzido para pequenos estabelecimentos. Há quem defenda a ideia de que a quantidade ideal seria de 5 a 20. Entretanto, outros sugerem que as pousadas possuam de 10 a 20 UHs para se alcançar certa tranquilidade financeira.

3.5 DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM AO ALOJAMENTO HOTELEIRO

Como mencionado no primeiro capítulo, a análise do presente trabalho não ficará restrita aos meios de hospedagem abordados na revisão (em especial, as pousadas), pois expandirá o estudo, direcionando-o para sua inserção no território, a fim de examinar as relações ambiental/paisagístico, urbana/arquitetônica resultantes da implantação do estabelecimento, e correlacionando-o com algumas características socioeconômicas. Assim, aproxima-se do conceito abordado por Ascanio (2009) de alojamento hoteleiro⁴³, que é “o espaço organizado para oferecer bem-estar recreativo ao turista, dentro do mesmo hotel e em seu entorno imediato” (ASCANIO, 2003, p. 15). Ou seja, esse conceito abrange tanto o meio de hospedagem como o entorno imediato, mostrando a importância da construção turística se adaptar e integrar à paisagem e às características locais. Por isso, Ascanio (2003) aconselha “para fins de avaliação do projeto hoteleiro, a utilização do conceito de alojamento turístico ampliado para seu entorno próximo” (ASCANIO, 2003, p. 16).

Assim, está implícita nesse conceito a importante relação entre paisagem e meio de hospedagem, que o presente trabalho visa analisar, uma vez que esse assunto é insuficientemente estudado pelos pesquisadores ou levado em consideração pelas pessoas envolvidas com o turismo e com os meios de hospedagem.

Portanto, o alojamento turístico hoteleiro sai das fronteiras do próprio hotel para se relacionar com a paisagem que o rodeia e com outros negócios que fazem parte de sua ‘pequena economia’ do ponto de vista espacial. Essa maneira de conceber o hotel, relacionando funcionalmente com um ambiente mais imediato, segundo as percepções dos turistas e sua necessidade de contar com outros serviços, é muito útil para a avaliação social do projeto de hotéis e para o estudo de suas economias e ‘deseconomias’ externas.
(ASCANIO, 2003, p. 15)

⁴³ ALOJAMENTO TURÍSTICO COMO HÁBITAT: “O alojamento turístico como habitat é concebido não só como um bem privado organizado para que o turista seja motivado a procurar aquele espaço interno, mas o alojamento turístico também está localizado em um entorno de espaços públicos não excludentes que podem ser consumidos ou desfrutados por todas as pessoas simultaneamente e sem custo adicional. **Daí a ideia de integrar e adaptar a construção turística à paisagem e às características do local para também produzir benefícios fora da unidade hoteleira, que são apreciados por toda a coletividade.**” (ASCANIO, 2003, p. 171, *grifo da autora*)

Assim como:

Sendo o alojamento turístico hoteleiro uma moradia coletiva que deve se harmonizar com a paisagem, ele tem sua própria dinâmica social e sua própria 'atmosfera', que em parte será o êxito do negócio, sempre que o hotel possa fazer parte do meio circundante de uma maneira equilibrada e sem criar poluição visual. (ASCANIO, 2003, p. 16)

É importante ressaltar que, apesar de a definição de alojamento hoteleiro ser interessante, a nomenclatura alojamento hoteleiro é insuficiente para definir a complexidade que o conceito expressa e ainda não é amplamente adotada. Pode-se conjecturar que isso se deve ao fato de ser uma temática ainda pouco explorada e que necessita ser aperfeiçoada.

4. TURISMO E HOTELARIA EM FLORIANÓPOLIS

A Ilha de Santa Catarina é a parte insular de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Possui aproximadamente 54 km de extensão no sentido norte-sul e 18 km no sentido leste-oeste e está localizada nas coordenadas médias de 27°35' S e 48°32' W. Apresenta um estreito marítimo com o continente de aproximadamente 500 metros de largura e profundidade média de 28 metros. Bueno (2006) compartimenta o seu território e sua paisagem em três grandes domínios: o litoral, as planícies costeiras e os maciços e morros, ou morrarias.

A grande diversidade geomorfológica da Ilha de Santa Catarina favoreceu o estabelecimento de distintos ambientes e ecossistemas costeiros, apresentando praias de águas calmas, baías, praias de mar aberto, costões, morros, promontórios, mangues, lagoas, restingas e dunas. A ocupação urbana alterou quase que completamente sua pequena parte continental e tem causado impactos ao ambiente natural insular. (BUENO, 2006, p. 89)

Esse conjunto de características resultou em uma área com forte vocação turística, uma vez que apresenta uma diversidade de ambientes e ecossistemas.

Como explanou Bueno (2006), a ilha apresenta dezenas de praias, dunas, morros, costões, lagoas, entre inúmeros outros elementos, que juntos formam inúmeras paisagens cênicas únicas, pois apresentam uma diversidade de componentes visuais em uma composição singular. Pode-se afirmar que a paisagem de Florianópolis é um dos principais atrativos para o desenvolvimento turístico da cidade.

Conforme apresentado no início do presente trabalho, ao longo do tempo, a cidade de Florianópolis sofreu mudanças na paisagem, induzidas pelo desenvolvimento urbano-turístico no município, resultando em paisagens com diferentes níveis de interferência humana.

Na ilha, encontra-se área densamente ocupada, com alta taxa de ocupação, conjuntos de edifícios que alteram significativamente o *skyline* da região, como o centro administrativo do município, assim como encontra-se área onde a atividade humana não alterou a paisagem natural, como a área da Lagoinha do Leste e a Praia de Naufragados.

Essa discrepância resulta em uma cidade com inúmeros atrativos turísticos.

As unidades da paisagem que compõem o sul da Ilha de Santa Catarina são caracterizadas pela baixa interferência humana, se compararmos a outras áreas da cidade, como a parte central e norte, pela densa vegetação, pelo contraste visual entre as planícies e elevações (morros), entre outros, resultando numa paisagem com forte apelo turístico. A partir dos estudos desenvolvidos ao longo do segundo e terceiro capítulos, pode-se supor que o sul da ilha é mais condizente com a prática do turismo segmentado ou alternativo, visto que a natureza é o principal elemento de composição da paisagem, e o sul apresenta um processo suburbano de ocupação, o que resulta em áreas com pouca interferência humana e a infraestrutura local é restrita.

Os elementos biofísicos da ilha resultam em um conjunto extremamente frágil à ação humana, podendo ser facilmente destruído.

A diversidade ambiental e a forte herança territorial decorrente da ocupação colonial fazem de Florianópolis uma localidade cuja relação entre natureza e ocupação urbana resulta num mosaico paisagístico natural e cultural de forte atrativo para diversas modalidades de turismo. (BUENO, 2006, p. 148)

Pode-se afirmar que o turismo de Florianópolis, capital do Estado brasileiro de Santa Catarina, ocorreu abruptamente, uma vez que, segundo Martins (2004, p. 160), as praias desse Estado não eram lugares de turismo de massa, com exceção da cidade de Camboriú, até o final da década de 1960.

De acordo com esse autor, “Florianópolis experimentou um desenvolvimento e progressiva ocupação territorial a partir dos anos 70, com uma ‘explosão’ na década dos anos 80” (MARTINS, 2004, p. 164)⁴⁴.

A ampliação das atividades ligadas ao turismo em Florianópolis ocorreu a partir do início dos anos oitenta, quando a cidade presenciou significativa expansão da atividade turística⁴⁵, impulsionando profundas mudanças socioespaciais no município.

⁴⁴ Tradução da autora.

⁴⁵ Entre o verão de 80/81 e 89/90 (períodos de alta estação), verificou-se aumento do número de pernoites turísticos, passando de 890 mil para mais de 3 milhões, e aumento dos gastos turísticos de US\$ 3,8 milhões para US\$ 74,9 milhões, no mesmo período (LINS, 1996).

A partir dos anos oitenta, o fenômeno turístico na cidade de Florianópolis passou a adquirir relevância e se consolidou como atividade econômica, gerando no contorno da Ilha de Santa Catarina uma série de modificações estruturais voltadas para a promoção de tal atividade. São anos marcados pelo surgimento de novos focos de expansão urbana, ligados ao turismo e ao lazer, como as áreas situadas ao norte da Ilha. E assim, a paisagem da orla marítima, como resultado de processos naturais e do agir humano, tem alterada sua fisionomia, através da implementação das condições mais propícias à valorização do valor: abertura e pavimentação de vias de acesso, loteamentos, hotéis, restaurantes, etc. Surge o turismo como 'salvação de Florianópolis' (...). (OURIQUES, 1998, p. 11)

Todavia, além dos benefícios, o desenvolvimento urbano e turístico trouxe para o frágil território da cidade muitos problemas, como já elencados no primeiro capítulo, que são: surgimento de loteamentos irregulares, sem planejamento e infraestrutura; ocupação de áreas preservadas, como próxima à faixa de areia da praia; ocupação irregular de encostas de morro, entre outros.

O turismo é uma das atividades econômicas mais promissoras do mundo globalizado, assim como na capital do Estado brasileiro de Santa Catarina: Florianópolis. Segundo Martins (2004), essa atividade é um importante motor da economia desse município: 83% da economia local é proveniente do setor de comércio e serviços, no qual o turismo está inserido. Outro dado que ilustra o desenvolvimento de tal atividade é o fato de esta cidade brasileira ter sido a quarta mais visitada por turistas estrangeiros que buscam lazer, em 2005, e a terceira em 2006 e 2007 (ver Tabela 1), conforme o Estudo da demanda turística internacional 2005-2007 do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (2009).

Tabela 1 - Destinos mais visitados por turistas internacionais, por lazer, no período de 2005 a 2007

Destinos mais visitados por turistas estrangeiros, por lazer (%):			
Cidade	2005	2006	2007
Rio de Janeiro-RJ	31,5	30,2	30,2
Foz do Iguaçu-PR	17,0	17,1	16,1
Florianópolis-SC	12,1	15,1	15,3
São Paulo-SP	13,6	12,6	13,7
Salvador-BA	11,5	11,4	10,2

Fonte: EMBRATUR (2009).

Florianópolis é considerada um dos maiores polos turístico do sul do País. Alguns dados da SANTUR – Secretaria de Turismo de Santa Catarina (2008) realçam a importância do setor turístico na cidade. O número de turistas que visitaram Florianópolis em 2008 ultrapassou a marca dos 776.374; destes, 629.378 são nacionais. Os principais emissores de turistas para a cidade, em 2008, foram o Rio Grande do Sul (46,33% dos turistas nacionais) e Santa Catarina (20,34% dos turistas nacionais); em relação aos turistas estrangeiros, foram a Argentina (79,17%) e o Chile (8,33%). A taxa de ocupação na rede hoteleira no mesmo ano foi de 67,34. Os gastos dia/pessoa ficam na faixa de US\$ 39,37⁴⁶ para os turistas nacionais e US\$ 45,59 para os estrangeiros. Naquele ano, o turismo movimentou uma receita estimada em dólar de US\$ 330.149.308,79. Segundo a mesma pesquisa, em 2008, 75% das pessoas que se dirigiram à cidade foram fazer turismo (lazer), enquanto 10% vieram a negócios.

Segundo Barretto (2003, p. 88), o expressivo fluxo de turistas argentinos para Florianópolis pode ser explicado conforme “determinadas condicionantes das relações internacionais entre Argentina e Brasil, em termos políticos e econômicos”. Entre elas destaca-se o câmbio, fator determinante para a quantidade e o tipo de turistas que se destinam à cidade. Vale esclarecer que o câmbio entre as moedas, assim como as relações entre os países, são determinantes na realização do turismo internacional, e não específico do município.

⁴⁶ Valor do dólar: R\$ 1,79.

Um dos vários aspectos que retratam a expansão da atividade turística na Ilha de Santa Catarina é a ampliação dos negócios hoteleiros. Conforme Ouriques (1998) em 1985, a cidade possuía 5.029 leitos, passando para 10.282 em 1995; segundo Bueno (2006), em 2006 a rede hoteleira possuía mais de 20.000 leitos (incluindo pousadas, campings e albergues), portanto, em vinte anos, o número de leitos no município quadruplicou.

Atualmente,

Florianópolis vem sendo oferecida para turismo balneário, cultural-histórico, ecológico e de eventos, contando com mais de 100 hotéis de categoria superior ou turística (...), segmento que é diretamente responsável por cerca de 10 mil postos de trabalho e, se associado ao segmento de alimentação e lazer, eleva este número para mais de 20 mil. (BUENO, 2006, p. 149)

Esses dados devem ser analisados com prudência, pois, apesar da indiscutível importância da atividade turística para o município, o modo como atualmente é explorada traz sérios impactos ao meio físico e à sociedade. Segundo Ouriques (1998), a maioria dos cargos ocupados pela população local são empregos temporários, com baixa remuneração, alta carga horária, informais e que requisitam baixa qualificação.

Esse autor apresenta uma síntese das considerações de diversos autores: Ferreira (1992)⁴⁷, Santos (1993)⁴⁸ e Moretto Neto (1993)⁴⁹, que desenvolveram investigações científicas em Florianópolis; eles alertaram sobre a necessidade de buscar formas de desenvolvimento do turismo, que consiste numa atividade não predatória, participante do desenvolvimento local, que permita prioritariamente satisfazer as necessidades básicas da maioria da população, utilizando-se recursos locais, como a mão de obra, sendo isso possível através do desenvolvimento descentralizado, e sugerem incentivo especial a empreendimentos de escala mais modesta, como, por exemplo, as

⁴⁷ FERREIRA, Francisco A. C. *Turismo e desenvolvimento urbano: avaliação do impacto sócio-ambiental da atividade turística na Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – UFSC, Florianópolis, 1992. 177 p.

⁴⁸ SANTOS, Cristina S. *Planejamento turístico e seus reflexos no processo de urbanização nas praias de Canasvieiras e Jurerê Internacional*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 1993. 247 p.

⁴⁹ MORETTO NETO, L. *A atividade turística e o desenvolvimento sustentado (...)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 1993. 677 p.

pousadas, albergues e pequenos hotéis. Os mesmos autores afirmam ainda que o Estado e a comunidade devem salvaguardar os recursos ambientais e paisagísticos da região, com base na preservação da base natural, para a sobrevivência da atividade turística.

Antes de analisarmos o impacto das pousadas na paisagem de estudo, se faz necessário uma revisão bibliográfica sobre a revolução e a regulamentação do turismo na Ilha de Santa Catarina, a fim de compreender como se deu o desenvolvimento desta atividade na região, a fim de podermos analisar o modo como tal atividade é desenvolvida e a infraestrutura existente.

4.1 EVOLUÇÃO DO TURISMO EM FLORIANÓPOLIS

A partir da análise das referências bibliográficas encontradas ao longo da pesquisa, pode-se afirmar que os habitantes de Florianópolis, bem como os governantes e empresários, reconhecem a vocação turística do município desde 1950. Todavia, ações para a efetiva implantação da infraestrutura necessária ao desenvolvimento satisfatório da atividade turística, assim como a qualificação dos serviços oferecidos, só começaram a ocorrer nas décadas seguintes.

A preocupação com a ocupação desordenada da orla marítima da Ilha de Santa Catarina já era retratada nos jornais, conforme pesquisa realizada por Oliveira (2010), a partir da segunda metade do século XX, assim como já eram divulgado a insuficiência do setor hoteleiro, a pouca qualidade dos serviços e as péssimas condições das estradas. Esses problemas eram apontados como um dos entraves da atividade turística no município; a situação persistiu na década seguinte. Nesse período, Florianópolis foi apelidada de cidade dormitório, uma vez que a maioria dos turistas permanecia no município apenas uma noite, devido aos problemas citados, além da falta de equipamento de lazer, deficiência de informação turística, inexistência de roteiros organizados, falta de infraestrutura nas praias, entre outros.

O verão de 1979 foi marcante para a história do turismo na Ilha de Santa Catarina, quando se repetiu outra grande incursão de turistas, que tornou a situação caótica na cidade, pois não havia ocorrido melhorias significativas na infraestrutura.

A cada ano a infraestrutura da Ilha de Santa Catarina melhorava. As praias de Jurerê, Canasvieiras e Ponta das Canas eram as preferidas dos turistas. Em meados de 1980, Florianópolis não era mais conhecida

como cidade dormitório, uma vez que os turistas permaneciam de 10 a 18 dias na ilha.

Oliveira (2010) continua descrevendo a situação da cidade no início da década de 1990 como caótica, elencando a falta de infraestrutura marítima, a inexistência de um centro de eventos, os preços, que continuavam abusivos, quando comparados ao nível de serviços oferecidos. Além da degradação do meio ambiente, como ocorreu em 1993, quando foi apontada como a temporada com a maior degradação do meio ambiente. Apesar de ter sido em 1992 a primeira vez que a cidade se preparava com antecedência para receber os visitantes (OLIVEIRA, 2010), acreditando-se que o turismo tinha se profissionalizado no município.

Ao longo das próximas décadas, de 1990 a 2010, presenciaram-se ações para a efetiva organização do turismo, como as reuniões organizadas pela Secretaria Municipal de Turismo, em 2003, visando o planejamento da ilha. Todavia, as ações realizadas não foram suficientes, uma vez que vivencia-se anualmente engarrafamento, falta de água, problema com esgoto, entre outros, em vários pontos da ilha.

Além desses problemas, Florianópolis sofreu significativa depreciação no patrimônio natural e histórico, o que é exemplificado pela avançada especulação imobiliária vivenciada em diversos bairros e praias; pelo aumento significativo de loteamento; e pela favelização avançada nas dunas, nos manguezais e nos morros.

Apesar de todo o histórico do turismo em Florianópolis, da inegável vocação turística da ilha, dos milhares de turistas que visitam a cidade anualmente há décadas, da renda gerada por essa atividade, das drásticas alterações induzidas na configuração físico-espacial do município, a Ilha de Santa Catarina ainda não possui um Plano Diretor de Turismo.

O próximo tópico apresenta a evolução da legislação e algumas ações do governo, que objetivaram acompanhar, incentivar e ordenar essa expansão turística na Ilha de Santa Catarina.

4.2 REGULAMENTAÇÃO DO TURISMO EM FLORIANÓPOLIS

O desenvolvimento da atividade turística no município foi acompanhado pela implementação de políticas públicas e de órgãos públicos e privados, inicialmente, criados para incentivar o turismo,

posteriormente, para ordená-lo, fiscalizar e reorganizar as ações de ocupação, uso do solo e os programas de expansão urbana de Florianópolis.

Com a elaboração do Plano Metropolitano de Florianópolis, pelo ESPLAN – Escritório Catarinense de Planejamento Integrado, no final da década de 1960 e começo da década de 1970, o turismo “devia ser estimulado porque ainda no primeiro lustro dos anos 70, a Florianópolis turística era um desejo distante.” (BARRETTO, BURGOS, FRENKEL, 2003, p. 73). Definiu-se a cidade de Florianópolis como ‘espaço turístico’ e São José como ‘cidade industrial’.

Na mesma época, na esfera municipal, foi criado o órgão gestor da atividade turística, a Diretoria Municipal de Turismo – DIRETUR, posteriormente transformada em SETUR - Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte.

Em 1972, foi elaborado pela Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul- SEDESUL e entregue ao Governo do Estado o Plano Regional de Turismo (PRT), que trazia

um elenco de diretrizes que visa a captação do turismo proveniente de outras áreas do País e do exterior mais próximo, principalmente, dos países do Prata’, com recomendações básicas, entre elas a de tomar em conta os fluxos turísticos já existentes, que eram os provenientes dos países da Bacia do Prata. (Deatur, 1975, s/p⁵⁰, *apud* BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 79)

O Plano de Desenvolvimento Turístico do Aglomerado Urbano de Florianópolis, o PDTAUF – 1981, começou a ser implantado em 1979, desenvolvido pelo IPUF– Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis- em colaboração com a SETUR e apoio da Sociedade Alemã de Cooperação Técnica. Ele “tentou orientar as entidades públicas e particulares atuantes na região funcional de Florianópolis no setor turístico” (MARTINS, 2004, p. 172)⁵¹ e visava conciliar o turismo com a expansão urbana. O PDTAUF foi revisado no final da década de 1990, originando o Plano de Desenvolvimento Turístico de Florianópolis- PDT.

O IPUF elaborou em 1984 o Diagnóstico do Plano Diretor dos Balneários e do Interior da Ilha, que serviria como base para o futuro

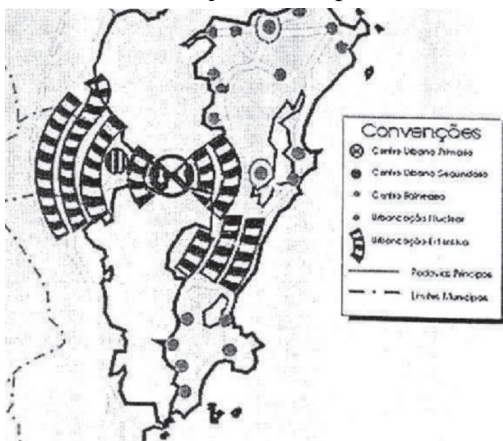
⁵⁰ No entanto, o planejamento de turismo de massa orientado ao mercado argentino, em Florianópolis, surgirá em 1981, com o mencionado PDT.

⁵¹ Tradução da autora.

Plano Diretor, enquadrando a expansão territorial em um ‘Modelo Teórico de Ocupação do Aglomerado Urbano de Florianópolis’. Esse modelo territorial conservava a estruturação urbana polinucleada da Ilha.

Como se pode visualizar na Figura 5, uma das áreas para a qual o vetor de expansão urbana está direcionado é a planície do Campeche, além da parte continental de Florianópolis e central.

Em 1985, foi promulgada a Lei nº 2.193, que dispunha sobre o uso e ocupação do solo nos balneários da Ilha de Santa Catarina. As principais ações previstas no plano são:



Fonte: IPUF.

Figura 5 - Segundo Modelo Teórico desenvolvido pelo IPUF para o PDB-85- s/escala.

- Estratégia de desenvolvimento Turístico com a definição do Produto Turístico,
 - Estratégia espacial de desenvolvimento turístico,
 - Identificação dos Centros Prioritários e Identificação das principais zonas turísticas (...).
- (MARTINS, 2004, p. 173)⁵²

Segundo Bueno (2006),

o Plano utiliza um segundo Modelo Teórico, que sucedeu o primeiro apresentado no Diagnóstico e prevê, novamente, a expansão para a região da planície do Campeche⁵³ (já sugerida no plano dos anos 1970), recolocada em questão pela forte pressão imobiliária na região, acentuada pela rápida ocupação clandestina que vinha

⁵² Tradução da autora.

⁵³ A planície Campeche está situada ao sul da Ilha de Santa Catarina e engloba parte da área do distrito do Campeche e do Ribeirão da Ilha.

acontecendo e pela disponibilidade de amplas áreas ainda livres. (BUENO, 2006, p. 165)

O Plano de Desenvolvimento Turístico de Florianópolis, de 1999, que está em vigor atualmente, trata do “planejamento e do controle da atividade turística no município, buscando estreita relação com os dois planos de ordenação territorial da cidade: o Plano Diretor do Distrito Sede e o Plano Diretor dos Balneários” (BUENO, 2006, p. 172).

O Plano Estratégico de Planejamento Turístico para Florianópolis – PLANET 2000 surge em 1995, com base no pensamento estratégico, do esforço de diversos agentes e segmentos sociais públicos e privados. Ao compreender que o mercado globalizado, com a expansão da cultura do lazer e da atividade turística e com a redistribuição dos papéis das cidades, exige estratégias e espaços turísticos competitivos, o Plano apontava para ações de melhoria de organização institucional, serviços e recursos humanos, proteção ao meio-ambiente, implantação de infraestrutura e busca de imagem marcante para cidade. (BUENO, 2006, p. 155)

No entanto, é importante esclarecer que:

Na configuração do espaço especificamente destinado às atividades turísticas na ilha de Santa Catarina nos deparamos com uma espécie de paradoxo: o vetor de desenvolvimento seguiu um caminho totalmente contrário às indicações apontadas pela equipe do ESPLAN no Plano Metropolitano e posteriormente constante no segundo Plano Diretor da cidade, aprovado em 1976, sob a forma da Lei 1440/76. (BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 80)

O Plano Integrado de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Florianópolis era, “principalmente, a tentativa de orientar o planejamento da atividade turística do município de Florianópolis na direção da planície frontal à praia do Campeche, ao sul da Ilha, onde se localizou o Setor Oceânico-Turístico” (BUENO, 2006, p. 159).

Entretanto, o cenário presenciado foi a ocupação e os investimentos direcionados ao norte da Ilha de Santa Catarina, contrariando assim os planos e legislações existentes.

Segundo Barretto, Burgos e Frenkel (2003), o anteprojeto do Plano Diretor de Florianópolis foi concluído em 1970 e enviado para a aprovação da Câmara, porém só foi aprovado seis anos depois, uma vez que “priorizava a expansão urbana de Florianópolis na direção sudeste, contrariando o processo que vinha sendo produzido na cidade até aquele momento” (BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p.84)

Um dos motivos para tal discordância e demora na aprovação do Plano Diretor deve-se à classe social dominante de Florianópolis, que se mostrou contrária. Ela, segundo Barretto, Burgos e Frenkel (2003), conseguiu, na prática, que as praias do norte fossem primeiramente favorecidas com infraestrutura viária, mais do que as do sul.

O caso desta controvérsia, nos anos 70, entre um projeto de desenvolvimento que privilegiava a região sudeste e outro que privilegiava a região Norte da Ilha, e o triunfo contra todas as recomendações técnicas e legais vigentes na época, do vetor de desenvolvimento para o Norte, demonstra que, longe de resultar apenas das determinantes ‘naturais’ da região, a constituição do Norte como lugar turístico foi, em primeiro lugar, um processo de construção política do espaço. (BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 87)

Assim, a ocupação urbana e turística ocorreu primeiramente, e de forma mais intensa, no norte da Ilha de Santa Catarina. Além dos investimentos na infraestrutura viária, outro fator que favoreceu o desenvolvimento da atividade turística primeiramente no norte da ilha foi a qualidade das praias e a temperatura da água. Nessa área, polarizaram-se os investimentos do setor privado, sobretudo do ramo hoteleiro, inserindo os empreendimentos de maior porte.

O início da ocupação no sul da ilha caracterizou-se por

ocupações não tão turísticas [comparação com as do norte da ilha], como a que se implantou na Planície do Campeche, próximo à praia, com característica predominante de residências permanentes, em um tecido urbano com padrão menos atrativo a turistas e fora dos padrões de

legalização normatizados pela administração pública. (BUENO, 2006, p. 227)

A partir da década de 1980, os distritos de Campeche, Pântano do Sul e Tapera passam a fazer parte do movimento de expansão da ocupação territorial da Ilha, com implantação de habitações de trabalhadores assalariados e de baixa renda. Assim, nesse período, a expansão na região sul não foi induzida expressivamente pela atividade turística.

Pode-se afirmar que, apesar das várias ações do governo, das iniciativas privadas, e das legislações criadas com o objetivo de ordenar e incentivar o turismo em Florianópolis, poucas foram totalmente aplicadas ou obtiveram sucesso.

Assim, a Ilha de Santa Catarina necessita de leis atuais, plano de ação, que ordene os investimentos na infraestrutura turística, e que estes sejam respeitados e postos em prática.

4.3 SITUAÇÃO DA HOTELARIA EM FLORIANÓPOLIS, COM ÊNFASE NO SUL DA ILHA DE SANTA CATARINA

Segundo Martins (2004), as organizações espaciais básicas do turismo de Florianópolis são os hotéis, condomínios, *resorts*, pousadas e segundas residências, e a maioria dos grandes investimentos turísticos se encontra junto ao mar. Assim, vale ressaltar que, além dos meios de hospedagem, também fazem parte da organização espacial do turismo do município elementos como segunda residência e condomínios.

Os meios de hospedagem de Florianópolis estão implantados predominantemente no centro e nos balneários, onde a atividade turística é mais intensa.

Os hotéis centrais do município oferecem serviços completos de hotelaria, boa infraestrutura física e possuem, como característica, a verticalização.

O primeiro hotel-balneário construído em Santa Catarina foi o Hotel Balneário de Canasvieiras, localizado no balneário do mesmo nome. Em 1950 havia quatro hotéis na cidade: Cacique, La Porta, Estrela e Majesti. Nesse período, os hotéis eram poucos e ofereciam pouca qualidade nos serviços. Dois anos depois, foi inaugurado o Lux Hotel, que dispunha de elegantes instalações, apartamentos decorados

com apurado gosto artístico; seus proprietários se beneficiaram da Lei 70/51, que isentou de quaisquer impostos e taxas os novos hotéis que se instalassem no município, pelo espaço de 10 anos. O La Porta também foi reformado e destacava-se ao ser comparado aos grandes hotéis das maiores capitais brasileiras. Nesse período, os meios de hospedagem existentes não eram suficientes para saciar a demanda, obrigando a Maternidade Carmela Dutra a acomodar os turistas que não conseguiam se hospedar. O Querência Palace Hotel, aberto em 1958, supriu parte dessa demanda. Em 1960 inaugurou-se o Oscar Palace Hotel, localizado na Avenida Hercílio Luz. O setor hoteleiro da capital era composto por nove estabelecimentos: o Majestic (na Rua Trajano), Mário, Metropol, Cruzeiro, Lux, Querência, Cacique, Royal e Ivoram. Todos não passavam da categoria três estrelas. Nove anos depois, o Serviço Social do Comércio-SESC inaugurou, no Balneário de Cacupé, um Centro de Veraneio que oferecia apartamentos, chalés e equipamentos de lazer.

Segundo Oliveira (2010), no verão de 1974, os ilhéus investiram em pequenos hotéis, casas e prédios de apartamentos para alugar, estimulados pela presença maciça de turistas argentinos, como o Hotel Praia Joaquina. O Hotel Canasbeach foi o segundo aberto no Balneário de Canasvieiras, em 1974. Nessa época, a oferta de hospedagem, tanto de boa quanto de péssima qualidade, cresceu vertiginosamente, mas ocorreu um fato inesperado: a queda na quantidade de turistas argentinos, devido à crise naquele país, deixando os hoteleiros com dívidas. Alguns estabelecimentos fecharam, por não suportarem a baixa temporada. Os oito melhores hotéis do centro da cidade, em 1975, já não eram suficientes para atender à demanda nos meses de janeiro e fevereiro. No ano seguinte, foi inaugurado o primeiro hotel cinco estrelas de Santa Catarina, o Florianópolis Palace Hotel. No mesmo ano, um grupo de investidores internacionais construiu um complexo turístico com hotel de luxo, porém não foi autorizada a instalação da marina prevista no projeto. Em 1978, o número de leitos disponíveis em Florianópolis era de 2.500 unidades, com equilíbrio entre a oferta e a procura. Já na metade da década de 1980, o aumento da quantidade de turistas em Florianópolis não correspondeu ao aumento da oferta de leitos, que dobrou desde 1985.

Entre os projetos hoteleiros, de meados da década de 1980 aos dias atuais, destaca-se o Costa do Santinho *Resort*; trata-se de um complexo com premiada infraestrutura e serviços, que conta com 1 milhão de metros quadrados.

Em 1995, instalou-se o primeiro hotel de rede internacional na cidade, a marca Parthenon, pertencente ao grupo Accor, que atualmente

funciona como Mercure. Todavia, foi a partir do ano 2000 que se deu a efetiva entrada das bandeiras de hotéis integrantes de redes hoteleiras nacionais e internacionais, sendo, atualmente, importantes representantes dos meios hoteleiros no município. O aumento desse tipo de estabelecimento hoteleiro foi motivado pelo mercado turístico da região, que passou a sofrer grandes alterações a partir de 1998, conforme discorrem Santos e Pereira (2008), com a intensificação dos fluxos turísticos de negócios e eventos, que promoveram modificações significativas na hotelaria localizada no núcleo central de Florianópolis. O Anexo 5 apresenta o quadro desenvolvido por Santos e Pereira (2008), que traz o levantamento dos hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis, em 2007, e o tipo de administração deles.

Nos balneários localizam-se os meios de hospedagem destinados ao setor de lazer, onde se encontra uma gama de tipos de meios de hospedagem, dos mais simples, que oferecem apenas os serviços essenciais, como os campings e albergues, até os que disponibilizam uma complexidade de serviços, como os *resorts*.

Não se tem registro da época de implantação dos demais meios de hospedagem de pequeno porte, em especial a da primeira pousada em Florianópolis, mas pode-se afirmar que existem há mais de 30 anos, conforme Oliveira (2010).

Apesar da falta de dados que discorram sobre sua origem, as pousadas apresentam, entre os diversos meios de hospedagem, importante participação no cenário de Santa Catarina. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de Santa Catarina (ABIH-SC), em 2007 o Estado apresentava cerca de 2.750 meios de hospedagem. Dessas, “40% são pousadas e pequenos hotéis, com até 30 UHs; 54% são hotéis com 30 a 80 UHs, e 6% são hotéis com mais de 80 UHs” (ABIH-SC – 03/2007). Esse cenário também se faz presente no município de Florianópolis.

Na pesquisa mercadológica Estudo da Demanda Turística, do município de Florianópolis, desenvolvida pela Santur⁵⁴ e Prefeitura Municipal, numa sinopse comparativa entre janeiro e fevereiro de 2004, 2005 e 2006 (SANTUR, 2006), as pousadas aparecem como o quarto meio de hospedagem mais utilizado, como pode ser observado no Quadro 5. Essa realidade perdurou entre os anos de 2007 e 2008,

⁵⁴ “Santur - Santa Catarina Turismo S/A é uma empresa de economia mista criada em 28 de junho de 1977, que tem como objetivo o fomento e a divulgação da política estadual de turismo, encontrando-se vinculada à Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte” (Site oficial, 2010).

conforme os dados da sinopse comparativa desenvolvida pelos mesmos órgãos (ver Quadro 6). Vale destacar o aumento percentual das pessoas que utilizam as pousadas como meio de hospedagem: de 11,93% em 2004 para 17,05% em 2008. É pertinente esclarecer que casas de amigos e parentes, assim como casa ou apartamentos de aluguel, não são classificados como meios de hospedagem de turismo pela EMBRATUR (1998), como abordado no capítulo 3 deste trabalho.

Tabela 2 - Dados referentes aos meios de hospedagem da sinopse comparativa entre janeiro e fevereiro de 2004, 2005 e 2006

Meio de Hospedagem	2004	2005	2006
Hotel	18,03%	15,89%	22,21%
Pousada	11,93%	12,03%	11,94%
Hospedaria, Pensão Dormitório	1,20%	2,33%	2,18%
Casa Própria	7,81%	7,90%	10,91%
Casa de Amigos ou Parentes	29,79%	34,20%	30,42%
Casa ou Apto. de Aluguel	27,55%	24,33%	19,00%
Camping	2,83%	2,15%	2,18%
Albergues/ Alojamentos	0,86%	1,17%	1,16%

Fonte: SANTUR (2006).

Tabela 3 -Dados referentes aos meios de hospedagem da sinopse comparativa entre janeiro e fevereiro de 2006, 2007 e 2008

Meio de Hospedagem	2006	2007	2008
Hotel	22,21%	22,42%	21,74%
Pousada	11,94%	14,20%	17,05%
Hospedaria, Pensão Dormitório	2,18%	0,46%	0,84%
Casa Própria	10,91%	8,76%	4,62%
Casa de Amigos ou Parentes	30,42%	28,51%	29,67%
Casa ou Apto. de Aluguel	19,00%	23,62%	24,82%
Camping	2,18%	1,75%	1,05%
Albergues/ Alojamentos	1,16%	0,28%	0,21%

Fonte: SANTUR (2008).

A importância das pousadas no desenvolvimento da atividade turística no sul da Ilha de Santa Catarina é indiscutível, uma vez que

nessa região elas são mais numerosas que os demais meios de hospedagem, conforme pesquisa realizada na lista de associados da ABIH em 2010 e comprovado durante as visitas *in loco*.

4.4 A PORÇÃO SUL DA ILHA DE SANTA CATARINA

Como explanado nos tópicos anteriores, a ocupação na porção sul da Ilha de Santa Catarina ocorreu de forma mais lenta, se compararmos às das demais áreas da ilha, e pode-se supor que um dos fatores que influenciou essa realidade foi o vetor de desenvolvimento turístico ter se desenvolvido primeiramente na porção norte e nordeste da ilha, apesar de a legislação ter direcionado para a porção sul, além das melhorias na acessibilidade implementadas primeiramente em direção ao norte da ilha, entre outros. Além disso, pode-se afirmar que a ocupação na porção sul continuou a se desenvolver de forma espontânea, mesmo após o Plano Diretor dos Balneários de 1985, pelos moradores, que constituíram uma paisagem suburbana de renda média e baixa renda.

Assim, o modo como ocorreu a ocupação à porção sul da ilha resultou em uma paisagem pouco verticalizada, de baixa densidade, do tipo subúrbio, com casas soltas no lote na planície, ou em servidões nas encostas dos morros. Como restam alguns espaços abertos privatizados, presencia-se o aumento da pressão imobiliária para adensamento e verticalização em determinadas áreas. Se por um lado a visão empreendedora traz substanciais transformações na silhueta e ambiência da região sul, por outro, aponta para a possibilidade de liberação de áreas abertas.

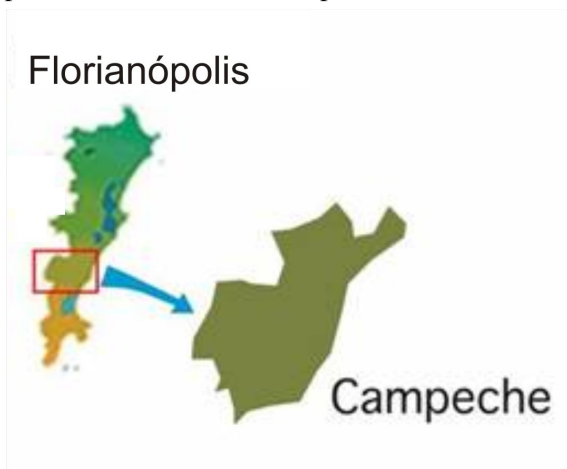
Dessa maneira, o modo de ocupação não é o elemento de destaque nas unidades de paisagens do sul da Ilha de Santa Catarina. Pode-se afirmar que são os elementos naturais que sobressaem, tanto a cobertura vegetal como a composição morfológica da área.

Diante dessa importante composição paisagística, como apresentado no primeiro capítulo, o presente trabalho se propôs a estudar a interferência paisagística das pousadas dos distritos do sul da Ilha de Santa Catarina, no entorno onde estão implantadas, com ênfase no impacto paisagístico cênico, além de analisar a estrutura física dos estabelecimentos e suas possíveis influências socioeconômicas na área. Para isso, se fez necessário apresentar nos próximos tópicos a contextualização e caracterização do território e da paisagem dos três distritos (Campeche, Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha), a fim de

compreender em que tipo de paisagem as pousadas estão inseridas, para depois analisar sua inserção na paisagem no entorno imediato e suas características físicas e possíveis implicações sociais.

4.4.1 Contextualização e caracterização do território e paisagem do distrito do Campeche

O distrito de Campeche (localização conforme o mapa da Figura 6) foi selecionado para implantação da primeira parte da pesquisa, por ser “um dos atuais vetores de expansão urbana da cidade de Florianópolis – SC – que materializam transformações de forma mais aguda e aparente” (NEVES; 2003; p. 4), e pelo “aumento vertiginoso da população e da área construída, somadas às projeções de ampliação da população nas duas próximas décadas, contidas no PDC [Plano Diretor do Campeche]/95” (NEVES; 2003; p. 10).



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6 - Localização do distrito do Campeche no contexto municipal.

Assim, o Distrito do Campeche mostrou-se um interessante objeto de estudo, devido ao seu desenvolvimento, à sua expansão e à tendência de continuação desta. Como anteriormente afirmado, o turismo no sul da Ilha de Santa Catarina não é caracterizado pelo investimento de grandes empresas e pelo turismo de massa (ainda que grandes contingentes de turistas e visitantes locais diários afluam a suas praias durante as

temporadas), uma vez que a maioria dos turistas ainda se destina para o norte da Ilha.

A partir da década de 1980, Campeche passa a fazer parte do movimento de expansão da ocupação territorial com fins habitacionais para trabalhadores assalariados e de baixa renda. É uma região apontada pela legislação municipal (Lei Municipal de Uso e Ocupação do Solo dos Balneários da Ilha de Santa Catarina - Lei nº 2193 de 03/01/1985) como área para expansão urbana e turística. Segundo Bueno (2006), como ocorreu em outras regiões da ilha, o processo de passagem da residência secundária de veraneio para o *status* de moradia permanente é peça fundamental na expansão da cidade e tem atraído atividades complementares à residencial, formando novas centralidades, fato presenciado no Campeche.

Segundo Fauth (2008), o Distrito do Campeche possui área total de 35,32 km², tendo sido desmembrado dos distritos do Ribeirão da Ilha (na localidade do Morro das Pedras) e do distrito da Lagoa da Conceição. Foram criadas pela Lei Municipal nº 4805/9527 (IPUF, 2011), e a partir de então passaram a fazer parte do Distrito do Campeche, as localidades do Morro das Pedras, Praia do Campeche, Campeche e Rio Tavares.

A transformação do rural para o urbano na região é caracterizada, principalmente, pelo somatório de loteamentos e desmembramentos desconectados do tecido existente. Os posseiros, que lotearam suas extensas áreas rurais em lotes urbanos, e os desmembramentos clandestinos foram importantes agentes no crescimento urbano da região.

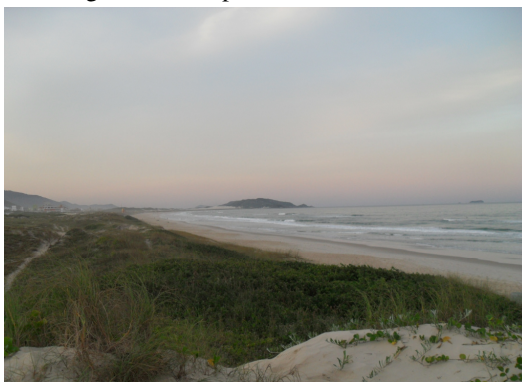
A unidade de paisagem – UP Planície Campeche (Figura 7) analisada por Bueno (2006), ao privilegiar a matriz biofisiográfica, abrangeu áreas além da do Distrito do Campeche. A área de estudo é caracterizada por ser uma planície de baixa declividade, por apresentar dunas na porção leste, em sua maioria já fixadas pela vegetação, conforme a Figura 8, além de pequenas áreas alagáveis, que formam lagoas e banhados intradunas. Na área, destacam-se a Lagoa da Chica, quase totalmente aterrada, e a Pequena, com dimensões reduzidas, porém mais profundas (Figura 9).

A Ilha do Campeche, localizada próxima da costa, é um elemento de forte impacto paisagístico na amplidão da praia e fecha a perspectiva da via de acesso à Avenida Pequeno Príncipe.



Fonte: Google Maps.

Figura 7 - Vista geral do Campeche.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 8 - Cordão dunar fixado pela vegetação na praia do Campeche.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 9 - Lagoa Pequena, Campeche.

O distrito apresenta padrões urbanísticos decorrentes de subparcelamentos de lotes comunais, em lotes suburbanos irregulares, com baixa densidade. Alguns loteamentos e condomínios fechados, com a devida permissão do poder público, aparecem como padrão urbano moderno, apresentando traçado mais regular.

Na parte oeste do Campeche há morros e encostas; dentre estes, destacam-se o maciço da Costeira e o Morro do Lampião, que apresentam uma densa cobertura vegetal. A vegetação é marcante na área de estudo, que possui uma extensão de mangue, restinga e floresta de planície quaternária.

A presença dominante da natureza e da cobertura vegetal nos morros e encostas, o que lhe confere potencial paisagístico, sugere atividade turística de pouca intensidade, acompanhada de controle forte nos ecossistemas lacustres e nas planícies de restinga. As encostas, já em processo de ocupação residencial, podem ser aproveitadas por estabelecimentos turísticos de baixo impacto. (BUENO, 2006, p. 279)

Para análise da inserção dos meios de hospedagem estudados (as pousadas) no Campeche, foi elaborada uma lista de empreendimentos a serem visitados, conforme explanado no tópico 1.5.3 – Técnicas de Pesquisa. Na primeira busca, nos sites das associações, sindicatos ou organizações, foram levantados quatro estabelecimentos. Posteriormente, nos sites de buscas, 19 pousadas foram encontradas, e, durante as visitas em campo, dois novos empreendimentos foram descobertos.

Entre as 25 pousadas listadas, apenas 14 foram visitadas. As não visitadas não foram encontradas, nem pelo telefone nem pelo endereço divulgados, o que permite especular que não estejam em funcionamento, enquanto outras três, apesar de se autodenominarem, não podem ser classificadas como pousadas, uma vez que não oferecem os serviços mínimos definidos pela EMBRATUR (1998), como, por exemplo, a limpeza das unidades de habitação durante a estadia dos hóspedes, além da troca da roupa de cama e banho.

Esse critério permitiu a desclassificação desses três empreendimentos visitados, pois melhor se enquadram em aluguel de unidades habitacionais por dia ou por outros períodos.

Dessa forma, as pousadas analisadas no tópico seguinte foram:

Quadro 4 - Pousadas analisadas do distrito do Campeche

Pousada	Endereço
Brisas do Mar	Rua Ana Luiza Vieira, 29 – Cond. Novo Campeche
Do Capitão	Rua Gilmas Darli Vieira, 254- Cond. Novo Campeche
Flori	Rua Nivaldo Dias, 153- Cond. Novo Campeche
Natur	Servidão Nunes, 59
Novo Campeche	Rua Gilmar Darli Vieira, 80
Pau de Canela	Rua Pau de Canela, 606
Praia Campeche	Rua Lomba do Sabão, 175
To na praia	Srv. do Cravo Branco, 333
Vento do Sul	Rua Cata-Vento, 646
Vila Tamarindo	Avenida Campeche, 1836
Zeperrí	Avenida Campeche, 1.150

Fonte: Elaboração própria.

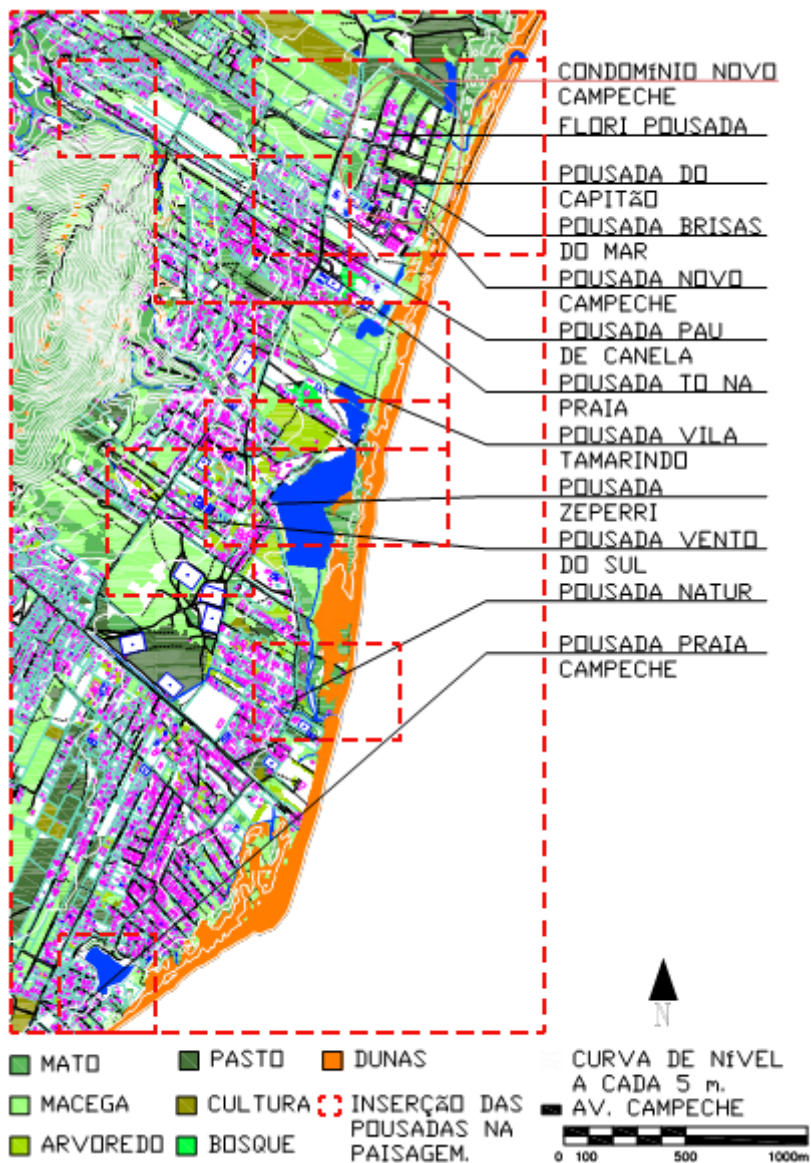
4.4.2 Estudos de Caso do Distrito de Campeche

Conforme os critérios mencionados anteriormente, no Distrito de Campeche considerou-se a existência de 11 pousadas.

Como ilustrado no Mapa 1, as pousadas estão inseridas na área onde a ocupação está em processo de expansão e consolidação, resultando numa paisagem predominantemente suburbana.

Todos os empreendimentos estudados estão localizados nas ruas adjacentes à praia, conforme o Mapa 2, e na área de menor cota e declividade do distrito. Vale ressaltar que a área de preservação ambiental, que envolve dunas, vegetação, lagoas, entre outros elementos, funciona como barreira entre a ocupação urbana do distrito e a praia do Campeche. Todavia, nem sempre essa área é respeitada pela ocupação urbana, embora nenhuma pousada, entre as que estão sendo estudadas, a tenha infringido.

O Mapa 2 ilustra ainda que, com exceção de um estabelecimento, os demais estão localizados na Avenida Campeche ou nas proximidades. Dessa forma, é nítida a concentração de pousadas nas áreas de ocupação mais recente, como no Condomínio Novo Campeche, que comporta quatro dos 11 estabelecimentos, correspondendo a 36,36% das analisadas.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 2 - Área que concentra as pousadas, localização dos estabelecimentos e suas subunidades.

Para analisar a inserção dos estabelecimentos na paisagem, a área foi subdividida conforme o Mapa 2.

Na área que contém o Condomínio Novo Campeche, percebe-se, no Mapa 3, que se trata de uma área relativamente plana, situada nas cotas baixas, conforme a primeira imagem. A área é delimitada a oeste por um morro com densa vegetação, conforme ilustra a segunda imagem, e pelo mar a leste. A praia do Campeche apresenta extensa área de dunas e possui considerável cobertura de restinga (macega). Ali não há vias de acesso de veículos à praia, existindo apenas caminhos, não calçados, para pedestres, entre as dunas e vegetação. No mapa está demarcada uma possível rota de ligação entre as pousadas e o mar.

Trata-se de uma região suburbana, que apresenta predominantemente vazios urbanos. Contudo, notou-se, durante as visitas *in loco*, que a área passa por um processo de ocupação, com destaque para os condomínios multifamiliares, de até quatro pavimentos, como o da terceira imagem.

As pousadas não possuem vista para o mar devido à relativa distância dele, por estarem próximas à área de preservação ambiental e também por causa dos cordões de dunas, que têm diferentes alturas ao longo da costa, apresentando em alguns locais mais de 5 metros de altura.

Segundo a Lei Municipal nº 2193/85, que dispõe sobre o zoneamento e uso e ocupação do solo nos balneários da Ilha de Santa Catarina (FLORIANÓPOLIS, 1985), o condomínio Novo Campeche está implantado na área ARE-5 e na ATR-3, área residencial exclusiva e área turístico-residencial, respectivamente; em ambas é permitida a implantação de pousadas. O Quadro 5 apresenta as principais características e os índices urbanísticos definidos em cada área.

Quadro 5 - Índices urbanísticos das ARE-5 e ATR-3, conforme a Lei Municipal nº 2193/85.

Área	Lote Mínimo	Nº de Pavimentos	Índice de aproveitamento	Taxa máxima de ocupação (%)
ARE-5	450	2	1,0	50
ATR-3	450	2	1,0	50

Fonte: Florianópolis (1985).



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 3 - Subunidade do Condomínio Novo Campeche.

Ao contrário do que acontece na subunidade de paisagem anteriormente analisada, a do Condomínio Novo Campeche, onde a aproximação com o mar é marcante, na paisagem onde se localiza a Pousada Pau de Canela, destaca-se a morfologia do território do distrito, como o morro ao fundo do empreendimento, além da densa vegetação.

Trata-se de uma região suburbana, predominantemente residencial, com construções contendo de um a dois pavimentos, e apresenta também lotes vagos, conforme a imagem 1 do Mapa 4.

A Pousada Pau de Canela, demarcada no Mapa 4, está inserida em uma ARE-5 – área residencial exclusiva, cujas principais características encontram-se no Quadro 5.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 4 - Subunidade da Pousada Pau de Canela.

A Pousada Tô na Praia situa-se numa área residencial, contendo casas de um a dois pavimentos. Está situada numa cota maior que a Avenida Campeche, e sua localização, ao fim da Servidão Sérvulo Chargas, permite que se destaque das demais edificações, quando observado pela perspectiva da imagem 3 do Mapa 5. Conforme a paisagem anteriormente analisada, a distância do mar faz com que a morfologia do território se evidencie, como os morros mais distantes do que no caso anterior. Outro aspecto importante na paisagem é a densa vegetação desses morros, pois agregam textura e cor às bacias visuais, elementos visuais apontados por Pires (2001) como importantes na composição da paisagem.

Atualmente a lateral da pousada não é ocupada, porém essa característica tende a mudar, uma vez que a proprietária da pousada transformou-a em um condomínio. A infraestrutura da rua onde se situa o empreendimento é precária, pois não há calçamento nem calçadas para pedestres.

Assim como na pousada anteriormente analisada, a Pousada Tô na Praia está inserida em uma ARE-5 – área residencial exclusiva, cujas principais características estão mostradas no Quadro 5.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 5 - Subunidade da Pousada Tô na Praia.

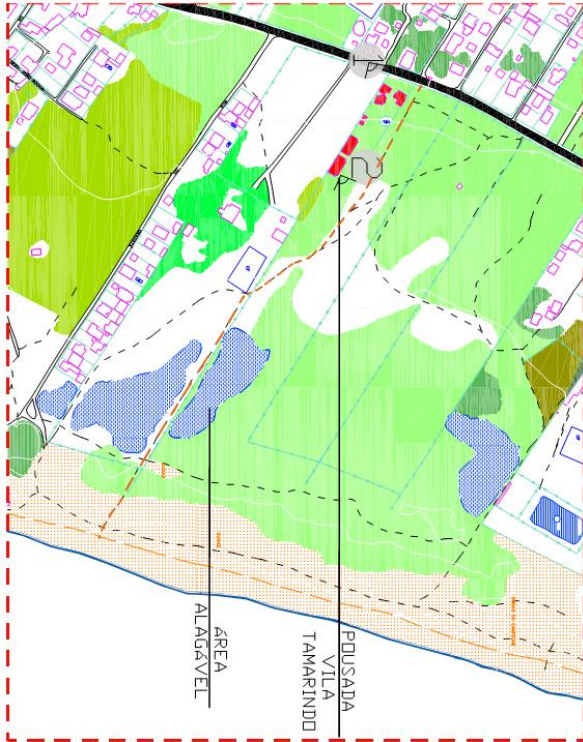
A proximidade com o mar e a declividade entre a Avenida Campeche e a praia fazem com que a visualização do mar seja evidenciada no trecho da avenida, demarcado pelo Mapa 6. Trata-se de uma área com baixo índice de ocupação, apresentando grande vazio urbano; entretanto, passa por processo de ocupação, como, por exemplo, a edificação de alguns condomínios multifamiliares, de até quatro pavimentos, em uma das laterais da Pousada Vila Tamarindo. Nos demais locais onde não há construções, possui vegetação de restinga (macega), conforme a imagem 2 do Mapa 6, sendo esta uma característica marcante da área. Nesse local há áreas alagáveis, conforme o Mapa 6, e uma larga faixa de areia próxima do mar.

A pousada está inserida numa ARP-3 – área residencial predominante, conforme Florianópolis (1985), que determina as características elencadas no Quadro 6.

Quadro 6 - Índices urbanísticos das ARP-3, conforme a Lei Municipal nº 2193/85

Área	Lote Mínimo	Nº de Pavimentos	Índice de aproveitamento	Taxa máxima de ocupação (%)
ARP-3	450	2	1,0	50

Fonte: Florianópolis (1985).

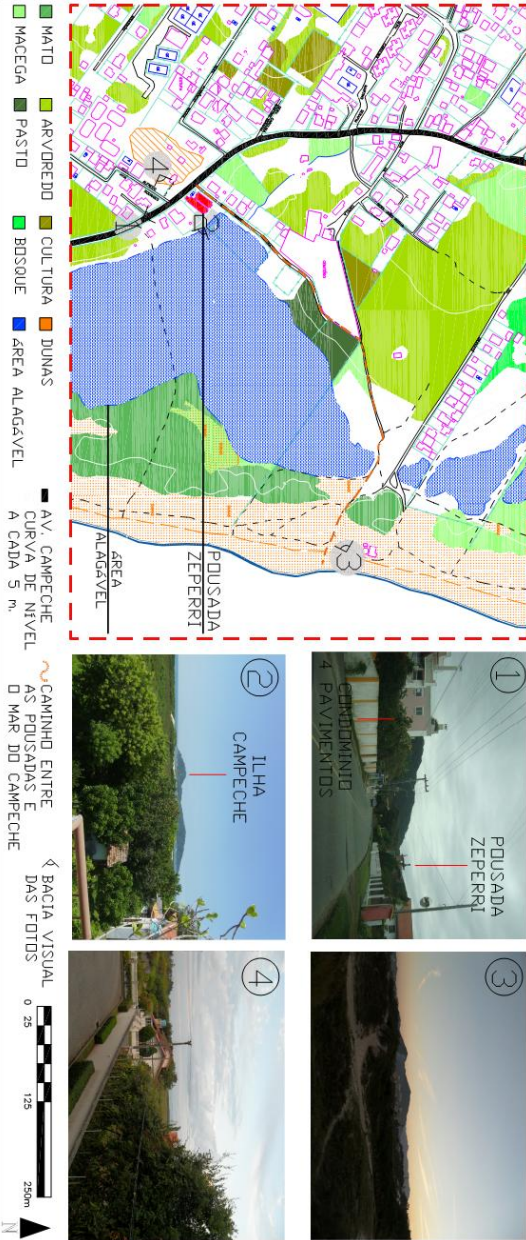


- MATO
- MACIEGA
- ARVOREDO
- PASTO
- CULTURA
- BOSQUE
- DUNAS
- ÁREA ALAGAVEL
- AV. CAMPECHE
- CURVA DE NIVEL A CADA 5 m.
- CAMINHO ENTRE AS POUSADAS E O MAR DO CAMPECHE
- ◁ BACIA VISUAL DAS FOTOS

Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 6 - Subunidade da Pousada Vila Tamarindo.

Como se pode perceber no Mapa 7, a margem do lado esquerdo da Avenida Campeche apresenta maior área ocupada; em frente à Pousada Zeperrí existe um condomínio com seis edifícios de quatro pavimentos (imagem 1 do Mapa 7). Já à margem direita, apresenta grandes vazios urbanos, com vegetação de restinga (macegã) na maior parte; uma considerável área é alagável e próxima à pousada, conforme representada no Mapa 7. A imagem 2 do Mapa 7, além de retratar essa área, mostra um elemento de destaque na paisagem: a Ilha do Campeche. A faixa de areia também tem importante papel na configuração da paisagem da região, pois é extensa. O uso da área é misto, uma vez que apresenta residências e edifícios comerciais.

A Pousada Zeperrí está inserida em uma área turístico-residencial, ATR-5, cujas características estão apresentadas no Quadro 5.



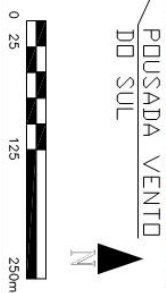
Fonte: Mapa – base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 7 - Subunidade da Pousada Zeperrí.

Na paisagem onde está inserida a Pousada Vento do Sul, demarcada no Mapa 8, destaca-se a predominância de lotes vagos ocupados por vegetação. Dentre os tipos de vegetação encontrados na região, destaca-se o aparecimento de espécies exóticas, como os eucaliptos.

Trata-se de uma área predominantemente residencial, de um a dois pavimentos. Dessa forma, a ocupação não gera impacto visual considerável na paisagem.

Na área observaram-se ruas sem calçamento e ausência de calçadas para pedestres, como a via da pousada (Servidão Rosa dos Ventos).

Assim como a subunidade demarcada pelo Mapa 6, a Pousada Vento do Sul está inserida numa ARP-3, cujas características estão expostas no Quadro 6.



POUSADA VENTO
DO SUL

- MATO
- MACEGA
- ARVOREDO
- PASTO
- CULTURA
- BOSQUE
- DUNAS
- ÁREA ALAGAVEL
- AV. CAMPECHE
- CURVA DE NÍVEL A CADA 5 m.
- ~ CAMINHO ENTRE AS POUSADAS E O MAR DO CAMPECHE
- ◁ BACIA VISUAL DAS FOTDS

Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 8 - Subunidade da Pousada Vento do Sul.

A diferença da densidade de ocupação entre as margens da Avenida Campeche também ocorre no trecho onde se situa a Pousada Natur, demarcada pelo Mapa 9. Assim como nos demais, o lado esquerdo apresenta maior número de edificações, predominantemente residenciais, enquanto no lado oposto, entre a avenida e a praia, há poucas edificações.

A Pousada Natur está inserida numa área ATR-3, cujas características definidas pela legislação (FLORIANÓPOLIS, 1985), encontram-se no Quadro 5.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 9 - Subunidade da Pousada Natur.

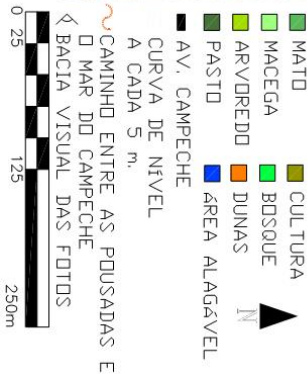
Conforme o Mapa 10, a Pousada Praia Campeche não está nas proximidades da Avenida Campeche, como os demais empreendimentos. Localiza-se próxima à Lagoa da Chica, um dos principais elementos hídricos da região. A área de preservação⁵⁵ às margens da lagoa passa por um processo ilegal de ocupação, porém a Pousada Praia Campeche não está em situação irregular, nesse critério, como representado no Mapa 10.

A vegetação da área do Mapa 10 encontra-se predominantemente concentrada próxima das margens da lagoa e sua área de abrangência é menor que nas demais áreas analisadas, assim como a ocupação ocorre mais próxima do mar do que nestas outras áreas.

As imagens 1 e 2 do Mapa 10 ilustram a falta de calçamento em algumas vias da área, bem como a ausência de calçadas para pedestres, como na rua Lomba do Sabão (a da pousada).

Conforme Florianópolis (1985), a pousada está inserida na ARE-5, cujos índices que definem o limite de ocupação encontram-se no Quadro 5. De acordo com estes dados, o edifício de três pavimentos da Pousada Praia Campeche não respeita esta legislação, uma vez que o máximo permitido na área são dois pavimentos.

⁵⁵ No Plano Diretor dos Balneários (1985) eram permitidas ocupações mais próximas aos cursos d'água (15 m), porém, a partir de 1989, com a alteração do Código Florestal, a distância oficial para preservação permanente passou a ser de 30 m. Essa medida altera simultaneamente a Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei Federal n. 6.766/79), que determinava uma distância de preservação também de 15 m.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 10 - Subunidade da Pousada Praia Campeche.

Para ilustrar a inserção das pousadas na paisagem no entorno mais imediato, os dados foram organizados no Quadro 5, que apresenta, na sua segunda coluna, a inserção do empreendimento no seu entorno imediato, onde está representado o uso, a ocupação e o gabarito das edificações vizinhas à pousada. As imagens da terceira coluna possibilitam visualizar a inserção do empreendimento na paisagem. Nela, pode-se analisar a relação da volumetria, forma, *skyline*⁵⁶, entre outras características das pousadas, para definir se ela destoa do entorno.

Na última coluna, um texto descreve as principais características das pousadas, levando-se em consideração sua implantação no terreno, a disposição dos ambientes, as áreas de circulação, bem como o gabarito.

⁵⁶ *Skyline* ou horizonte é a vista total ou parcial de edifícios altos de uma cidade e estruturas com muitos arranha-céus em frente ao céu no fundo. Também pode ser descrito como o horizonte artificial que a estrutura geral de uma cidade gera.

Quadro 7 - Pousadas Campeche - entorno imediato.

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Brisa do Mar	 <p> Pousada Brisas do Mar Pousada do Capitão Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. Residência Multifamiliar 3 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>Trata-se de um terreno de esquina.</p> <p>A pousada consiste de um bloco principal, escalonado de dois andares, e um bloco menor de um pavimento, onde é servido o café da manhã. O afastamento ao fundo do terreno é utilizado como área de serviço, onde há um tanque e área para secar roupa. Em um dos vértices do terreno encontra-se a vaga de garagem.</p>
Pousada do Capitão	 <p> Pousada do Capitão Pousada Brisas do Mar Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. Residência Multifamiliar 3 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>Trata-se de um terreno de esquina. A pousada consiste de um bloco principal, escalonado de dois andares. Não ficou claro durante a visita qual é o espaço destinado para a pousada e qual é o da residência, uma vez que, algumas funções da pousada ocorrem na residência, como a recepção dos hóspedes. A circulação dos usuários já hospedados ocorre pelo exterior do estabelecimento, sendo que alguns apartamentos apresentam acesso direto à rua. Há uma piscina nos fundos do terreno.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Flori		 <p>A pousada não se destaca do entorno</p>	<p>Em formato de “L”, a pousada apresenta uma linguagem estética que aproxima à residencial. A família ocupada todo o segundo pavimento. A área de serviço e administração da pousada encontra-se próximo à área residencial. A circulação entre as UH’s ocorre pelo afastamento lateral ou pela área de recreação.</p>
Pousada Natur		 <p>A pousada não se destaca do entorno</p>	<p>A pousada é composta por dois blocos retangulares, separados pela área de estacionamento de curta permanência. Em uma das laterais do terreno há um estacionamento descoberto para longa permanência.</p> <p>O bloco a esquerda da entrada apresenta algumas características arquitetônicas interessantes, como áreas ora com dois pavimentos, ora com um, pátio central descoberto com intensa vegetação, por onde ocorre a circulação interna do edifício.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Novo Campeche	 <p> Pousada Novo Campeche Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. Residência Multifamiliar 4 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>O bloco principal aproxima-se da forma de “U”, possui dois pavimentos, e a circulação ocorre por corredores abertos para o exterior, onde se situa a circulação vertical. No centro do empreendimento localiza a área de lazer. A área destinada ao café-da-manhã e a recepção esta implantada próximo ao acesso lateral de pedestre. O acesso de veículos, bem como a área de estacionamento descoberta, encontra-se na outra lateral.</p>
Pousada Pau de Canela	 <p> Pousada Pau de Canela Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>	 <p>A pousada apresentar um estilo arquitetônico diferente das demais construções do entorno, pois é inspirada no estilo neoclássico. Assim, ela diferencia-se das demais edificações, todavia, não se destaca na paisagem do entorno, pois apresenta afastamento e gabarito condizentes com as demais construções.</p>	<p>Os ambientes estão dispostos em um único bloco retangular. O conceito é o estilo neoclássico. A casa possui três pavimentos. A setorização ocorre verticalmente, o primeiro pavimento destinado às áreas sociais, administrativas, serviços, recreação, alimentos e bebidas, e parte da área de hospedagem, e nos demais pavimentos, o resto das unidades habitacionais.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Praia Campeche	 <p> Pousada Praia Campeche Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. Residência Multifamiliar 3 pavimentos. </p>	 <p>Apesar de possuir três pavimentos a pousada não se diferencia do entorno, devido ao considerável afastamento da rua, resultado da forma irregular do terreno.</p>	<p>Constituída por dois blocos que apresentam volumetria retangular simples, de dois ou três pavimentos. Atualmente não esta em funcionamento as áreas sociais e de serviços. Percebe-se a falta de racionalização e otimização dos espaços e da circulação. Os apartamentos são superdimensionadas. A forma de implantação adotada resulta em considerável área não ocupada no terreno.</p>
Pousada To na Praia	 <p> Pousada To na Praia Condomínio da Proprietária da Pousada. Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. Residência Multifamiliar 2 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>Em formado de “L”, a pousada apresenta uma linguagem estética que aproxima à residencial. Uma das abas possui dois pavimentos, no térreo localiza-se a área de serviço, e no segundo andar algumas suítes, que são utilizadas pelos hospedes e pela família. Na outra aba, de um pavimento, encontram-se unidades habitacionais e algumas áreas sociais. No exterior há um deck.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Vento do Sul	 <p> □ Pousada Vento do Sul □ Estacionamento da Pousada. □ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. □ Residência Multifamiliar 2 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno, pois há edificações similares na proximidade, como o edifício azul da imagem.</p>	<p>A pousada é composta por dois blocos, ambos retangulares. No bloco de um pavimento, estão implantados os ambientes relacionados às áreas administrativa, social e pública, alimento e bebida, e serviço. O outro bloco possui dois pavimentos, onde estão situadas todas as unidades habitacionais. Entre esses estão implantada as áreas recreativas. O estacionamento encontra-se em um lote em frente à pousada.</p>
Pousada Zeperrri	 <p> □ Pousada Zeperrri □ Condomínio Residencial Multifamiliar 4 pavimentos. □ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno, pois possui a mesma linguagem arquitetônica (residencial) similar as construções do entorno.</p>	<p>Trata-se de dois blocos lineares de dois pavimentos, paralelos, onde estão dispostas as unidades habitacionais. Devido ao desnível do terreno a edificação é levemente escalonada verticalmente. No fundo do terreno há um bloco onde funciona um café, e a área de piscina. Os materiais adotados remetem a uma construção mais rústica e intimista. As circulações ocorrem pelo exterior da edificação, que apresenta acessos independentes de pedestre e veículos.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Vila Tamarindo		 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p> <p>Por tratar-se de um terreno em declive, optou-se por blocos de um pavimento próximo a rua, e os de maior altura nos fundos do terreno, isso foi essencial para que a construção não se destaque do entorno, uma vez que durante a sua implantação não tinham outras edificações próximas. Isso possibilita que o mar seja parcialmente avistado da Avenida Campeche.</p>	<p>A pousada está implantada em um terreno com declive suave e é composta por cinco blocos. Destes, três estão destinados às unidades habitacionais, um abriga alguns ambientes da área social e no outro concentra as áreas de serviços, administração, e bebida e alimentação. Apresenta um generoso afastamento frontal, onde se localiza a área de estacionamento para visitantes. Os blocos foram distribuídos próximos aos limites do terreno, a circulação de veículo e o estacionamento encontram-se adjacentes a entrada do empreendimento, resultando em uma ampla área livre, que foi ocupada pelo jardim, com vegetação de médio porte.</p>

Após a análise dos dados levantados em campo, sintetizados no Quadro 7, percebeu-se que, no Distrito do Campeche, as pousadas apresentam uma composição volumétrica e uma linguagem arquitetônica, na maioria das vezes, similares às das construções adjacentes, o que impede que aquelas destoem do entorno.

Das 11 pousadas analisadas, sete possuem linguagem arquitetônica semelhante às residências do entorno, pois têm forma, altura, volumetria, cor e materiais similares aos utilizados nas edificações vizinhas. Destas, apenas uma foi construída inspirada no estilo neoclássico, o que resulta numa composição peculiar; todavia, esta não se destaca na paisagem, pois respeita as demais características, como gabarito, afastamentos no terreno, entre outras.

A Pousada Praia Campeche destacou-se, pois, apesar de apresentar características similares às dos prédios de três pavimentos, multifamiliares, e da sua proximidade com a praia, não tem impacto significativo na paisagem, uma vez que a forma irregular do terreno, o afastamento significativo da rua de acesso e a existência de um prédio multifamiliar com o mesmo gabarito próximo impedem que destoe do entorno. No entanto, essa construção está fora dos parâmetros definidos para a área, que – como já expressado – é de no máximo dois pavimentos; assim, esse bloco não respeita a legislação.

Dentre as pousadas analisadas, ressaltou-se o modo de implantação da Pousada Vila Tamarindo (Figura 10), visto que o terreno apresenta algumas singularidades: em declive, divisa nos fundos com áreas de preservação, com dunas e vegetação de restinga e está entre a linha de visão dos usuários da Avenida Campeche e o mar. Apesar disso, o conceito adotado resultou em um estabelecimento que não se destaca na paisagem, conforme a Figura 11, além de não impedir a visualização do mar, da avenida, pois optou-se por um partido que consiste em blocos dispersos no terreno, próximos das laterais, em platôs, com cotas diferentes e de baixo gabarito (de um a dois pavimentos), estando os de maior altura concentrados nas cotas mais baixas do terreno.

Quadro 8 - Pousadas Campeche - características das pousadas.

POUSADA			Brisa do Mar	Do Capitão	Flori	Natur	Novo Campeche	Pau de Canela	Praia Campeche	Tonapraia	Vento do Sul	Vila Tamarindo	Zeperti	
ASPECTOS DA PAISAGEM	TOPOGRA	Terreno e entorno plano		X	X	X	X	X			X		X	
		Outros							Terreno plano, próximo a dunas.	Terreno plano, rua de acesso à Av. Campeche em declive.			Rua de acesso (Av. Campeche) plana e terreno em declive em direção a praia.	
	USO	DESCRIÇÃO DOS ARREDORES	Predominância de lotes vagos				X						X	
			Predominantemente residencial, com edificações de um a dois pavimentos		X			X	X	X	X	X		
Próximo a condomínios residenciais com 4 ou mais pavimentos				X								X	X	
		Mista (comercial e residencial)									X	X		
SÍTIO E IMPLANTAÇÃO	ENTORNO	DISTÂNCIA DOS PRINCIPAIS PONTOS	Comércio, rua principal, etc.	Menos de 500 m										
				De 500 a 1000 m								X		
				Mais de 1000 m		X	X	X		X	X	X		X
		Praia do Campeche	Menos de 500 m		X	X	X	X	X	X			X	X
			De 500 a 1000 m							X	X	X		
			Mais de 1000 m											
	INSERÇÃO EM RELAÇÃO AO ENTORNO	Destaca-se do entorno imediato por apresentar gabarito superior das demais edificações ou/e um estilo arquitetônico diferente.				X			X	X				
		Não se destaca do entorno imediato			X		X	X			X	X	X	X
	MODO DE IMPLANTAÇÃO:	Um bloco principal			X	X	X	X	X		X			
		Dois a três blocos						X		X		X		X
Mais de três blocos											X			
Segundo os entrevistados, durante a implantação do empreendimento, levou-se em consideração a paisagem?	Sim			X		X		N.F		N.F	N.F	X	X	
	Não							N.F	X		N.F	N.F		
	Parcialmente				X		X	N.F		X	N.F	N.F		
AMBIÊNCIA	PAISAGISMO	Não possui							X	X				
		Possui					X		X		X			
		Amplamente utilizado			X	X		X					X	X
	ÁREA LIVRE			59%	35%	31%	58%	29%	54%	78%	46%	55%	75%	50%
	ÁREA DE ESTACIONAMENTO	Dentro do terreno						X		X			X	X
		Próximo a pousada			X	X	X		X		X	X		
Coberto														
Descoberto			X		X	X	X		X	X	X			
		Misto (Cob./ Descob.)							X			X	X	
ORIGEM DA EDIFICAÇÃO	Antiga residência, reformada e/ou ampliada					X	X				X			
	Construída pelo proprietário para o atual uso.			X	X		X	X	X	X		X		
	Construída pelo proprietário para outro uso.												X	
	Já apresentava tal uso.													
FORMAIS E ESPACIAIS:	VOLUMETRIA DO EDIFÍCIO	Linear					X			X		X		
		Pontual			X	X			X				X	
		Em bolsa												
		Em "L"					X				X			
	CONCEITO/ PARTIDO ARQUITETÔNICO	Estilo diferente do entorno							X	X				
		Não é marcante			X	X	X	X	X		X	X	X	X
SETORIZAÇÃO DOS AMBIENTES	Por diferentes blocos			X					X		X	X		
	Por diferentes níveis							X		X				
	Pela proximidade dos ambientes				X	X	X	X		X			X	
	Não há setorização													
UNIDADES HABITACIONAIS	NÚMERO TOTAL DE UHS E DE LEITOS			10	8	6	21	13	10	10	6	10	15	12
	UH ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA			Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
	QUANTIDADE DE UHS POR TIPO	Standard					6	7					6	
		Suítes Luxo				3		4		4	6		7	
		Suíte Super Luxo								6			2	
Apartamento			10	5					10					
		Outros tipos					X	X			X		X	

Fonte: Autora | *Casal, baixa temporada. | ** Média das diárias na alta temporada | *** Somente na alta temporada. | **** Para pequenos grupos (máximo 20 pessoas). N.F: Não Fornecido.

		POUSADA	Brisa do Mar	Do Capitão	Flori	Natur	Novo Campeche	Pau de Canela	Praia Campeche	Tonapraia	Vento do Sul	Vila Tamarindo	Zeperrí	
SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS	SERVIÇOS OFERECIDOS:	Café da manhã	X	X		X	X***	X		X	X	X	X	
		Camareira	X	X	X	X	X***	X	X	X	X	X	X	
		Locação de veículos							X					
		Lavanderia					X		X (terceirizada)	X (terceirizada)		X		
		Agendamentos de passeios							X					
		Sistema de internet wireless.	X	X	X	X	X	X***	X	X	X	X	X	X
	ÁREA SOCIAL:	Outros	Equipamento p/ praia	Equipamento p/ praia							Translado			
		Sala para jogos e/ou leitura.					X						X	
		Sala de TV e DVD											X	
		Auditório e/ou área para coffe-break					X					X		
	RECREAÇÃO E LAZER:	Computadores para uso dos hospedes						X***			X	X		X
		Outros									Bistrô****			
		Piscina e/ou bar/café		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
CARACTERÍSTICAS QUE SE DESTACAM	Ambientes p/ tratamentos relaxantes					X							X	
	Outros			Churrasqueira			Churrasqueira							
	Arquitetônica		Não há uma divisão clara entre área residencial da e pousada.	Não há uma divisão clara entre área residencial da e pousada				Estilo Neoclássico	Esteticamente aproxima de edifícios multifamiliares do que residências.			O projeto aproveitou o declive natural do terreno.	Projetada para ser um residencial.	
	Funcional/ Uso	Alguns apartamentos são alugados mensalmente na baixa temporada					Funciona apenas na alta temporada.	Hospedam somente casal e não recebe crianças.		Mais intimista, devido às poucas UH's.	Área para eventos. Não recebe menores de 15 anos.		Espaço cultural	
	Ambiência				Ilha de Tranquilidade				Não possui elementos que valorize a ambiência			Existência de áreas de permanência na área verde.	Existência de áreas de permanência na área verde.	
Sustentabilidade	Processual	Construída em única etapa		Pouco tempo de funcionamento.	Houve um planejamento global, porém foi construída em etapas.				Em processo de ampliação	Projetada para sofrer ampliação, porém o proprietário optou por não realizá-la.				
	Sustentabilidade	Utiliza lâmpadas econômicas. Troca de roupa da cama a cada 3 dias.	Utiliza lâmpadas econômicas. Separação do lixo. Troca de roupa da cama a cada 3 dias.	Separa o lixo orgânico do seco. Há uma compostagem na pousada. Utilizam lâmpadas econômicas.	Usa energia solar, utiliza lâmpada fria, compostagem do lixo, revende o lixo reciclado, não troca roupa de cama e banho diariamente, etc.	Utiliza lâmpadas frias, separação do lixo para reciclagem. Não troca roupa da cama e banho diariamente.	Possui energia solar e utiliza lâmpadas econômicas.	Utiliza lâmpadas econômicas. Roupa de cama trocada a cada 2 dias.	Utiliza lâmpadas frias, separação de lixo para reciclagem, roupas de cama e banho sob orientação para economia de água, não tem frigobar. Utilizado madeira de demolição na obra.	Chuveiro com aquecedor solar. Não troca roupa de cama e banho diariamente.	Neutraliza todas as suas emissões de carbono, através do projeto CARBON FREE. Gerencia os resíduos sólidos, efluentes líquidos. Lâmpadas eletrônicas com fotocélulas e sensores de movimento, etc.	Utiliza lâmpada econômica, separação do lixo, reutilização de água de chuva para irrigar o jardim, não lava roupa de cama e banho diariamente, e empregou madeira de demolição na construção.		
GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	PERÍODO DE FUNCIONAMENTO:	Todo o ano	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	
		Somente na alta temporada					X							
	MÊS DE MAIOR OCUPAÇÃO:	Janeiro	Janeiro	Jan. /Fev.	Jan/ Fev.	N.F	Jan/ Fev.	Dez./ Jan.	Dez./ Jan.	D./ J./ F.	Janeiro	Janeiro		
	MÊS DE MENOR OCUPAÇÃO:	M/ Jun/ Jul.	Junho	Maio	Jun/ Agos.	N.F	Jun/Jul/Ag.	Jun. a Out.	N.F	Julho	Jun./ Agos.	Agosto		
	VALOR MÉDIO DAS DIÁRIAS:	R\$285,0**	R\$ 292,50**	R\$ 75,00*	R\$ 416,66**	R\$213,33	R\$ 130,00	R\$ 120,00	R\$ 140,00	R\$150,00**(+10%)	R\$ 330,00** (+5%)	R\$220,00		
	TAXA DE OCUPAÇÃO ANUAL MÉDIA:	N.F.	50%	N.F	30%	N.F	N.F	N.F.	N.F.	≈30%	≈30%	N.F		
	Nº DE EMPREGADOS	Contratam Diaristas						X		X				
		Somente a família						X	X					
		Contratados	1	3***		9 a 17	-		2***	1	4	3		
	REGULARIZAÇÃO OU ASSOCIAÇÃO EM ÓRGÃOS:	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não		
PROPRIIDADE FAMILIAR:	Sim	Sim	Sim	Sim	N.F	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim			
OPERA COM CARTÃO DE CRÉDITO?	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim***	Não	Sim	Sim	Sim			
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS:	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim			

Fonte: Autora | *Casal, baixa temporada. | ** Média das diárias na alta temporada | *** Somente na alta temporada. | **** Para pequenos grupos (máximo 20 pessoas). N.F: Não Fornecido.

Dentre os dados apresentados no Quadro 6, pode-se destacar que, em relação aos aspectos construtivos, formais e espaciais, apenas um estabelecimento, a Pousada Praia Campeche, apresenta um bloco com três andares (Figura 12); as demais apresentam edifícios de um a dois pavimentos.



Fonte: Acervo da autora (2010).

Figura 12- Pousada Praia Campeche e seu entorno.

Em todos há uma clara setorização de função, em que a área de hospedagem⁵⁷ ocupa a maior parte construída do empreendimento, enquanto as áreas de serviços, social, administrativa e de alimento e bebidas apresentam, na maioria das vezes, apenas os ambientes mínimos necessários para desenvolver as respectivas atividades, sendo comum a existência de um ambiente único para cada uma dessas áreas. Dessa forma, as pousadas analisadas apresentam programas de necessidades bem enxutos, com os ambientes e áreas mínimas para seu funcionamento. O mesmo acontece com as circulações internas, que são dispostas de forma racional e ocupam áreas mínimas. Em algumas pousadas a circulação externa favorece a ambiência do local, com utilização de vegetação, diversos tipos de materiais, iluminação noturna, entre outros elementos, conforme pode ser observado na Figura 13.

A utilização de técnicas de jardinagem e paisagismo é um dos elementos que se destacam em determinadas pousadas, valorizando a ambiência do empreendimento. Percebe-se, nestas, que a vegetação foi implementada para fortalecer o apelo ao meio ambiente à tranquilidade, que esses estabelecimentos utilizam como diferencial, e

⁵⁷ Área de hospedagem: área constituída pelas unidades habitacionais (apartamento e suítes).



Fonte: Site oficial da Pousada Zeperrí. Acesso em: 29 de mar. 2010.

Figura 13 - Circulação externa da Pousada Zeperrí.

O equipamento de lazer ou recreação oferecido pelas pousadas que se destacam são as piscinas, presentes em 72,72% dos estabelecimentos analisados. Os demais ambientes são: sauna, sala de leitura, espaço de exposição e eventos, entre outros. Três pousadas (27,27%) apresentam como um de seus diferenciais áreas destinadas a tratamentos estéticos ou relaxantes, como ambiente com maca para massagem ou áreas com *ofurô*.

Dentre os aspectos socioeconômicos, destaca-se o fato de alguns desses empreendimentos possuírem dois usos distintos ao longo do ano: residencial e pousada, devido à sazonalidade do turismo no município. No período de alta temporada, relativo aos meses de dezembro a fevereiro, esses empreendimentos funcionam como pousada, oferecendo serviços referentes a esse tipo de meio de hospedagem, enquanto no restante do ano algumas unidades habitacionais são alugadas mensalmente. Em um dos estabelecimentos, todos os apartamentos são locados do final do carnaval a dezembro; logo, nesse período, funciona como edifício residencial.

Isso se torna viável pelo fato de essas pousadas apresentarem unidades habitacionais completas, com área de cozinha/ sala, quartos, banheiros e área de serviços. Outros empreendimentos que funcionam somente como pousadas também apresentam esse tipo de UHs completas: apartamentos. Inúmeras outras tipologias de unidades habitacionais foram encontradas, com áreas e disposição variada dos ambientes. Contudo, todas apresentam banheiro próprio, áreas de circulação interna adequada; apenas um quarto não apresenta janela, de forma que todos os demais contêm ventilação e iluminação natural.

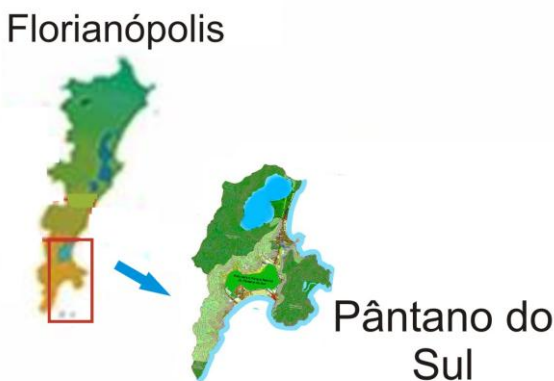
Todos os estabelecimentos analisados são empresas familiares⁵⁸; assim, não há uma empresa responsável pela sua implantação ou administração, ficando a cargo dos donos ou demais familiares sua administração e a realização da maioria dos serviços relativos ao seu funcionamento. Dos estabelecimentos visitados, três (27,27%) afirmaram não contratar funcionários; nestes, os familiares são responsáveis por todo o serviço da pousada, outros três (27,27%) declararam contratar somente na alta temporada, entre dois e três funcionários, e os demais estabelecimentos possuem funcionários durante todo o ano, variando de uma a 16 pessoas. Outro fato que comprova a predominância do empreendimento familiar é que a maioria desses meios de hospedagem foram construídos pelos seus atuais proprietários com o objetivo de serem pousadas – algumas dessas construções ocorreram em etapas. Há dois casos (18,18%) que se originaram da ampliação da antiga residência da família. Somente um dos estabelecimentos (9,09%) foi edificado para ser residencial e possui outro uso atualmente. Outra característica predominante nesses estabelecimentos é que a família reside, na maioria dos casos, neles próprios ou em residências anexas ou adjacentes.

Após a análise das pousadas do distrito do Campeche, pode-se afirmar que elas causam baixo impacto paisagístico no cenário horizontalizado da orla, uma vez que ocorre integração harmoniosa com as demais construções e as características morfológicas do distrito (planície com algumas elevações, como o morro do Lampião) e a densa vegetação. Isso se deve ao fato de esses estabelecimentos de hospedagem apresentarem baixa taxa de ocupação, volume semelhante às demais edificações locais, que são de pequeno porte, linguagem arquitetônica residencial, entre outros fatores; assim, a ocupação da área não sobressai no *skyline* do distrito. Essas características são possíveis, pois, como dito ao longo deste trabalho, as pousadas são estabelecimentos de pequeno porte, com programa de necessidade restrito, e adotam, predominantemente, linguagem arquitetônica simplificada. Essas características são compatíveis com as exigências e os limites de ocupação das áreas onde estão inseridas as pousadas, visto que a Lei Municipal nº 2193/85 determina para o local o máximo de dois pavimentos e uma taxa de ocupação de 50% nas áreas analisadas.

⁵⁸ Segundo o Sebrae (2011) – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, – empresas familiares são empreendimentos geridos por uma ou mais famílias e onde a sucessão do poder decisório é hereditária.

4.4.3 Contextualização e caracterização do território e paisagem do distrito Pântano do Sul

O distrito do Pântano do Sul foi criado em 1966 pela Lei Municipal nº1042 com área estimada em 40,9 km². Localiza-se na parte sul da Ilha de Santa Catarina (Figura 14), a aproximadamente 35 km do distrito sede, sendo delimitado pelo distrito do Campeche ao norte e ao oeste pelo do Ribeirão da Ilha. É composto pela praia da Armação, Costa de Dentro, Lagoinha do Leste, Praia do Matadeiro, Praia do Pântano do Sul, Lagoa do Peri, Praia do Saquinho e Praia da Solidão.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 - Localização do distrito do Pântano do Sul no contexto municipal.

O povoado surgiu no século XVIII, e no final do século seguinte sua ocupação era restrita a 18 residências, de acordo com Alves (2009). Os caminhos tiveram papel importante na configuração espacial do distrito, uma vez que os parcelamentos agrícolas ocorreram ao longo da sua extensão, resultando em uma ocupação diluída e de fácil acesso, pois optaram por locais com maior acessibilidade, já que as regiões com topografia mais acidentada, manguezais, dunas ou zonas alagadiças foram evitadas em sua abertura.

Os assentamentos pesqueiros também tiveram importante papel na configuração espacial do distrito, visto que “a sucessiva construção de moradias, sem ordenamento prévio, cria uma malha bastante irregular e orgânica” (ALVES, 2009, p. 62). Outro elemento foram os campos

comunais, que inicialmente eram de uso comum dos agricultores locais e, ao longo dos anos, sofreram apropriação privada, onde foram implantados grandes loteamentos e condomínios.

No início da década de 1940 o Pântano do Sul abandona aos poucos a atividade agrícola e assume, gradativamente, as características urbanas, fato que transformou a paisagem.

Na década seguinte ocorre significativo aumento da população, embora até os dias atuais a densidade de ocupação da área ainda seja baixa, comparada à de outras regiões da ilha, conforme ilustra a Tabela 4, que apresenta a população de Florianópolis por distrito, no período de 1980 a 2030, uma projeção desenvolvida por Paulo Campanário para o IPUF em 2007 e apresentado por Sostizzo (2008)⁵⁹.

Tabela 4 - População de Florianópolis por distritos (1980-2030)

Distritos/ anos	1980	1990	2000	2010	2020	2030
Sede – Ilha	111.348	135.654	164.150	204.467	266.490	314.093
Canasvieiras	2.911	4.230	16.607	31.348	36.944	41.592
Pântano do Sul	2.849	4.435	6.697	9.300	10.961	12.243
Total da População de Florianópolis	224.971	290.276	395.397	525.719	649.958	756.251

Fonte: Alterado pela autora (SOSTIZZO, 2008).

A Tabela 4 demonstra que, apesar de a população do Distrito de Pântano do Sul ter sofrido um acréscimo nos últimos anos, ainda é pequena, se comparada à dos outros distritos do município. É importante ressaltar que a densidade, nesta área de estudo, elevou-se, mas ainda é baixa, e na área urbana é similar à do bairro de baixa renda da cidade.

Somente na década de 1960 o distrito foi descoberto como forma de exploração balneária, fato que já ocorria em outras regiões da ilha, principalmente no norte.

⁵⁹ Ivo Sostizzo, IPUF - coordenador do Plano Diretor Participativo, apresentou na 1ª Oficina do Grupo de Trabalho Ampliado, dia 24/06/2008, no auditório da Esag/Udesc, o trabalho desenvolvido por Paulo Campanário para o mesmo órgão, em 2007.

Segundo Alves (2009), até os dias atuais é perceptível a importância das vias na configuração espacial do distrito. Na Figura 15, são visualizadas as principais vias do distrito, onde se podem presenciar dois tipos distintos de ocupação:



Fonte: ALVES, 2009, p. 87.

Figura 15- Localização das principais vias do Pântano do Sul.

uma ocupação linear mais interiorizada com características ainda rurais na Costa de Dentro junto à estrada Rozália Paulina Ferreira, e outra ocupação de caráter mais urbano onde se pode observar com mais clareza os resultados da ocupação turística junto a SC 406. A diferenciação entre estes dois tipos de assentamentos é estabelecida, principalmente, a partir das funções urbanas desempenhadas e do nível de ocupação existente, que se reflete na densidade, nas tipologias de edificação e na infraestrutura existente. (ALVES, 2009, p.91)

A atividade turística está intimamente relacionada com a natureza exuberante do distrito, que busca uma qualidade ambiental, não mais encontrada no norte da Ilha, e antigos costumes ainda preservados:

As encostas cobertas pela vegetação de Mata Atlântica, regenerada após o abandono das atividades agrícolas, a praia com extensa faixa de areia e os costumes ainda preservados na antiga colônia de pescadores são atrativos que

impulsionaram o desenvolvimento turístico. (ALVES, 2009, p. 79)

As possibilidades que se abrem frente às novas necessidades criadas em função do turismo foram as responsáveis diretas pelas alterações espaciais e pela densificação do núcleo pesqueiro do Pântano do Sul.

Bueno (2006) subdivide o distrito em duas unidades de paisagem: a Armação-Peri, que envolve as localidades da Armação, Peri e os balneários da Armação e Matadeiro; e a do Pântano do Sul, que abrange as localidades do Pântano do Sul, Açores, Costa de Dentro e Costa de Cima, Solidão e Saquinho. Essa divisão será utilizada na organização dos dados deste trabalho.

Na configuração geomorfológica da unidade de paisagem da Armação-Peri destaca-se o fato de tratar-se de uma região configurada por uma planície situada entre os morros e o mar. Na hidrologia, ressalta a presença da lagoa do Peri, e na cobertura vegetal, sua densidade. A ocupação urbana apresenta trechos de ocupação regular com boa qualidade urbanística, apesar de parte significativa do distrito ter morfologias irregulares e subdimensionadas, resultado da transformação sobre a estrutura fundiária colonial. Alguns desses elementos são visualizados na Figura 16.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

Figura 16- Unidade de paisagem Armação-Peri, vista do Morro das Pedras.

A unidade de paisagem Pântano do Sul é uma planície emoldurada por anfiteatros de morros e pelas montanhas da Lagoinha do Leste; apresenta grande área inundável e de mata atlântica, conforme

Figura 17. É interessante destacar que essa área inundável, ainda não ocupada, reflete a divergência de interesses e a discussão na forma de ocupação da região. Atualmente, há um movimento, formado principalmente pelos moradores da região, que busca transformar a área de 2,7 quilômetros quadrados em uma unidade de conservação. A ideia surgiu durante debates sobre o novo Plano Diretor do município, em 2006. Há também megaprojetos para empreendimentos imobiliários para a mesma área, o que resultaria em aumento significativo da densidade demográfica na região e afetaria os recursos naturais hoje existentes, como demonstra a Figura 17.



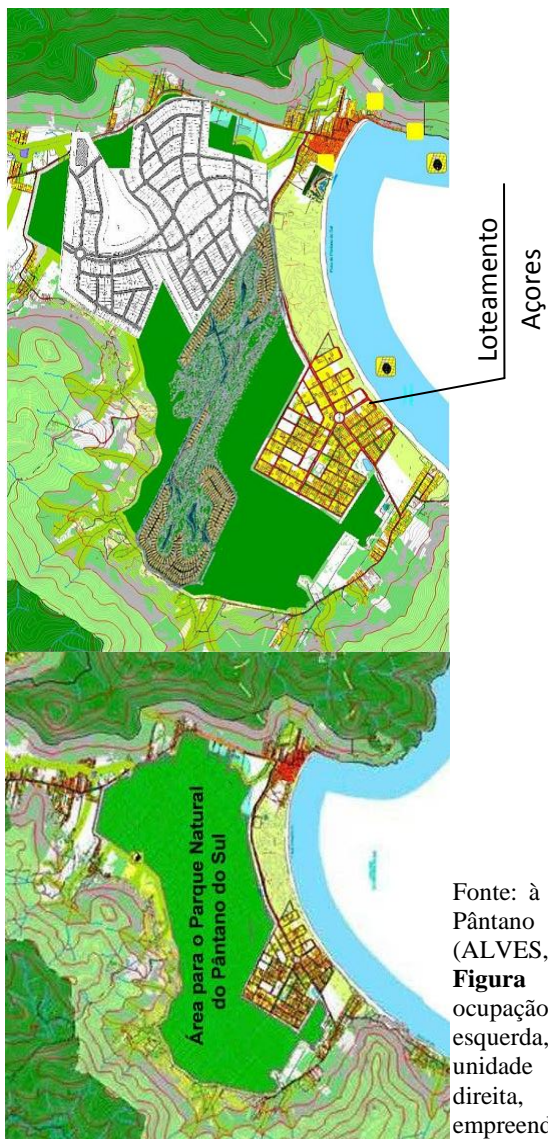
Fonte: Google Earth.

Figura 17- Vista geral da unidade de paisagem do Pântano Sul – aos fundos, a UP da Armação-Peri.

Além da vegetação regenerada, essa unidade de paisagem apresenta, segundo Bueno (2006), grandes trechos ainda desmatados e utilizados para agricultura, pecuária ou reflorestamento exótico (*eucaliptus* e *pinus*).

Encontra-se uma significativa diversidade de modo de ocupação urbana, que vai desde loteamentos regulares, na forma de malha ortogonal, como o Loteamento Açores⁶⁰, indicado na Figura 18, até a ocupação informal, com vias estreitas, com algumas possuindo passagem só para pedestres.

⁶⁰Loteamento Balneário Açores – implantado na década de 1960, marca o início do processo de desenvolvimento urbano-turístico na área, além de ser uma nova forma de ocupação e adensamento na área.



Fonte: à esquerda: (Blog N.D. Pântano do Sul) e a direita (ALVES, 2009, p. 144).

Figura 18- Propostas para ocupação da área inundável – à esquerda, criação de uma unidade de conservação, e à direita, implantação de empreendimentos imobiliários.

4.4.4 Estudos de Caso do Distrito do Pântano do Sul

O levantamento no distrito de Pântano do Sul ocorreu em duas etapas. Inicialmente, foram realizadas as visitas em campo na unidade de paisagem Armação-Peri; nesta, dos 10 estabelecimentos listados, com a utilização da Web, conforme explicitado na metodologia, quatro foram visitados, cinco foram considerados residenciais e estabelecimento não aceitou participar do trabalho. Além destes, um quinto empreendimento foi descoberto durante o levantamento em campo, pois se localiza próximo a outro local visitado, e não foi localizado nos *sites* de busca. Dessa forma, totalizam cinco pousadas analisadas nesta área.

Posteriormente, levantaram-se as pousadas na unidade de paisagem Pântano do Sul; destas, das seis listadas durante a etapa da internet, apenas uma não faz parte dos empreendimentos estudados, pois não aceitou participar da pesquisa.

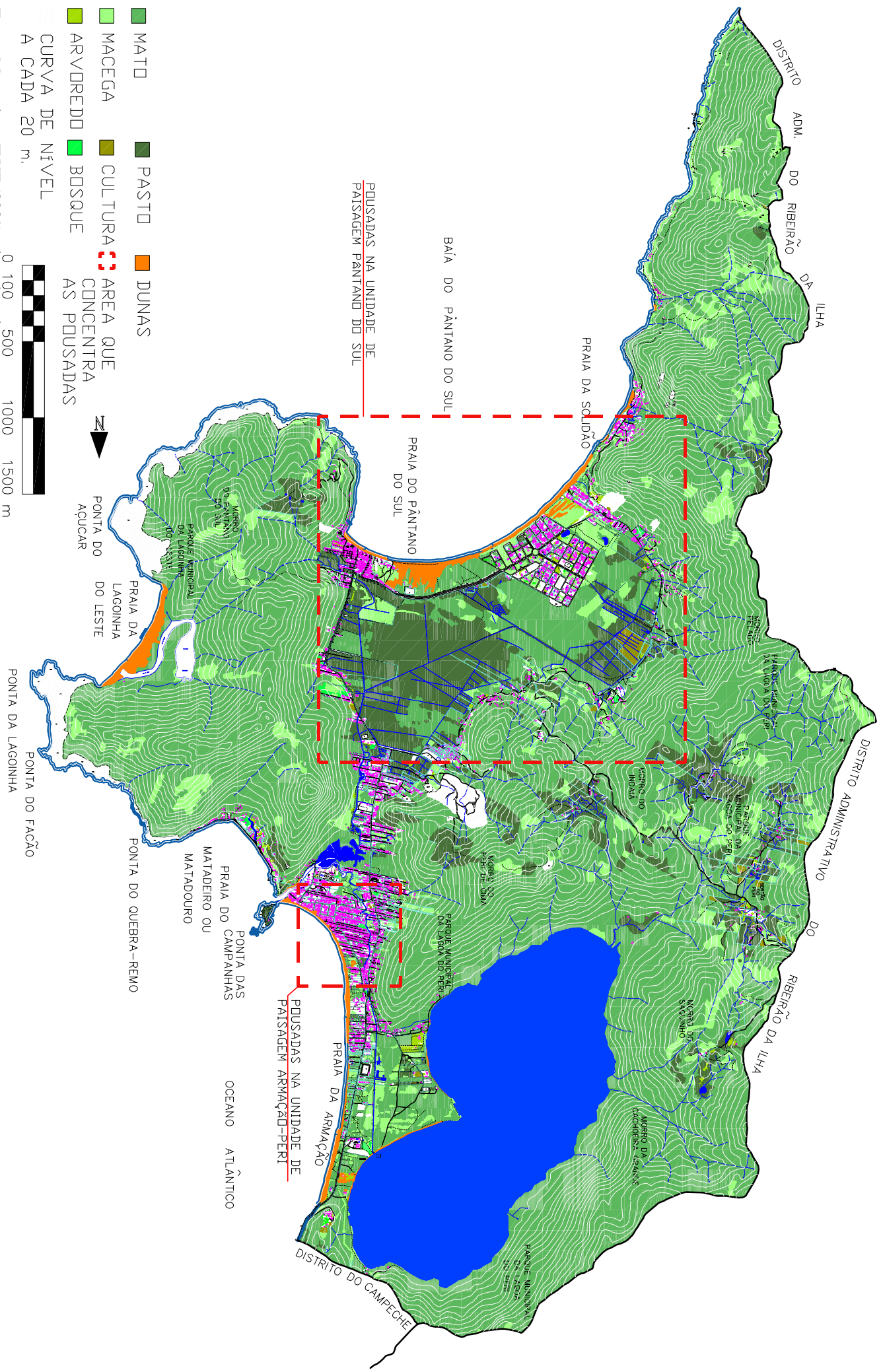
Assim, o próximo tópico consiste na análise das dez pousadas listadas no Quadro 9:

Quadro 9 - Pousadas analisadas do distrito de Pântano do Sul.

	Pousada	Endereço
Armação-Peri	Da Praia	Servidão Pousada da Praia, 82 - Praia da Armação.
	Drops de Aniz	Servidão Pousada da Praia, 64 -Praia da Armação.
	Pénareia	R. Hermes Guedes da Fonseca, 207- Praia Armação
	Portal do Sul	Av. Antonio Borges Santos, 646 - Praia da Armação
	Santa Ana	Rua Antônio Borges dos Santos, 372 - Praia da Armação
Pântano do Sul	Do Pescador	Rua Manoel Vidal, 257 - Pântano do Sul
	Moleques do Sul	Est. Geral Praia Solidão, s/n - Praia da Solidão.
	Pedra Branca	Rua Lauro Mendes, 94 - 510 - Pântano do Sul
	Sítio dos Tucanos	Estr. Rozalia P. Ferreira, 2776, Costa de Dentro
	Sol da Costa	Rua Mem de Sá, 161- Pântano do Sul

Fonte: Elaboração própria.

No Mapa 11 estão demarcadas as áreas de concentração das pousadas em cada unidade de paisagem, analisada no distrito de Pântano do Sul.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
 Mapa 11 - Mapa completo do Pântano do Sul.

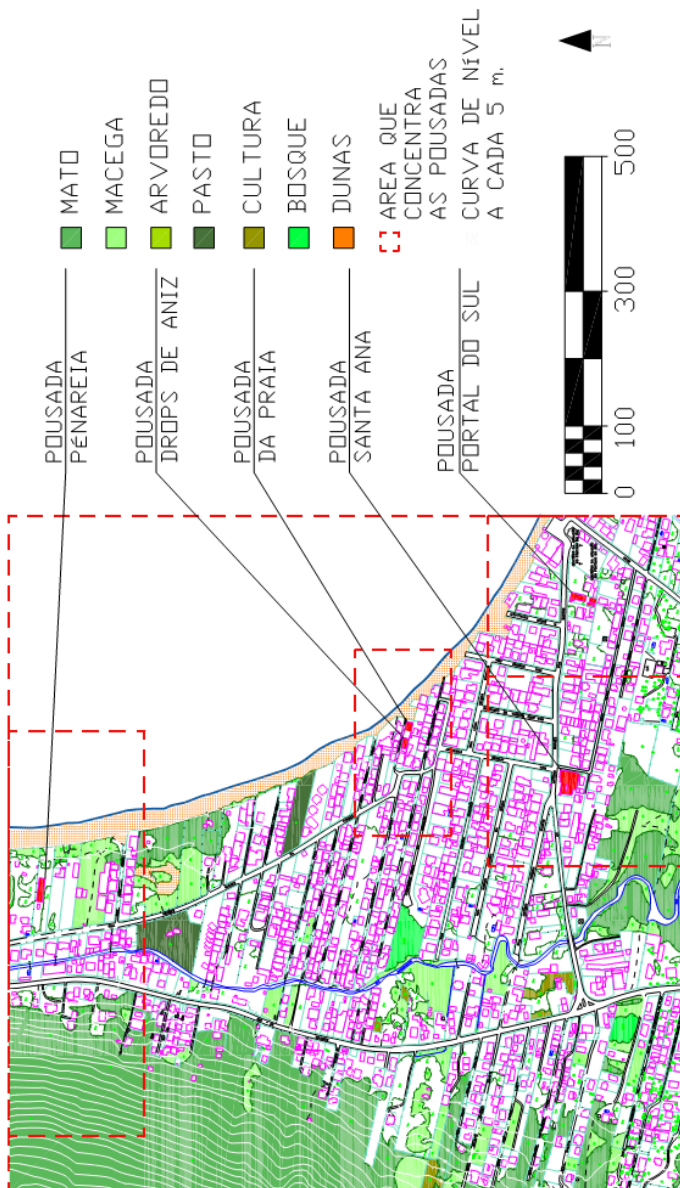
Na região de concentração dos empreendimentos na unidade de paisagem Armação-Peri (Mapa 11), as pousadas estão restritas às áreas urbanas. Trata-se de uma região onde a urbanização ainda não foi consolidada e está em expansão, resultando numa paisagem predominantemente suburbana.

Do mesmo modo como o que ocorre no Distrito do Campeche, as pousadas localizam-se próximo do mar e, predominantemente, nas vias principais: Av. Antônio Borges Santos e Rua Hermes Guedes da Fonseca. É interessante notar que ambas são vias de acesso da comunidade à rodovia, a SC-406.

Todos os empreendimentos estão localizados nas cotas mais baixas do distrito e próximos às praias, sendo três localizados próximos à areia. Uma série de fenômenos climáticos, no verão de 2010, como ciclones e tempestades, reduziram a faixa de areia próxima às pousadas. Por ações do poder público, atualmente, nas adjacências, há barreiras para impedir o avanço do mar, como muro de pedras e barreiras de saco de areia.

Um fato interessante é que os proprietários entrevistados afirmam que as reservas para o verão de 2011 estavam abaixo das expectativas. Eles levantaram a hipótese de que a nova configuração da praia, que teve sua faixa de areia reduzida pelos fenômenos climáticos, pode ser um dos motivos para essa diminuição das reservas.

Para definir em qual paisagem os estabelecimentos estão implantados, com vistas a analisar sua inserção, a área foi subdividida conforme o Mapa 12, resultando em quatro subunidades de paisagens.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 12 - Área que concentra as pousadas na unidade de paisagem Armação-Peri, com as localizações dos estabelecimentos e suas subunidades.

A unidade de paisagem onde está inserida a Pousada Pénareia, representada no Mapa 13, é uma área suburbana, que passa pelo processo de ocupação e apresenta uso predominantemente residencial. A ocupação é mais densa nas cotas mais baixas do morro e nas margens do rio, o que configura uma ocupação irregular, já que estão em áreas de preservação permanente. O morro é um elemento importante na paisagem, uma vez que delimita a bacia de visão e apresenta densa vegetação, agregando naturalidade ao ambiente.⁶¹

Outro importante elemento na paisagem é a praia – que traz amplitude a ela. A pousada está situada próxima da faixa de areia e, dessa forma, possui acesso direto à praia. A ocupação é menos densa nessa área, pois os terrenos que atualmente estão ocupados apresentam baixa taxa de ocupação e há lotes vagos.

A Lei Municipal nº 2193/85 determina que essa área é uma ATR-3, área turístico-residencial, cujos índices que definem o limite de ocupação encontram-se no Quadro 5.

⁶¹Naturalidade é uma das variáveis que determinam a qualidade visual, segundo Pires (2001), além da diversidade, amplitude visual, singularidade, entre outros.



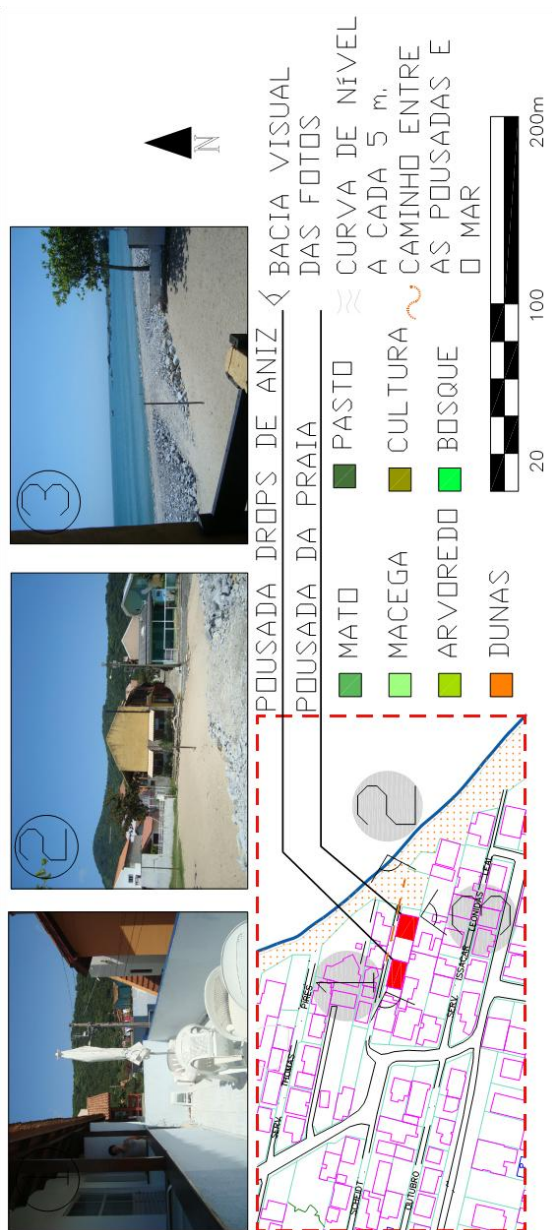
Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 13 - Subunidade da Pousada Pénareia.

A unidade de paisagem onde estão inseridas as pousadas Drops de Aniz e da Praia é mais densamente ocupada do que a anteriormente analisada. Além da quantidade de terrenos ocupados, estes apresentam menos áreas livres; em alguns casos, a taxa de ocupação de terreno é total, fato presenciado nas edificações da via das pousadas (Servidão da Praia). O traçado urbano é irregular e apresenta vias com uma única faixa e sem calçada para pedestres, como na Servidão da Praia.

A praia é o elemento de destaque desta unidade de paisagem, devido à sua beleza e à amplitude que agrega ao território, conforme a imagem 3 do Mapa 14.

A morfologia do terreno, com os morros, e a densa vegetação, apesar de distantes, compõem a paisagem desta subunidade, resultando em um interessante plano de fundo.

Assim como a subunidade anteriormente analisada, essa área também é uma ATR-3, cujos dados que definem o limite de ocupação encontram-se no Quadro 5.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 14 - Subunidade da Pousada Drops de Aniz e Pousada da Praia.

A Pousada Santa Ana está localizada em uma área de uso misto (residencial e comercial) e na principal via de Armação: Av. Antônio Borges Santos. A largura desta via é importante na configuração espacial, pois, por ser generosa, não diminui a sensação de amplitude da paisagem. As edificações apresentam no máximo dois pavimentos, característica predominante em toda a comunidade da Armação.

Conforme representado nas imagens 1 e 2 do Mapa 15, as montanhas, apesar de distantes, compõem a paisagem da área, devido à sua forma, altura e densa vegetação.

Conforme a Lei Municipal nº 2193/85, trata-se de uma área mista central - AMC-1, cujos índices que definem o limite de ocupação encontram-se no Quadro 10. Esta lei determina a adequação dos usos e as atividades às áreas, definindo-as como proibido, adequado ou tolerável. Ao contrário das outras áreas analisadas até então, ARP-3, ATR-3 e ARE-5, que classificam o uso como adequado para albergues de turismo e paradores (categoria que contém as pousadas conforme a legislação municipal), na AMC-1 esse uso é tolerável.

Quadro 10 - Índices urbanísticos da AMC-1, conforme a Lei Municipal nº 2193/85

Área	Lote Mínimo	Nº de Pavimentos	Índice de aproveitamento	Taxa máxima de ocupação (%)
AMC-1	450	2	1,2	60

Fonte: Florianópolis (1985).



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 15 - Subunidade da Pousada Santa Ana.

Na unidade de paisagem que contém a Pousada Portal do Sul, a ocupação urbana possui importante papel na sua constituição, pois nela está a parte central do distrito, onde situam-se importantes elementos, como a igreja (imagem 3 do Mapa 16) e o cemitério da comunidade, além de um largo que concentra vários pontos de comércio, a maioria destes destinada a suprir a demanda gerada pela atividade turística, como lojas de souvenir, restaurantes, sorveterias, entre outros. Como dito anteriormente, a Av. Antônio Borges Santos apresenta edifícios de uso misto, de até dois pavimentos, e via de rolamento com largura condizente com a sua função: ser a principal avenida de Armação. Os lotes ocupados mantiveram parte da vegetação, conforme as imagens 1 e 2 do Mapa 16. Os componentes naturais também compõem a paisagem, porém com menos destaque do que nas demais UP estudadas neste tópico.

Assim como a subunidade que contém a Pousada Santa Ana, a subunidade da Pousada Portal do Sul é uma AMC-1, cujos dados estão no Quadro 10.



PRAIA DA ARMAÇÃO

POUSADA PORTAL DO SUL

CEMITERIO DA ARMAÇÃO

DO PANTANO DO SUL

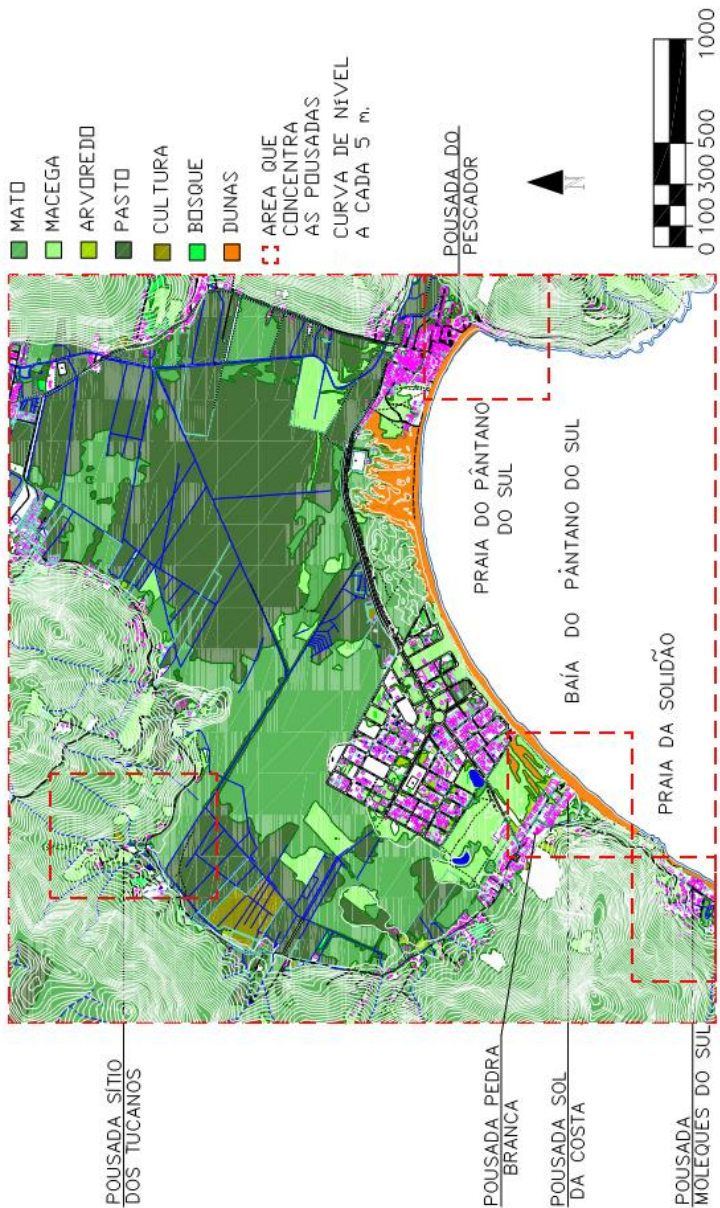
-  MATO
-  MACEGA
-  ARVOREDO
-  DUNAS
-  PASTO
-  CULTURA
-  BOSQUE
-  CURVA DE NÍVEL A CADA 5 m.
-  BACIA VISUAL DAS FOTOS

CAMINHO ENTRE AS POUASADAS E O MAR



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 16 - Subunidade da Pousada Portal do Sul.

A área de concentração das pousadas, na unidade de paisagem do Pântano do Sul, é composta por várias localidades que desenvolvem a atividade turística, o que explica, parcialmente, a dispersão dos empreendimentos nessa região (Mapa 17). Para o estudo das UP onde as pousadas estão inseridas, foram demarcadas quatro subunidades de paisagens para serem analisadas.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 17 - Área que concentra as pousadas na unidade de paisagem Pântano do Sul, com as localizações dos estabelecimentos e suas subunidades.

A localidade Pântano do Sul apresenta, conforme os critérios desta pesquisa, apenas uma pousada, localizada próximo à praia, em uma rua secundária, e com apenas uma faixa de rolamento. O elemento marcante desta subunidade de paisagem é o morro, que apresenta uma exuberante vegetação, além da parte regenerada; nele, há áreas com espécies exóticas, como o eucalipto. A Pousada do Pescador localiza-se ao pé desse morro e parte do terreno é na encosta; apenas a parte mais baixa, entretanto, foi ocupada pelo estabelecimento; as demais estão preservadas. Outro elemento é a praia, que exibe extensa faixa de areia, conforme a imagem 1 da Figura 18.

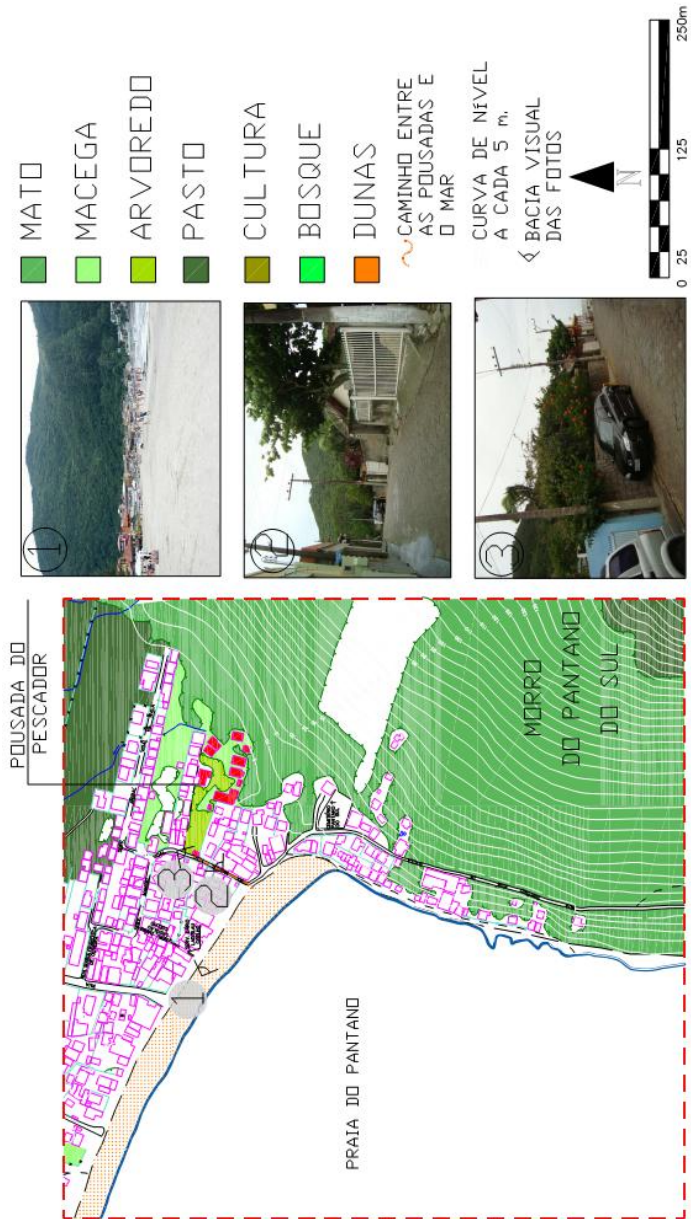
O traçado irregular do Pântano do sul, com suas vias de forma orgânica e muitas vezes estreitas, deve-se ao fato de a ocupação ter sido a partir de um núcleo colonial pesqueiro.

A subunidade da Pousada do Pescador está inserida numa área de preservação cultural - APC-2, todavia, não há no Anexo II e no anexo IV, que tratam da adequação dos usos e atividades às áreas e dos limites de ocupação respectivamente, da Lei Municipal nº 2193/85 conforme ilustra o Quadro 11.

Quadro 11 - Índices urbanísticos das APC-2, conforme a Lei Municipal nº 2193/85

Área	Lote Mínimo	Nº de Pavimentos	Índice de aproveitamento	Taxa máxima de ocupação (%)
APC-2	Prevalecem os limites da área base até a existência de plano setorial ou plano de massa.			

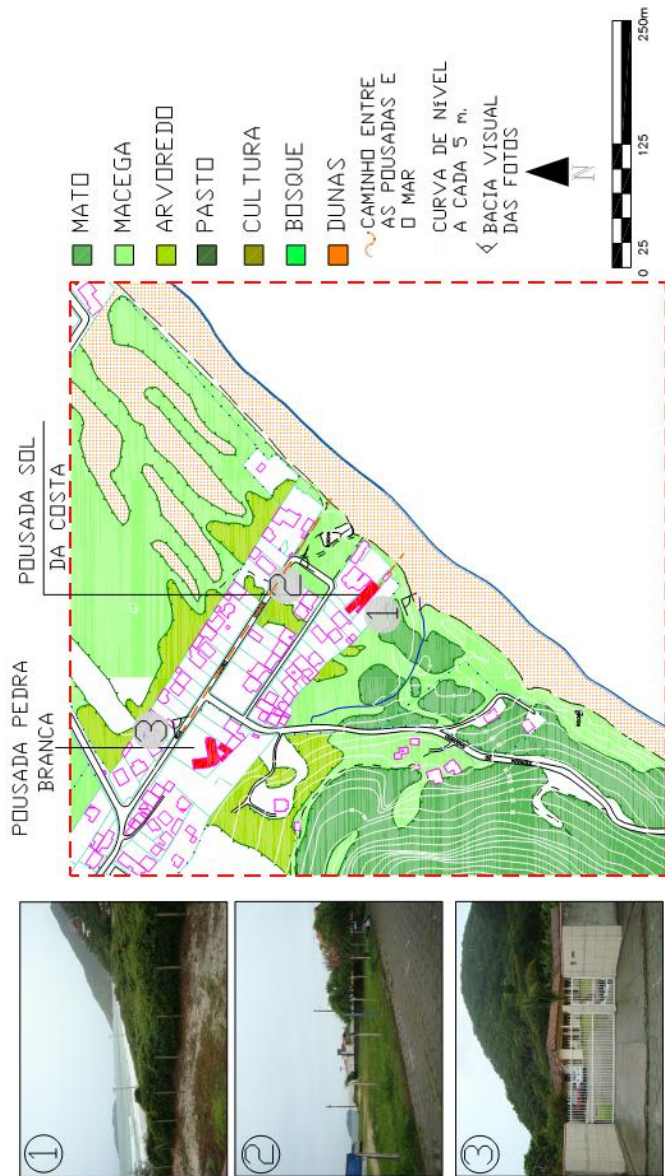
Fonte: Florianópolis (1985).



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 18 - Subunidade da Pousada do Pescador.

Na outra subunidade de paisagem analisada estão implantadas a Pousada Pedra Branca e a Pousada Sol da Costa, demarcadas no mapa 19. Nesta, a morfologia do território é o elemento de destaque, já que ele delimita a área de ocupação, apresentando densa vegetação, com inúmeras espécies, que resultam em uma textura interessante, além de uma gama de tonalidades de verde. A praia é outro elemento marcante. Ela possui restinga, em determinadas áreas da faixa de areia, e contrapõe com a morfologia do terreno, uma vez que gera uma sensação de amplitude, pois abre as bacias visuais.

Apesar da proximidade, os meios de hospedagem analisados estão legalmente implantados em áreas diferentes. Segundo a Lei Municipal nº 2193/85, a Pousada Asa Branca situa-se em uma ARP-3, área residencial predominante, e a Pousada Sol da Costa, numa ATR-3. Os limites de ocupação definidos estão nos Quadro 5 e 6, respectivamente; todavia, os índices são iguais.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 19 - Subunidade da Pousada Pedra Branca e Pousada Sol da Costa.

A área ocupada pela Praia de Solidão (Mapa 20) está situada entre os morros que compõem a morfologia do terreno e a praia. O morro e a praia resultam em uma paisagem diversificada, pois esta é delimitada numa lateral por um grande morro, com espessa cobertura vegetal, em forma de anfiteatro, com alguns paredões de rochas aparentes, e, na outra, pela praia, com larga faixa de areia, que traz amplitude à paisagem. A área é basicamente residencial, possuindo apenas alguns elementos comerciais, destinados, principalmente, ao setor alimentício e de bebidas, como restaurante e mercearia,

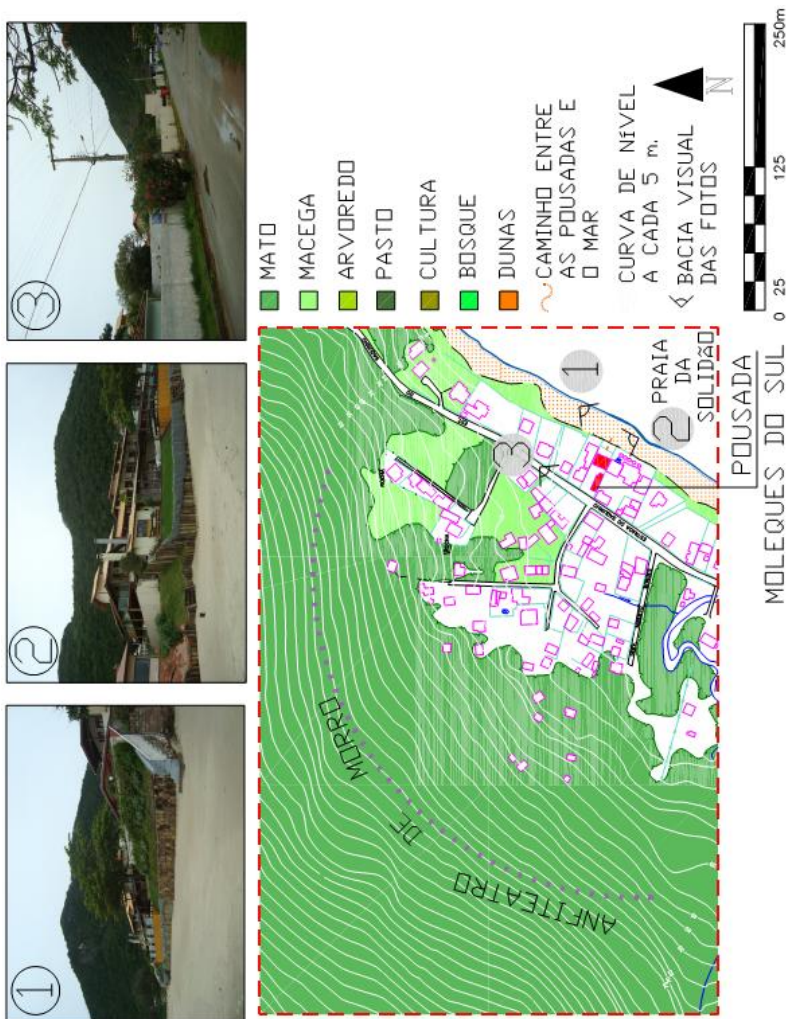
As ocupações próximas ao mar estão dispostas de forma contínua e linear, resultando em uma barreira para o acesso à praia. Resta ao público adentrar a praia por caminhos estreitos de pedestres que existe entre algumas residências.

Segundo consta na Lei Municipal nº 2193/85, trata-se de uma área turístico-residencial - ATR-2, cujos índices que determinam o limite de ocupação estão sintetizados no Quadro 12.

Quadro 12 - Índices urbanísticos das ATR-2, conforme a Lei Municipal nº 2193/85

Área	Lote Mínimo	Nº de Pavimentos	Índice de aproveitamento	Taxa máxima de ocupação (%)
ATR-2	720	2	0,6	40

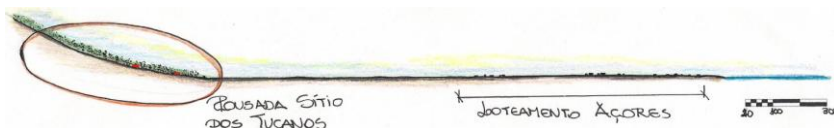
Fonte: Florianópolis (1985).



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 20 - Subunidade da Pousada Moleques do Sul.

A subunidade de paisagem da comunidade Costa de Dentro está localizada numa área rural, com baixa taxa de ocupação, caracterizada pelas áreas de cultivo e de criação de animais, principalmente na região da planície.

O relevo é marcante, na área de estudo. Trata-se de uma extensa planície cercada por morro, cotas que chegam a mais de 150 m, resultando em um forte contraste (conforme o perfil esquemático da Figura 19). Sua forma também agrega valor paisagístico ao território, uma vez que apresenta várias reentrâncias, como se pode visualizar no Mapa 21, que destaca as diversas vertentes da região.



Fonte: Elaboração própria

Figura 19- Perfil esquemático da inserção da pousada Sítio dos Tucanos no território.

A área também apresenta uma rica hidrografia, com vários rios e riachos, conforme se vê no mapa, constituindo uma bacia com forma dendrítica, pois possui várias nascentes. Percebe-se que no terreno, mais especificamente em sua parte baixa, a da pousada, que um desses rios, tendo sido parcialmente represado, resultou em uma piscina de água corrente.

A vegetação é outro elemento de contraste, pois, nos morros, é densa, de médio a grande porte, comportando uma textura diferenciada e com várias tonalidades de verde, enquanto na planície essa vegetação é de pequeno a médio porte.

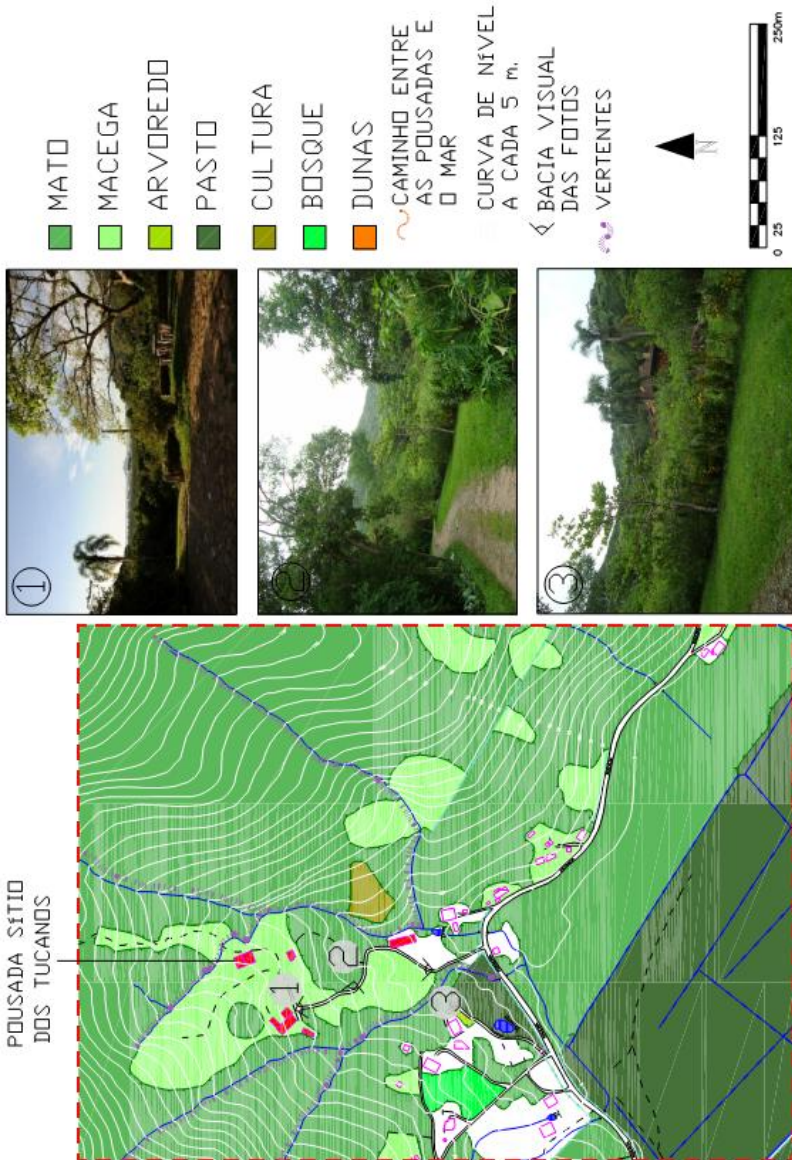
A Pousada Sítio dos Tucanos é o único estabelecimento analisado que está inserido numa área rural e num terreno com declividade acentuada, o que lhe algumas características peculiares.

A Pousada Sítio dos Tucanos está implantada em uma área de preservação com uso limitado - APL, cujos índices que determinam o limite de ocupação são mais rigorosos dos que os anteriormente apresentados, conforme ilustra o Quadro 13. Nesta área, o uso como pousada é classificado como tolerável.

Quadro 13 - Índices urbanísticos das ATR-2, conforme a Lei Municipal nº 2193/85

Área	Lote Mínimo	Nº de Pavimentos	Índice de aproveitamento	Taxa máxima de ocupação (%)
ATR-2	720	2	0,6	40

Fonte: Florianópolis (1985).



Fonte: Mapa base IPUF (2009), alterado pela autora.
Mapa 21 - Subunidade da Pousada Sítio dos Tucanos.

Para ilustrar a inserção das pousadas na paisagem, no entorno mais imediato, os dados foram organizados no Quadro-síntese 15. Após a análise dos dados levantados em campo, observou-se que no Distrito do Pântano do Sul as pousadas apresentam uma composição volumétrica e uma linguagem arquitetônica, na maioria das vezes, similar à das construções adjacentes, o que impede que estas destoem do entorno.

As pousadas Pénareia, Portal do Sul, Moleque do Sul, Pedra Branca, Santa Ana e Sol da Costa apresentam características semelhantes na sua relação com o entorno, como gabaritos, linguagem arquitetônica, afastamentos generosos e ampla área livre no terreno.

A Pousada Santa Ana exibe uma característica peculiar, a cor (lilás) e alguns elementos decorativos, na fachada (ornamentos de madeira), conforme demonstra a Figura 20; com isso, denota uma composição de fachada diferente das demais, sem, entretanto, ferir negativamente a harmonia da paisagem.

A Pousada Sol da Costa também apresenta características que a distinguem das demais edificações, sem, contudo, interferir na paisagem. São elas: a baixa qualidade arquitetônica, com a utilização de materiais mais populares,



como telha de fibrocimento, e a cor vermelha na fachada.

Já as pousadas Drops de Aniz e da Praia assemelham-se em relação à

falta de afastamento da construção e à taxa de ocupação de 100%. Essas características não interferem na paisagem local, uma vez que é frequente nas demais edificações do entorno. Todavia, não respeita a Lei Municipal nº 2193/85, que determina que se trata de uma ATR-3, cuja a ocupação máxima é de 50%.

No caso das pousadas do Pescador e Sítio dos Tucanos, elas se assemelham pela densa vegetação do terreno, baixa taxa de ocupação, por estarem em terrenos que apresentam desnível acentuado e pela implantação de blocos dispersos no terreno, com baixo gabarito, características que resultam em uma ocupação que não interfere significativamente na paisagem local.

Fonte: Acervo da autora.

Figura 20- Elementos de composição da fachada – Pousada Santa Ana.

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Pénareia		 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>Trata-se de um terreno retangular com acesso direto a praia aos fundos.</p> <p>A pousada é formada por um edifício também retangular, paralelo e próximo a uma das laterais do terreno, e um pequeno bloco, onde funciona uma oficina de apoio. O que resulta em considerável área livre, utilizada para estacionamento. Esse modo de implantação, juntamente com a vegetal, faz com que a pousada não se destaque do entorno.</p>
Pousada Drops de Aniz		 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>A pousada consiste em um único bloco de dois andares, que ocupa toda a área do terreno.</p> <p>O estabelecimento não se destaca do entorno, pois apresentar uma tipologia arquitetônica semelhante à vizinhança, e pelo volume mais próximo a rua, apresentar grandes planos vidro, o que minimiza a sensação de estreitamento da via. A cor utilizada nas fachadas da pousada apesar de não ser usualmente utilizada em residência, azul marinho escuro e azul claro, não destoa da paisagem, pois combina com o céu e o mar.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Portal do Sul	 <p> ■ Pousada Portal do Sul ■ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. ■ Igreja e cemitério ■ Uso misto. Residencial e comercial. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>A pousada apresenta um considerável afastamento frontal e blocos dispostos paralelos às divisas do terreno, esse modo de implantação é um dos fatores para a pousada não se destaca do entorno, assim como o baixo gabarito e a linguagem arquitetônica. É formada por 3 blocos, na parte frontal do principal funciona uma imobiliária, as demais áreas são unidades habitacionais, o outro bloco, é formado por UH's, ambos são de dois pavimentos. O menor, o de um pavimento é área de churrasqueira e banheiros.</p>
Pousada do Pescador	 <p> ■ Pousada do Pescador ■ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>	 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>A pousada do Pescador está implantada em um terreno com densa vegetação, no pé do morro, é constituída por dez chalés, por um bloco onde funciona o refeitório e recepção, uma pequena capela e piscina. O gabarito destes blocos variam de um a dois pavimentos. Devido à densa vegetação, e a disposição dos edifícios no terreno a pousada não se destoa do entorno.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Pedra Branca	 <p data-bbox="558 773 884 805"> □ Pousada Pedra Branca ■ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>	 <p data-bbox="919 740 1377 768">A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p data-bbox="1472 350 1917 805">A pousada é constituída basicamente por um edifício em “V”, implantado na parte posterior do terreno, resultando em ampla área livre na parte frontal. Neste, estão as UH’s e o refeitório para café da manhã. Mais ao fundo do terreno, na divisa, há uma pequena área coberta, que funciona com uma cozinha auxiliar e a residência de uma funcionária da pousada. Essas características permitem que o estabelecimento não se destaque do entorno.</p>
Pousada Sol da Costa	 <p data-bbox="558 1208 884 1240"> □ Pousada Sol da Costa ■ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>		<p data-bbox="1472 841 1917 1260">A pousada está implantada em um bloco único e apresenta ligação direta com a praia. Próximo a rua de acesso, está localizada a recepção, enquanto, no acesso direto ao mar funcionará o bar/restaurante, onde também será servido o café da manhã, nas demais áreas estão às UH’s. O estabelecimento apresenta dois pavimentos, é construída com produtos de baixo preço e apresenta baixa qualidade arquitetônica.</p>

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Moleque do Sul		 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>A pousada está implantada na divisa do terreno com a praia, e apresenta dois a três pavimentos. Possui um deck, onde é servido o café da manhã, e área de lazer voltada para a praia, e do outro lado, um deck com piscina e <i>ofurô</i>. O amplo afastamento frontal é utilizado também como estacionamento. A pousada, juntamente com as demais edificações dificulta o acesso à praia, restando ao público acessá-la por pequenos caminhos para pedestres.</p>
Pousada Sítio dos Tucanos		 <p>A pousada não se destaca do entorno.</p>	<p>Trata-se de uma área rural, com densa vegetação e acentuada declividade. Os blocos que compõem o estabelecimento são implantados de forma dispersa ao longo do terreno, nos platôs naturais. Os blocos apresentam de um a dois pavimentos. Devido à baixa taxa de ocupação e a densa vegetação, o empreendimento não se destaca do entorno, e possui baixo impacto na paisagem.</p>

Como explanado na introdução do trabalho, o foco do presente estudo é, além da análise da inserção das pousadas na paisagem, a apreciação das características dos empreendimentos, a fim de levantar os padrões recorrentes dessa tipologia no município, abrangendo aspectos funcionais, socioeconômicos, entre outros, listados no capítulo 1. Para isso, os dados obtidos nos estabelecimentos do Distrito do Pântano do Sul foram organizados no Quadro 16.

Quadro 15: Quadro síntese - Pousadas do Pântano do Sul

POUSADA				Da Praia	Do Pescador	Drops de Aniz	Moleque do Sul	Pedra Branca	Pénareia	Portal do Sul	Santa Ana	Sítio dos Tucanos	Sol da Costa		
ASPECTOS DA	TOPOGR	Terreno e entorno plano		X			X	X	X	X	X				
		Outros			Terreno no pé do morro, plano na parte frontal e inclinação aos fundos.	Terreno em declive.							Terreno com inclinação acentuada.		
	USO	DESCRIÇÃO DOS ARREDORES	Predominância de lotes vagos										X		
			Predominantemente residencial, com edificações de um a dois pav.	X	X	X	X	X	X						X
			Próximo a condomínios residenciais com 4 ou mais pavimentos												
			Mista (comercial e residencial)							X	X				
SÍTIO E IMPLANTAÇÃO	ENTORNO	DISTÂNCIA DOS PRINCIPAIS PONTOS	Comércio, rua principal, etc.	Menos de 500 m	X	X	X		X	X	X	X			
				De 500 a 1000 m										X	
			Praia	Mais de 1000 m					X					X	
				Menos de 500 m	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
				De 500 a 1000 m											
			Mais de 1000 m									X			
	INSCRIÇÃO EM RELAÇÃO AO ENTORNO	Destaca-se do entorno imediato por apresentar gabarito superior das demais edificações ou/e um estilo arquitetônico diferente.										X			
		Não se destaca do entorno imediato		X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	
	MODO DE IMPLANTAÇÃO:			Um bloco principal	X		X	X		X				X	
				Dois a três blocos					X				X		
Mais de três blocos					X					X			X		
Segundo os entrevistados, durante a implantação do empreendimento, levou-se em consideração a paisagem?			Sim	X	X	X	X	X	X	X		X			
			Não												
			Parcialmente									X		N.F	
AMBIÊNCIA	PAISAGISMO		Não possui	X		X					X	X	X		
			Possui					X	X	X					
			Amplamente utilizado		X								X		
	ÁREA LIVRE		0%	-	0%	68%	67%	79%	56%	48%	-	-	39%		
	ÁREA DE ESTACIONAMENTO		Dentro do terreno	X	X	Não possui.	X	X	X	X	X	X	X	X	
			Próximo a pousada												
Coberto			X												
Descoberto				X		X	X	X	X	X	X	X	X		
		Misto (Cob./ Descob.)													
ORIGEM DA EDIFICAÇÃO	Antiga residência, reformada e/ou ampliada				X										
	Construída pelo proprietário para o atual uso.		X			X	X	X	X	X	X	X			
	Construída pelo proprietário para outro uso.			X											
	Já apresentava tal uso.												X		
FORMAIS E ESPACIAIS:	VOLUMETRIA DO EDIFÍCIO	Linear	X						X	X	X		X		
		Pontual		X	X	X						X			
		Em bolsa													
		Em "L"					X								
	CONCEITO/ PARTIDO ARQUITETÔNICO	Estilo diferente do entorno										X	X		
		Não é marcante		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	SETORIZAÇÃO DOS AMBIENTES	Por diferentes blocos			X				X		X	X	X		
Por diferentes níveis		X			X										
Pela proximidade dos ambientes				X				X							
		Não há setorização											X		
UNIDADES HABITACIONAIS	NÚMERO TOTAL DE UHS E DE LEITOS			3	10	7	8	8	12	11	27	18	21		
	UH ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA			Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não		
	QUANTIDADE DE UHS POR TIPO			Standard				8	5						
				Suítes Luxo					1				1		
			Suíte Super Luxo				8		4						
		Apartamento	3		5				2	27	8				
		Outros tipos		X					X	X		X	X		

POUSADA		Da Praia	Do Pescador	Drops de Aniz	Moleque do Sul	Pedra Branca	Pénareia	Portal do Sul	Santa Ana	Sítio dos Tucanos	Sol da Costa	
SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS	SERVIÇOS OFERECIDOS:	Café da manhã	X	X***	X	X	X	X	X	X	X	
		Camareira	X	X***	X	X	X	X	X	X	X	
		Locação de veículos										
		Lavanderia										
		Agendamentos de passeios			X							
		Sistema de internet wireless.			X	X	X	X	X			
		Outros						X				
	ÁREA SOCIAL:	Sala para jogos e/ou leitura.			X			X				X
		Sala de TV e DVD						X				X
		Auditório e/ou área para coffe-break										
		Computadores para uso dos hospedes										
		Outros		X	X	X	X	X	X		X	
	RECREÇÃO E LAZER:	Piscina e/ou bar/café		X		X					X	X
Ambientes p/ tratamentos relaxantes										X		
Outros					X			X				
CARACTERÍSTICAS QUE SE DESTACAM	Arquitetônica	Construção de dois pavimentos: inferior é a área residencial e no piso superior os apartamentos da pousada.	Trata-se de chalés dispersos numa ampla área com densa de vegetação	Trata-se de uma residência adaptada para o novo uso. Resultando em alguns apartamentos com abertura de ventilação insuficiente.	Os grandes planos de vidro proporciona uma vista privilegiada da praia da Solidão. O deck onde é servido o café da manhã, dá acesso direto a praia.	No terreno há um bloco onde ocorrem todas as atividades da pousadas, uma residência da funcionária e área de apoio (cozinha externa e área de serviço).	Apresenta um significativo afastamento frontal e em uma das laterais.		A pousada se destaca na paisagem principalmente pela cor do empreendimento, lilás, e os detalhes decorativos na composição da fachada.	Blocos dispersos pelo terreno, apresentam linguagem que remete a construções coloniais, uso de madeira aparente.	Edifício com baixa qualidade arquitetônica, utilização de materiais populares, como telha fibrocimento, aberturas insuficientes.	
	Funcional/ Uso	A área da pousada se restringe aos apartamentos, toda infra-estrutura de apoio corresponde aos ambientes residenciais.	Na baixa estação funciona como residencial.				Há uma área destinada a exposição de trabalhos de artesanato locais.	Junto à pousada funciona uma imobiliária.			Também funciona como albergue, apresenta quartos sem banheiros.	
	Ambiência	Não há. Uma vez que toda área é ocupada.	Densa vegetação nativa.			O paisagismo é pontual ou linear.	Utiliza coqueiros e plantas nativas. O projeto arquitetônico preservou a vegetação já existente.	O paisagismo é pontual e utiliza folhagem e árvore de pequeno a médio porte.	Apesar da ampla área livre, não há uma preocupação com a ambiência da pousada. Não há um paisagismo no estabelecimento.	Abundancia de vegetação, principalmente nativa e de grande porte.	Não possui elementos que valorize a ambiência	
	Processual	O empreendimento inicialmente construído apresentava mais UH's, após divergência entre os donos, ele foi dividido.			Apesar de ter sido construída em uma Única etapa, a pousada passa por constantes reformas visando sua melhoria.							
	Sustentabilidade	Lâmpadas frias, reciclagem de lixo, troca de roupa de cama a cada 3 dias e 2 as de banho.	Reciclagem de lixo, utilização do lixo orgânico para adubo, utiliza lâmpadas econômicas, etc.	Lâmpadas frias, equipamentos de baixo consumo, coleta seletiva, etc.		Lâmpadas econômicas e troca de roupa um dia sim outro não.	Aquecimento solar e apoio a gás, reciclagem, lâmpadas frias, troca de roupa de cama em dias alternados.	Utiliza lâmpadas econômicas. Roupa de cama trocada 3 vezes por semana.				Utiliza lâmpadas econômicas.

POUSADA		Da Praia	Do Pescador	Drops de Aniz	Moleque do Sul	Pedra Branca	Pé na Areia	Portal do Sul	Santa Ana	Sítio dos Tucanos	Sol da Costa	
GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	PERÍODO DE FUNCIONAMENTO:	Todo o ano	X		X		X	X	X	X	X	
		Somente na alta temporada		X		X						
	MÊS DE MAIOR OCUPAÇÃO:		Janeiro	Janeiro	Janeiro	Janeiro	Janeiro	Janeiro	Dezembro/ Janeiro	Dezembro/ Janeiro	Dezembro a fevereiro.	Dezembro a março.
	MÊS DE MENOR OCUPAÇÃO:		Agosto	Junho a setembro.	Junho	Dezembro e Fevereiro	Junho	Junho	Março/ Abril	Junho	Junho, Julho	N.F
	VALOR MÉDIO DAS DIÁRIAS:		(A): 150,00	(B): R\$ 70,00	RS 180,00	R\$ 185,00 (casal)	R\$ 180,00 **	R\$ 210,00 **	RS 98,33	R\$ 65,00	R\$ 238,33**	R\$ 45,00 a 120,00 p/ pessoa
	TAXA DE OCUPAÇÃO ANUAL MÉDIA:		(A): 90%	60%	20%	N.F	N.F	N.F	N.F	N.F	N.F	N.F
	Nº DE EMPREGADOS	Contratam Diaristas										
		Somente a família		X								
		Contratados	(A): 1		1	(A): 8	1	(B):1 (A): 4 a 5	(B): 3 (A): 5 a 6	(B):1 (A): 7 a 8	N.F	
	REGULARIZAÇÃO OU ASSOCIAÇÃO EM ÓRGÃOS:		Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
PROPRIEDADE FAMILIAR:		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
OPERA COM CARTÃO DE CRÉDITO?		Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS:		Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	

Fonte: Autora | *Casal, baixa temporada. | ** Média das diárias na alta temporada | *** Somente na alta temporada. | **** Para pequenos grupos (máximo 20 pessoas). | N.F: Não Fornecido. | (B): Baixa Temporada | (A): Alta Temporada

Assim, os dados levantados durante a visita *in loco*, representados de forma sucinta no Quadro 16, permitem afirmar que a proximidade ao mar é o principal fator que define a localização das pousadas no Distrito do Pântano do Sul. A declaração da proprietária da Pousada Drops de Aniz ilustra esse fato, ao afirmar que a localização e o entorno do estabelecimento definiram o seu uso. Inicialmente, ela adquiriu a residência para morar com sua família, e depois, por necessitar de uma complementação na renda, percebeu a possibilidade do novo uso, transformando a residência em uma pousada.

Essa característica apresentou-se recorrente na investigação, além do fato de que as pousadas têm sido vistas pelos proprietários como forma de complementar sua renda ou como principal fonte de renda da família.

Outras famílias também têm sua renda complementada pelas pousadas, sendo que essas possuem postos de trabalhos, variando em quantidade, de acordo com a baixa e a alta estação. Apenas duas pousadas não contratam funcionário na baixa temporada; na alta, alguns estabelecimentos oferecem até oito vagas de emprego.

Apesar da sazonalidade do turismo de Florianópolis, apenas duas pousadas (20%) deste distrito não funcionam durante o ano todo; uma alegou que fecha o estabelecimento para reformas no inverno, e a outra, que aluga os chalés durante o período de baixa estação, como morada de média duração (de um a nove meses).

Neste distrito encontrou-se uma diversidade considerável de unidades habitacionais, que variam desde estabelecimentos que oferecem quartos sem banheiro, o que se aproximaria das UHs oferecidas por albergues, até suítes que possuem *ofurô*, conforme ilustra a Figura 21, que na imagem à esquerda mostra um quarto da Pousada Sol da Costa, a qual oferece apenas a cama; alguns quartos deste estabelecimento não apresentam janela ou abertura de ventilação suficiente, e a iluminação é precária. De modo diferenciado, a Pousada Moleques do Sul oferece alguns equipamentos de luxo, como: *ofurô*, TV plana, lareira, entre outros, conforme a imagem à direita.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 21- Diferença entre as unidades habitacionais oferecidas.

Essa mesma diversidade ocorre nos aspectos construtivos dos estabelecimentos. Encontramos pousadas que são construções simples, com a utilização de material de baixo custo e soluções arquitetônicas simplificadas, como o caso da Pousada Sol da Costa, que possui cobertura de fibrocimento, acabamento de baixa qualidade, janelas insuficientes, forros de PVC ou madeira, e outros. Na Pousada Santa Ana, a estrutura da cama é de alvenaria revestida da mesma cerâmica do piso; e a Pousada Drops de Aniz, por tratar-se de uma residência reformada para ser uma pousada, apresenta unidades habitacionais com circulação interna estreita, quartos com pouca abertura para ventilação e iluminação, pé-direito baixo, entre outros.

Já outros estabelecimentos apresentaram ótimo estado de conservação, como, por exemplo, a Pousada Moleques do Sul, que passa por reformas anualmente, e a Pénareia. Ambas apresentam qualidade arquitetônica em alguns aspectos, como a disposição espacial dos ambientes, os materiais utilizados, ambiência, entre outros. Essa qualidade também é vista em outros estabelecimentos, como na Pousada Sítio dos Tucanos.

As pousadas analisadas oferecem pouca variedade de ambientes sociais aos hóspedes. Algumas são constituídas, basicamente, pelas UHs, área de alimento e bebida, composta pela cozinha, pela área do refeitório, área administrativa e uma pequena área de recepção, caso das pousadas da Praia, Drops de Aniz e Santa Ana. Além desses ambientes, a Pousada Drops de Aniz oferece uma pequena lavanderia para uso dos

hóspedes, composta de tanque e máquina de lavar, e uma área de estar com vista para o mar, enquanto a Pousada Santa Ana prioriza ambientes de serviços, como rouparia.

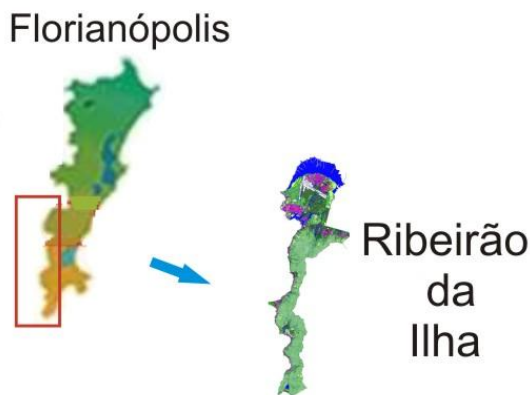
As demais pousadas possuem, pelo menos, um ambiente destinado à área social e/ou de recreação e lazer. É o caso da Pousada Pénareia, que possui um mezanino com TV, livros e uma sinuca; a Pousada do Pescador tem uma capela e piscina; nas Pousadas Pedra Branca e Portal do Sul há uma churrasqueira comunitária; a Pousada Sol da Costa oferece uma sala de TV, a mesma utilizada pela família do proprietário, e um bar/ restaurante que também atende os habituais frequentadores da praia. Dentre os estabelecimentos visitados, nesse distrito, as pousadas Moleque do Sul e Sítio dos Tucanos são as que oferecem maior diversidade de ambiente; a primeira possui piscina, *ofurô*, a cozinha pode ser utilizada pelos hóspedes e deck para a praia, enquanto a outra disponibiliza aos clientes uma cozinha comunitária e piscina com água corrente. Percebe-se assim que há piscina em apenas três (30%) estabelecimentos visitados.

Ao contrário do que foi observado no Campeche, poucas pousadas se preocupam com a ambiência do estabelecimento, ou utilizam elementos que o valorizem, como iluminação noturna, diversidade na vegetação, utilização de vários materiais, entre outros. Percebe-se que as Pousadas Pénareia, Portal do Sul e Moleque do Sul priorizam a vegetação, as circulações e a iluminação para valorizar a ambiência; outras, como as Pousadas Sítio dos Tucanos e do Pescador, deixam a cargo da vegetação natural do terreno. Nestas, o proprietário realiza pouca interferência na ambiência local preexistente e tira partido disso na inserção do estabelecimento.

O Distrito do Pântano do Sul possui composição biofísica diversificada, com áreas planas que se contrapõem aos morros íngremes com densa vegetação. Após análise das pousadas neste distrito, pode-se afirmar que, independentemente de estarem implantadas em áreas planas, próximas ao pé do morro, ou na encosta do morro, elas causam baixo impacto na paisagem cênica da área. Esse fato se deve as características físicas desses estabelecimentos, por apresentarem volume semelhante ao das demais edificações locais, serem de pequeno porte, por na maioria das vezes terem uma linguagem arquitetônica residencial, entre outros fatores; dessa forma, a ocupação da área analisada não sobressai no *skyline* do distrito.

4.4.5 Contextualização e caracterização do território e paisagem do Distrito de Ribeirão da Ilha

O Distrito de Ribeirão da Ilha localiza-se na parte sudoeste da Ilha de Santa Catarina, voltado para a Baía Sul, distante 18 km do centro da cidade, segundo Nascimento (2005), conforme ilustra a Figura 22. Abrange as localidades do Ribeirão da Ilha, Caieira da Barra do Sul e a praia de Naufragados, integrante do Parque Estadual do Rio Vermelho.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 22- Localização do Distrito do Ribeirão da Ilha no contexto municipal.

A região que atualmente pertence ao Distrito do Ribeirão da Ilha apresentou importância fundamental no início da ocupação da Ilha de Santa Catarina, pois foi onde surgiu o primeiro povoado. Nesta região funcionaram três portos, pelos quais passaram as mercadorias produzidas no sul da Ilha de Santa Catarina; os passageiros, numa época em que as estradas eram precárias e o transporte marinho na Baía Sul era uma alternativa; e desembarcavam mercadorias para suprir a necessidade da população local. Entretanto, esses portos perderam sua importância com a inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926.

O Pântano do Sul e Armação compunham a localidade do Ribeirão, e juntos apresentavam boa produção pesqueira. No passado, a economia do distrito foi baseada principalmente na pequena produção agrícola e pesqueira. No final do século XX, a renda familiar neste distrito era obtida através de pesca, maricultura, funcionalismo público, pequeno comércio e de emprego junto a empresas comerciais,

prestadoras de serviços, órgãos e empresas públicas instaladas no distrito-sede de Florianópolis, conforme Rosa (1997).

A forma de ocupação também foi se alterando ao longo do tempo. Conforme descreve Nascimento (2005), em meados do século XX, tratava-se de uma área rural, com ocupação predominantemente linear, ao longo dos morros; com parcelamento para lavouras morro acima e campos comunitários para pequenos rebanhos de gado, nas baixadas; e a presença significativa de casas açorianas, isoladas e dispostas em linhas. Atualmente, a localidade conserva algumas características da estrutura agrária pré-urbana, como os caminhos rurais, que acabam virando ruas, no caso, viraram servidões, e onde no passado existiu uma propriedade maior abriu-se uma rua estreita – servidão – ao longo dela, que foi subdividida em pequenos lotes. Este modo de parcelamento também é encontrado ao longo de toda a Ilha de Santa Catarina.

Dentre os elementos constitutivos da paisagem, destacam-se as encostas em declives acentuados dos morros, com alturas superiores a 300 metros, de onde descem córregos e riachos em vertentes íngremes, desaguando no mar. A cobertura vegetal é outro elemento de destaque na paisagem, uma vez que se encontra nas encostas mata atlântica em diversos estágios de regeneração, sendo em alguns aspectos muito semelhante às florestas primárias. Devido à forma de ocupação suburbana linear ao longo do caminho de acesso, a cobertura de restinga e floresta quaternária se encontra bastante reduzida. A Figura 23 retrata alguns desses elementos.



Fonte: Google Earth, alterado pela autora.

Figura 23- Vista geral da unidade de paisagem do Ribeirão da Ilha

Além das características ambientais culturais, o interesse nesta paisagem se dá também devido aos aspectos da ocupação colonial ainda presentes, como afirma Bueno (2006).

4.4.6 Estudos de Caso do Distrito de Ribeirão da Ilha

O levantamento no Distrito de Ribeirão da Ilha ocorreu conforme a metodologia apresentada no tópico 1.5.1 do presente trabalho. Das quatro pousadas listadas na primeira etapa, que corresponde à busca na internet, apenas duas foram encontradas em funcionamento. Os estabelecimentos objeto de análise deste tópico estão listados no Quadro 17.

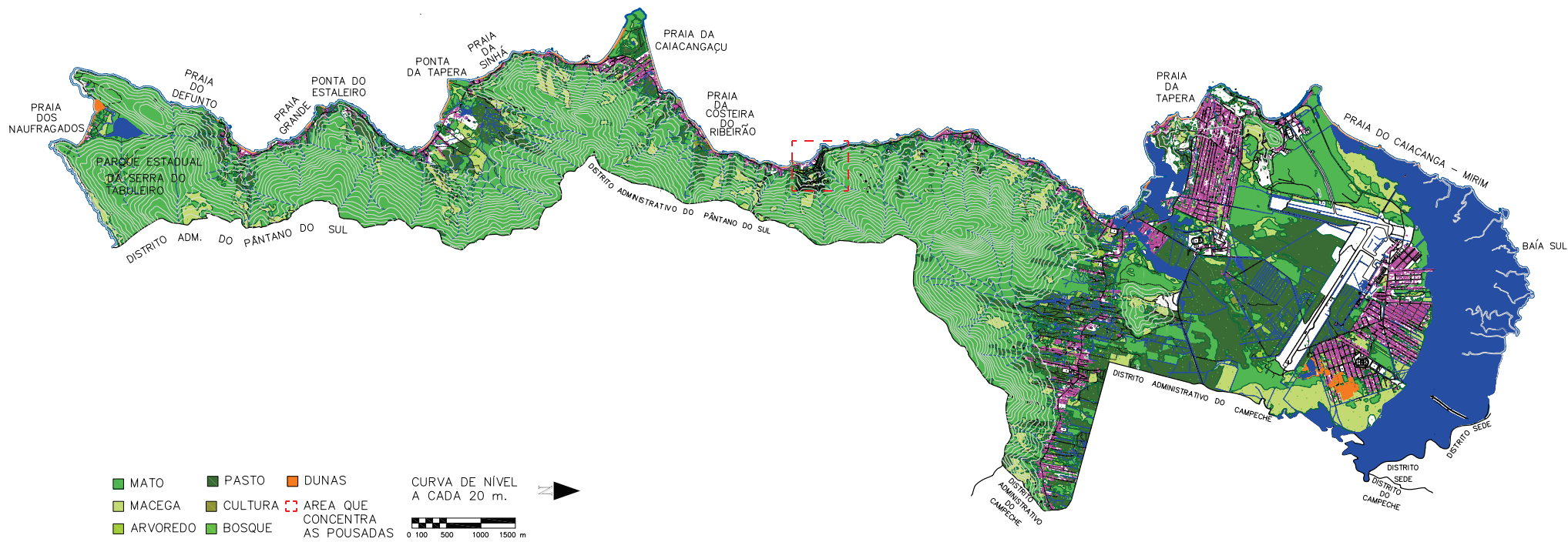
Quadro 16 - Pousadas analisadas do Distrito de Ribeirão da Ilha.

Pousada	Endereço
Do Museu	Rod. Baldicero Filomeno 10100.
Ecomar	Rodovia Baldicero Filomeno, 9401.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme ilustra o Mapa 22, apesar de o Distrito de Ribeirão da Ilha apresentar extensa área, ele possui apenas duas pousadas. Pode-se supor que essa realidade é resultado do tipo de turismo desenvolvido nesta região, que por sua vez é induzido por algumas características físicas. Dentre estas, pode-se supor que estejam as características do mar, que é muito mais calmo, não apresenta ondas e com água mais fria que em outras partes da ilha, como no norte da ilha, onde o turismo é amplamente explorado. Também há o fato de a praia apresentar estreita faixa de areia e, em determinadas áreas, a ausência da faixa, assim como o modo de ocupação, que em determinadas áreas é linear e paralelo à praia, o que impede ou dificulta seu acesso pela população e turistas. A existência de várias fazendas marinhas também delimita a área de banho neste distrito, uma vez que não é agradável tomar banho de mar próximo a elas. Outro elemento que dificulta o acesso é o desnível existente entre a rodovia, que é o principal caminho do Ribeirão da Ilha, e a praia em determinados trechos.

Ribeirão da Ilha é caracterizada pelo turismo de curta permanência, onde os turistas vão para passar curto período de tempo, não pernoitando na localidade; destaca-se o turismo gastronômico, viável devido aos inúmeros restaurantes existentes.

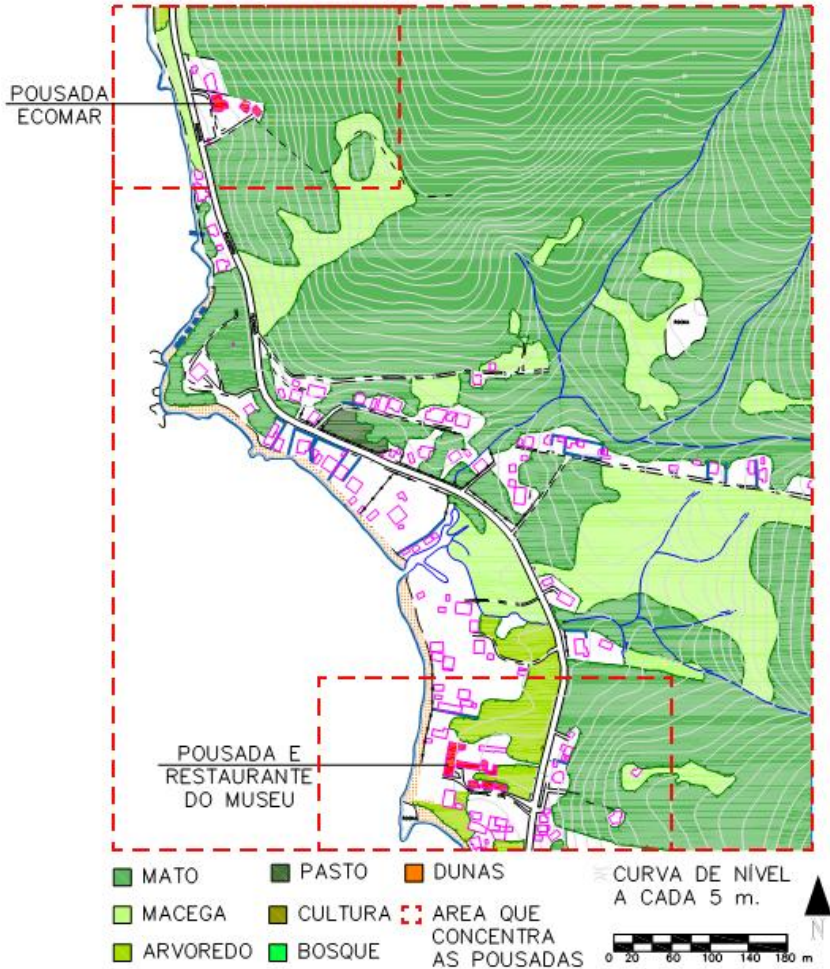


Fonte: Mapa - base IPUF (2009), alterado pela autora.
 Mapa 22 - Mapa completo do Ribeirão da Ilha.

As pousadas no Ribeirão da Ilha estão localizadas na principal via de acesso ao distrito, a Rodovia Baldicero Filomeno. Conforme ilustra o Mapa 23, a área onde estão implantados os meios de hospedagem apresenta ocupação suburbana, pois passa por um lento processo de ocupação, se comparada a outras regiões da ilha; isso ocorre predominantemente na margem da rodovia e nas cotas mais baixas do distrito. A morfologia predominante na área de inserção da pousada são morros, que originam encostas com acentuado declive; essa área apresenta densa cobertura vegetal.

Na região de análise presenciam-se riachos e córregos, que descem pela encosta, em vertentes íngremes, e deságuam no mar.

Para analisar a inserção das pousadas na paisagem, foram demarcadas no Mapa 23 duas subunidades de paisagem analisadas. A seguir, elas serão analisadas individualmente.



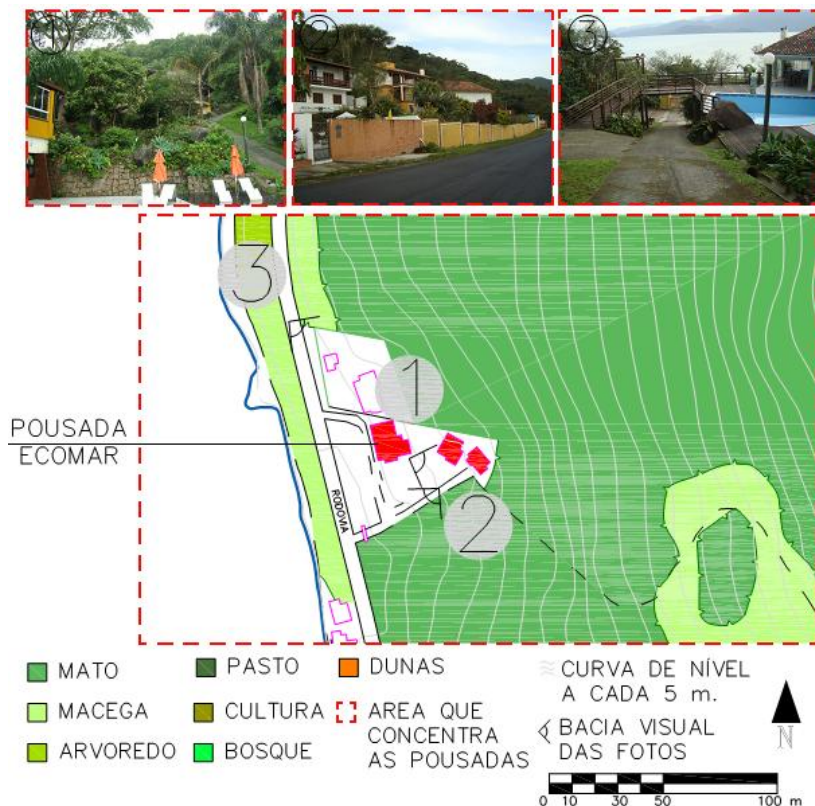
Fonte: Mapa base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 23 - Área que concentra as pousadas no Distrito de Ribeirão da Ilha, localização dos estabelecimentos e suas subunidades.

A subunidade de paisagem que contém a pousada Ecomar, representada no Mapa 24, apresenta uma interessante diversidade de composição nas bacias visuais, uma vez que os morros, com sua acentuada declividade e densa vegetação, fecham as bacias visuais, enquanto, do lado oposto, as bacias visuais voltadas para a Baía Sul são

amplas, de onde pode avistar a parte continental de Florianópolis (ilustração 3 do Mapa 24).

A ocupação na área é restrita a alguns edifícios de até três pavimentos, que estão implantados às margens da rodovia, os quais aparecem na ilustração 2 do Mapa 24. Não há ocupação e acesso de veículos às cotas mais altas do morro.

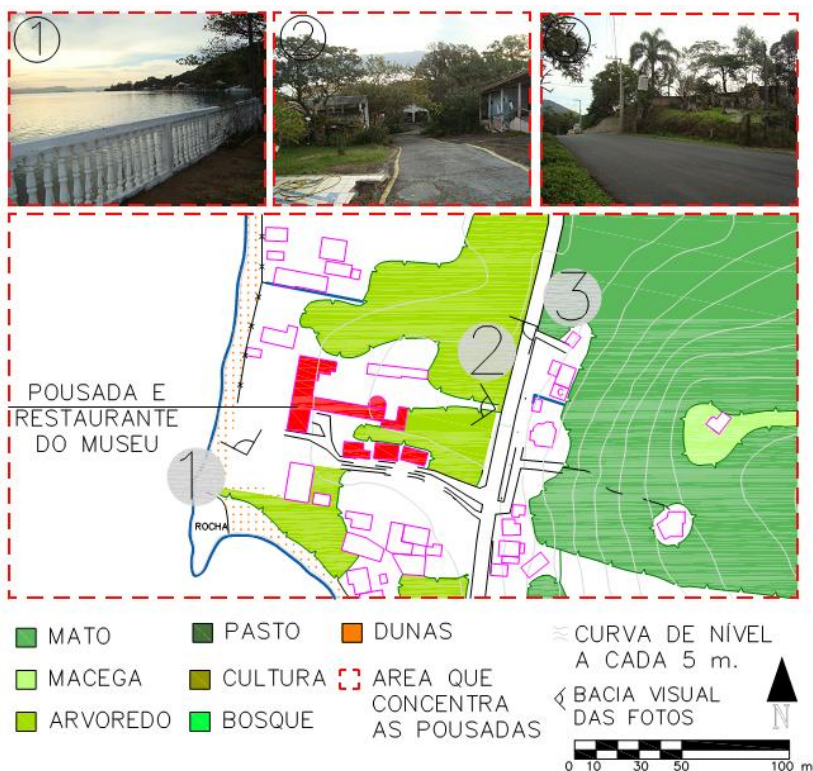


Fonte: Mapa IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 24 - Subunidade da Pousada Ecomar.

A outra subunidade de paisagem analisada no Distrito de Ribeirão da Ilha, onde está implantada a Pousada e Restaurante do Museu, representada no Mapa 25, possui maior número de edificações, comparada à subunidade anteriormente analisada. Persiste a característica de as edificações estarem implantadas às margens da rodovia e, assim, nas cotas mais baixas do distrito. Todavia, apesar do maior número de construções, por possuírem baixo gabarito e pelo relevo em declive, elas não afetam significativamente a paisagem.

A paisagem natural, composta pela morfologia da área, pela densa cobertura vegetal, pela Baía Sul, entre outros elementos, resulta em um conjunto harmonioso e de forte impacto visual cênico.



Fonte: Mapa-base IPUF (2009), alterado pela autora.

Mapa 25 - Subunidade da Pousada e Restaurante do Museu.

Para ilustrar a inserção das pousadas na paisagem, no entorno mais imediato, foi desenvolvido o Quadro 18. Nele estão representadas sucintamente as informações apuradas na observação *in loco*. Pode-se afirmar que, devido à predominância de elementos naturais e à baixa ocupação na área, esses estabelecimentos se destacam mais na paisagem imediata em comparação com as pousadas analisadas nos demais distritos, o do Campeche e do Pântano do Sul. Contudo, não interfere significativamente na paisagem se compararmos seu porte com a amplitude e diversidade da paisagem.

No caso da Pousada e Restaurante do Museu, a posição do observador foi elemento determinante na análise da interferência da pousada na paisagem. Quando analisado a partir da via de acesso principal, a Rodovia Baldicero Filomeno, ele não interfere na paisagem, devido à



Fonte: Acervo pessoal da autora (2011).

Figura 24 Pousada e Rest. do Museu visualizada a partir da Baía Sul.

topografia do terreno, pois na parte frontal há elevação e ocorre declividade acentuada nas demais áreas do terreno, o que, juntamente com o modo de implantação, faz com que a pousada não se destaque na paisagem. Outro elemento que se destaca nessa posição do observador é a vegetação cultivada e preservada na pousada, onde há um bosque e orquidário. Entretanto, ao analisarmos a partir da Baía Sul, do mar, a pousada se destaca, pois o bloco principal possui três pavimentos, ao contrário das demais construções adjacentes, conforme ilustra a Figura 24.

Quadro 17 - Pousadas Ribeirão da Ilha - entorno imediato.

	Entorno (Uso e ocupação do entorno e dimensões aproximadas do terreno)	Inserção da Pousada no entorno	Descrição da Pousada
Pousada Ecomar	 <p data-bbox="331 743 743 818"> □ Pousada Ecomar □ Residência Unifamiliar 3 pavimentos. □ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>	 <p data-bbox="785 646 1323 802"> A pousada possui características similares a construção vizinha, todavia o fato destas terem 3 pavimentos e serem somente elas no entorno, faz com que se destaquem, pois trata-se de uma área predominantemente natural. </p>	<p data-bbox="1346 298 1921 646"> A pousada está implantada em um terreno com alicve acentuado, a parte frontal apresenta menor inclinação e é onde está inserido o maior bloco do estabelecimento, nele funcionam as unidades habitacionais, a área de serviço e de alimento e bebida. O bloco principal tira partido da diferença de nível do terreno e possui acessos em cotas diferentes. Em área mais elevada, encontra-se a casa do proprietário e um chalé que possui duas unidades habitacionais completas (quarto, banheiro, cozinha e sala). </p>
Pousada e Restaurante do Museu	 <p data-bbox="264 1300 743 1338"> □ Pousada e Restaurante do Museu □ Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos. </p>	 <p data-bbox="890 889 1255 932"> ↓ Pousada e Rest. do Museu </p>	<p data-bbox="1346 857 1921 1105"> Implantado em um terreno com declive acentuado, a pousada possui um bloco principal, na forma de um T, onde estão inseridas as unidades habitacionais, áreas de serviços e área de alimento e bebida, além de outros 5 blocos, de um pavimento e menor dimensão, nestes funciona o museu, restaurante, engenho de cana e farinha de mandioca, entre outros. </p> <p data-bbox="1346 1138 1921 1419"> A posição do observador é determinante para avaliar a interferência da pousada no entorno imediato, se analisar a partir da via principal, a mesma não se destaca do entorno devido a declividade do terreno e o modo de inserção da pousada, uma vez que o de maior gabarito foi inserido na cota mais baixa, todavia, se analisarmos a partir da praia, o mesmo bloco se desta dos demais edifícios. </p>

Fonte: Autora.

Os aspectos funcionais, socioeconômicos, físico-espaciais, entre outros, levantados durante a visita *in loco* nas pousadas analisadas no Ribeirão da Ilha foram organizados de forma sucinta no Quadro 19.

Quadro 18 - Quadro síntese - Pousadas do Ribeirão da Ilha

POUSADA				Ecomar	Do Museu
ASPECTOS DA PAISAGEM	TOPOGRAFIA	Terreno e entorno plano			
		Outros		Terreno em encosta com acentuada declividade.	Terreno em encosta com acentuada declividade.
USO	DESCRIÇÃO DOS ARREDORES	Predominância de lotes vagos		X	X
		Predominantemente residencial, com edificações de um a dois pavimentos.			
		Próximo a condomínios residenciais com 4 ou mais pavimentos			
		Mista (comercial e residencial)			
SÍTIO E IMPLANTAÇÃO	ENTORNO	DISTÂNCIA DOS PRINCIPAIS PONTOS	Comércio, rua principal, etc.	Menos de 500 m	
				De 500 a 1000 m	
			Mais de 1000 m	X	X
		Praia	Menos de 500 m	X	X
			De 500 a 1000 m		
	Mais de 1000 m				
INSCRIÇÃO EM RELAÇÃO AO ENTORNO	Destaca-se do entorno imediato por apresentar gabarito superior das demais edificações ou/e um estilo arquitetônico diferente.				
	Não se destaca do entorno imediato		X	X	
MODO DE IMPLANTAÇÃO:	Um bloco principal				
	Dois a três blocos		X		
	Mais de três blocos			X	
Segundo os entrevistados, durante a implantação do empreendimento, levou-se em consideração a paisagem?	Sim		X		
	Não			X	
	Parcialmente				
AMBIÊNCIA	PAISAGISMO		Não possui		
			Possui	X	
			Amplamente utilizado		
	ÁREA LIVRE		78%	83%	
	ÁREA DE ESTACIONAMENTO	Dentro do terreno		X	X
Próximo a pousada					
Coberto					
Descoberto		X			
		Misto (Cob./ Descob.)		X	
ORIGEM DA EDIFICAÇÃO	Antiga residência, reformada e/ou ampliada			X	
	Construída pelo proprietário para o atual uso.		X		
	Construída pelo proprietário para outro uso.				
	Já apresentava tal uso.				
FORMAIS E ESPACIAIS:	VOLUMETRIA DO EDIFÍCIO	Linear	X	X	
		Pontual			
		Em bolsa			
		Em "L"			
	CONCEITO/ PARTIDO ARQUITETÔNICO	Estilo diferente do entorno			X
Não é marcante		X			
SETORIZAÇÃO DOS AMBIENTES	Por diferentes blocos			X	
	Por diferentes níveis		X		
	Pela proximidade dos ambientes		X	X	
	Não há setorização				
UNIDADES HABITACIONAIS	NÚMERO TOTAL DE UHS E DE LEITOS		11	12	
	UH ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA		Não	Não	
	QUANTIDADE DE UHS POR TIPO	Standard		9	
		Suítes Luxo			
		Suíte Super Luxo			12
Apartamento					
		Outros tipos	2		

POUSADA			Ecomar	Do Museu	
SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS	SERVIÇOS OFERECIDOS:	Café da manhã	X	X	
		Camareira	X	X	
		Locação de veículos			
		Lavanderia			
		Agendamentos de passeios		X	
		Sistema de internet wireless.	X	X	
	ÁREA SOCIAL:	Outros			
		Sala para jogos e/ou leitura.		X	
		Sala de TV e DVD	X	X	
		Auditório e/ou área para coffe-break	X		
RECREAÇÃO E LAZER:	Computadores para uso dos hóspedes				
	Outros	X			
	Piscina e/ou bar/café	X	X		
CARACTERÍSTICAS QUE SE DESTACAM	Ambientes p/ tratamentos relaxantes				
	Outros			X	
	Arquitetônica	No terreno há três blocos, o principal tira partido do desnível do terreno, outro bloco é a casa do proprietário, está é de tijolo cerâmico aparente, enquanto o chalé dos hóspedes é parte de madeira e parte de alvenaria.	Os edifícios são inspirados no estilo colonial, o bloco principal possui três pavimentos, enquanto os demais são de um pavimento, alguns se assemelham a uma residência, outros, onde está parte do acervo do museu é mais rústico.		
	Funcional/ Uso	Juntamente ao estabelecimento funciona um salão de beleza, que atende ao público e aos hóspedes interessados, e um salão de festa.	Na pousada funciona um museu com foco na cultura açoriana, dentro do acervo está um engenho de cana e de mandioca, há também um restaurante.		
	Ambiência	A prática da jardinagem ocorre nos arredores imediatos dos edifícios, nas demais áreas houve a preservação da densa vegetação nativa.	A prática da jardinagem ocorre nos arredores imediatos dos edifícios, na parte frontal do terreno há um bosque e um orquidário.		
	Processual	A primeira construção no terreno foi a casa do proprietário, depois foi edificada as áreas destinadas à pousada.	Originalmente funcionava como casa de veraneio, ao longo do tempo foi ampliada e transformada em pousada.		
	Sustentabilidade	Separa o lixo.	A pousada possui aquecimento solar, utiliza lâmpadas frias e não faz troca de roupa de cama e banho diariamente.		
	GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	PERÍODO DE FUNCIONAMENTO:	Todo o ano	X	X
			Somente na alta temporada		
		MÊS DE MAIOR OCUPAÇÃO:	Janeiro		Janeiro
MÊS DE MENOR OCUPAÇÃO:		Agosto		Agosto	
VALOR MÉDIO DAS DIÁRIAS:		R\$ 138,00*		180,00 a 135,00 reais (casal - ano todo-baixa desconto)	
TAXA DE OCUPAÇÃO ANUAL MÉDIA:		N.F		28%	
Nº DE EMPREGADOS		Contratam Diaristas			
		Somente a família			
REGULARIZAÇÃO OU ASSOCIAÇÃO EM ÓRGÃOS:		Contratados		X	4 (B) e 12 (A).
		Não			ABIH e POUSAR
PROPRIEDADE FAMILIAR:	Sim		Sim		
OPERA COM CARTÃO DE CRÉDITO?	Sim		Sim		
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS:	Lavanderia e eventos.		Translado.		

Fonte: Autora | *Casal, baixa temporada. | N.F: Não Fornecido. | (B): Baixa Temporada | (A): Alta Temporada

Dentre os aspectos formais e espaciais das pousadas analisadas, destaca-se o gabarito. Ao contrário do que ocorreu nos demais distritos estudados, no Ribeirão da Ilha os blocos principais possuem três pavimentos. Fora dele, esse fato é observado somente na Pousada Praia Campeche.

A edificação onde está implantada a Pousada e Restaurante do Museu era originalmente uma casa de veraneio, que passou por reformas e ampliação para comportar o novo uso. Durante esse processo, conservou-se o estilo original, o colonial, da construção. O empreendimento conta ainda com um museu, que dá nome à pousada, seu acervo é relacionado à cultura açoriana e contém um engenho de cana e de farinha de mandioca.

Em relação à estrutura física, as pousadas oferecem um programa de necessidade bastante enxuto, pois há pouca diversidade de ambientes sociais. Nesses ambientes são realizadas outras funções simultaneamente – por exemplo, a área de TV na pousada Ecomar está no mesmo ambiente em que é servido o café da manhã, enquanto na Pousada e Restaurante do Museu a área de TV é junto à recepção. Também há pouca variedade nas áreas destinadas ao lazer, uma vez que a Pousada Ecomar disponibiliza somente a área da piscina, e a Pousada e Rest. do Museu, o salão de jogos. Em relação às unidades habitacionais, poucas tipologia são oferecidas; apenas a Pousada Ecomar oferece duas UHs completas, com sala, cozinha, quarto e banheiro, que funcionam em um chalé separado do bloco principal.

No tocante ao aspecto da ambiência, pode-se afirmar que o trabalho de jardinagem fica restrito às proximidades dos edifícios; nas demais áreas do terreno, conservou-se a cobertura vegetal, que apresenta espécies de médio a grande porte – ao contrário de outras pousadas analisadas, que trabalharam o paisagismo em todo o terreno.

Contrariamente ao observado no Campeche e no Pântano do Sul, as pousadas do Ribeirão da Ilha funcionam o ano todo e não alugam as UHs por períodos mais longos, por exemplo, mensalmente.

Assim como nos outros distritos analisados, no Ribeirão da Ilha, as pousadas são empresas familiares, que empregam de 1 a 12 funcionários, conforme o estabelecimento e a época do ano.

Após a análise nos três distritos estudados, pode-se afirmar que, entre as pousadas visitadas, as do Ribeirão da Ilha causam maior impacto paisagístico, apesar de ele ainda ser considerado baixo. Isso se deve ao fato de este distrito apresentar menos ocupação, como no caso da Pousada Ecomar, que está implantada numa área em que predomina o vazio urbano, que contrapõe com o bloco principal implantado próximo

à rodovia, o que faz com que este se destaque nesse percurso. Já na Pousada e Restaurante do Museu, apesar de estar numa área mais ocupada, as construções adjacentes são de menor gabarito e não são no estilo colonial; assim, quando vista da praia, a pousada se destaca das demais edificações. Contudo, esses edifícios não sobressaem no *skyline* do distrito, uma vez que este apresenta características morfológicas mais marcantes, além da densa vegetação.

Percebe-se, assim, que as pousadas do distrito de Campeche, do Pântano do Sul e do Ribeirão da Ilha oferecem uma variada gama de configurações espaciais e de serviços aos seus hóspedes, e fica evidente a importância desses estabelecimentos como alternativa de baixo impacto dentre os meios de hospedagem.

5 CONCLUSÕES

O presente trabalho permite afirmar que as pousadas são importantes elementos na atividade turística no município de Florianópolis, principalmente, nos distritos analisados, uma vez que nos meios de hospedagem não se incluem os alojamentos por aluguel de segunda residência⁶², que é a forma de hospedagem mais utilizada nessa região.

A pesquisa bibliográfica permite afirmar que, apesar de o turismo ser um importante elemento na atividade econômica da cidade, a forma como atualmente é desenvolvido deve ser revista, uma vez que suas características, que se aproximam do turismo de massa, não condizem com os aspectos físico-espaciais da Ilha, já que esta apresenta diversos ecossistemas frágeis.

Pesquisas acadêmicas realizadas⁶³ afirmam que, no modelo de desenvolvimento turístico que ocorre no município, restam à maioria da população residente os ônus da atividade turística, como os problemas com falta de infraestrutura (falhas no abastecimento de água, congestionamento no tráfego, entre outros), supervalorização dos preços de produtos e serviços na alta temporada, especulação imobiliária, que resulta em preços abusivos de imóveis e lotes, empregos mal remunerados, entre outros citados ao longo deste estudo.

Dentre os trabalhos estudados, destaca-se de Ouriques (1998), que traz severas críticas sobre o modo que o turismo vem ocorrendo em Florianópolis, com ênfase nos empregos informais, mal remunerados, como os ambulantes que trabalham nas praias, gerados pela atividade turística. Esta, por sua vez, é apresentada por muitos como a salvação socioeconômica do município e de todos os demais destinos turísticos. Esse autor também aborda um delicado tema, que foi tratado em outros estudos, como em Ouriques (2005): a mercadoria-paisagem, pois afirma que a paisagem é utilizada como elemento atrativo do turismo e é “apropriada sem ser propriedade, é consumida sem ser gasta” (OURIQUES, 1998, p. 79). Segundo ele, os atributos paisagísticos não passam de um meio pelo qual se realizam as relações específicas no turismo.

⁶² O aluguel de segunda residência no município é expressivo, porém, conforme explanado ao longo do trabalho, este não as considerou como meio de hospedagem, pois a EMBRATUR assim o faz.

⁶³ Ouriques (1998), Lins (1991) e Bueno (2006).

Lins (1991) levanta outros aspectos importantes no modo como o turismo vem sendo desenvolvido no município; ele alerta para a prática da monocultura turística⁶⁴ implantada na Ilha, que se refere ao fato de muitos estudiosos, políticos e empresários apontarem o turismo como a única opção para a economia de Florianópolis. Segundo esse autor, “a vocação local para o turismo constitui algo irrefutável, mas daí a eleger o setor como a única opção para a economia do município há uma distância que não deve e não pode ser negligenciada” (LINS, 1991, p. 199).

Outro importante dado da pesquisa de Lins (1991) é a tendência de implantação de grandes empreendimentos turísticos, de acordo com padrões internacionais, na perspectiva de desenvolvimento de um turismo extremamente elitizado na Ilha de Santa Catarina. Essa tendência já é presenciada em determinadas áreas da ilha, como o Resort Costão do Santinho. Tais estudos mostram a necessidade de buscar novas formas de desenvolver o turismo no município e, paralelamente, apoiar os meios de hospedagem condizentes com essa nova forma da atividade.

Assim, na busca de um desenvolvimento socioambiental mais sustentável, deve-se buscar a exploração da atividade turística baseando-se nas novas tendências do turismo, como o segmentado, cujas características são: maior valorização da população local, descentralização das atividades, intervenções menos impactantes, entre outras. As pousadas aparecem como meio de hospedagem condizente com a tendência do turismo mundial, bem como as necessidades de uma nova forma de exploração turística para a Ilha de Santa Catarina.

Após a investigação, pode-se afirmar que os turistas que buscam esse tipo de meio de hospedagem são condizentes com o turismo segmentado, sendo predominantemente os alternativos, já analisados ao longo do segundo capítulo. Os proprietários afirmam que a maioria dos hóspedes busca seus estabelecimentos com o objetivo de desfrutar da natureza e de uma paisagem com baixa interferência humana, para contemplá-la de forma romântica, silenciosa, de forma individual ou em pequenos grupos. Assim, não é usual esse tipo de hospedagem receber grandes grupos; apenas a Pousada Santa Ana afirmou trabalhar desta forma (um a dois ônibus), mesmo porque a maioria dos

⁶⁴ “A expressão ‘monocultura turística’ é utilizada pelo professor Eduardo Viola, da UFSC, quando de uma reportagem da revista *Veja* de 10/1/90 sobre ‘A polêmica indústria turística’ em Florianópolis” (LINS, 1991, p. 207).

estabelecimentos não apresenta infraestrutura que comporte esse montante de pessoas.

Desse modo, no contexto socioambiental de Florianópolis, a ocorrência de pousadas aponta para duas áreas de análise.

Na primeira, no aspecto socioeconômico, o presente trabalho, a partir do levantamento em campo e das análises das informações apuradas na área de estudo, permite afirmar que as pousadas são empreendimentos familiares cuja gerência e administração ficam a cargo de um membro da família, o qual, na maioria dos casos, conta com a ajuda dos demais membros para a realização dos serviços. A maioria dos estabelecimentos contrata empregados ao longo do ano de forma sazonal, sendo marcante nas altas temporadas o aumento significativo do número de trabalhadores envolvidos nesse setor. Percebe-se uma desconcentração dos benefícios revertidos aos proprietários dos meios de hospedagem, uma vez que são necessárias várias pousadas para atender à demanda de um único hotel, pois esses estabelecimentos oferecerem menos UHs que os hotéis; assim, ao contrário de um único proprietário ou investidores, vários pequenos proprietários familiares vão ter sua renda complementada ou suprida com a pousada.

As pousadas, por serem conceitualmente estabelecimentos de pequeno porte, possibilitam um tratamento mais pessoal aos hóspedes, permitindo que estes tenham mais contato com a população local.

Outra característica das pousadas que induz à distribuição mais equilibrada dos recursos gastos pelos turistas, assim como maior interação com a população local, é o fato de esses estabelecimentos oferecerem apenas os serviços básicos, obrigando os turistas a satisfazer suas demais necessidades na rede de serviços locais, como restaurantes, lanchonetes, mercados, entre outros.

No aspecto ambiental/paisagístico, ficou comprovado o baixo impacto que as pousadas produzem ao serem implantadas em uma área; dentre os motivos, podemos destacar a descentralização e os estabelecimentos de pequeno porte e que na maioria das vezes apresentam linguagem arquitetônica condizente com o entorno imediato.

A descentralização refere-se ao fato de serem necessárias várias pousadas para suprir a oferta de um hotel, como dito anteriormente. Assim, uma intervenção pontual, de maior porte, é substituída por vários estabelecimentos distribuídos ao longo do território; esse fato induz à diluição do fluxo de pessoas, principalmente dos turistas, o que favorece a não ocorrência de congestionamento; também impede que a infraestrutura de uma determinada região seja sobrecarregada, como, por

exemplo, as vias de acesso, rede de esgoto, abastecimento de água, entre outros.

Os estabelecimentos de menor porte resultam em edificações com baixa diversidade de ambientes e menor área construída. Essas características resultam em construções de menor volume que outros meios de hospedagem, como hotéis e *resorts*; logo, causam menos impacto na paisagem. Após este trabalho, pode-se afirmar que, na maioria dos casos, esses estabelecimentos apresentam características similares às das demais construções do entorno, o que favorece a menor interferência na paisagem.

Assim, por meio da análise da inserção das pousadas nos distritos do Campeche, do Pântano do Sul e do Ribeirão da Ilha, pode-se afirmar que esse tipo de meio de hospedagem causa baixo impacto na paisagem e na comunidade onde está implantada, tornando-se uma alternativa responsável e viável para o desenvolvimento da atividade turística de uma região onde a diversidade e peculiaridades da natureza são um dos principais motivadores da presença dos turistas. Dessa forma, é aconselhável que os órgãos responsáveis tanto pelo planejamento do turismo no município, como os responsáveis por regularizar e apoiar as pousadas, incentivem sua existência, uma vez que a maioria dos proprietários atuais afirmaram não participar de nenhum órgão por falta de incentivo e benefícios oferecidos a eles, o que induz que muitos permaneçam na informalidade.

A respeito da relação das pousadas com seu sítio de implantação, seu programa arquitetônico e suas características formais adotadas, percebe-se que, frequentemente, a caracterização sugerida por Costa *et al.* (2002), que as define como um estabelecimento de pequeno porte, com cara de ambiente doméstico – aproximando-se de uma espécie de casa com acomodações extras para visitantes, é pertinente. Todavia, deve-se salientar que essa descrição é muito genérica, sendo importante esclarecer que, apesar de se tratar de um empreendimento com linguagem arquitetônica similar à dos ambientes domésticos, não é uma residência. Assim, as áreas da residência e as áreas da pousada, apesar de estarem frequentemente no mesmo terreno, e até mesmo no mesmo bloco, não devem ser sobrepostas, uma vez que isso influencia a qualidade e a profissionalização do serviço prestado, bem como restringe a privacidade dos usuários e dos membros da família. Essa inconveniência foi encontrada em alguns estabelecimentos, como na Pousada Sol da Costa.

O programa de necessidades de uma pousada, nos casos estudados, tem sido definido a partir dos tipos e características dos

serviços prestados, resultando em uma gama infinita de possibilidades. Além dos elementos fundamentais elencados por Costa *et al.* (2002): unidades habitacionais (apartamentos ou chalés); recepção/ gerência/ guarda-volumes; restaurantes/local para café da manhã; cozinha/dispensa; sala de estar/ leitura/ TV; e banheiro social/ lavabo, outros são encontrados, principalmente destinados a lazer, recreação e até mesmo a eventos, como o pequeno auditório na Pousada Vento do Sul, ou como na Pousada Zeperrí, onde há um café, que é usado em ocasiões especiais.

Foram encontrados ambientes direcionados a atividades culturais, estas relacionadas com a cultura local, como o espaço de exposição permanente dedicado a Antoine de Saint-Exupéry, na Pousada Zeperrí; a sala que expõe e comercializa trabalhos artesanais locais, na Pousada Moleques do Sul; e o museu da Pousada e Restaurante Museu. Assim, pode-se afirmar que algumas pousadas valorizam e ajudam a divulgar a cultura local, sendo este um importante aspecto social.

De modo geral, os estabelecimentos estudados apresentam características estéticas, elementos de composição de fachada, forma e volumetria, condizentes com a linguagem arquitetônica residencial e, por vez, similares às demais construções adjacentes, o que favorece a inclusão harmoniosa das pousadas no seu entorno imediato.

Durante a realização do levantamento de campo, ficou claro que o termo pousada é utilizado erroneamente por outros estabelecimentos que alugam unidades habitacionais completas (quarto, banheiro, cozinha/sala) por diária. Entretanto, eles não oferecem os serviços obrigatórios de uma pousada, sendo mais pertinente classificá-los como aluguel de segunda residência, pois alugam seus apartamentos por curto período. Tal equívoco deve ser evitado, pois causa confusão aos turistas, além de desvalorizar as verdadeiras pousadas. Percebeu-se também uma variedade na qualidade da infraestrutura e dos serviços oferecidos por esses estabelecimentos, justificando-se, assim, o desenvolvimento mais detalhado e o uso de uma classificação, podendo ser baseada nos critérios sugeridos pela EMBRATUR.

Concluiu-se, assim, que as pousadas são uma alternativa de equipamentos de hospedagem, pois permitem distribuição de benefícios socioeconômicos de modo mais equitativo e sua presença na paisagem (urbana ou natural) é menos impactante. Todavia, para que seu papel nestes dois âmbitos seja mais relevante, deve-se, ainda, aperfeiçoar sua legislação, classificação, e analisar mais criteriosamente seus impactos socioeconômicos – aspecto que neste trabalho foi somente citado de forma superficial, dado o seu enfoque urbano/arquitetônico.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

Ao longo deste trabalho surgiu uma série de caminhos a serem futuramente pesquisados, que completariam as presentes questões. São eles:

- a) Analisar a inserção dos demais meios de hospedagem na paisagem, principalmente em Florianópolis, a fim de realizar uma análise comparativa.
- b) Realizar a taxonomia dos tipos de pousadas existentes no Brasil, a fim de eleger as características em comum que as definam.
- c) Desenvolver um referencial quantitativo e qualitativo para auxiliar no desenvolvimento de projetos arquitetônicos de pousadas, com diretrizes para definir programas de necessidades e pré-dimensionamentos, relacionados aos tipos de pousadas.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria P.; LIMA, Cecília M. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. São Paulo: Proeditores, 1998.

ALCÁNTARA, María C.; LONGA Omaira B. Gestión estratégica de las posadas. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 18-27, maio 1999.

ALVES, Luciano A. *Paisagem e meio ambiente na construção de um projeto urbano para Florianópolis: um estudo do Pântano do Sul*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lucio de; JORGE, Wilson Edson. *Hotel: planejamento e projeto*. 8. ed. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005. 246 p.

ASCANIO, Alfredo. *Turismo e planejamento hoteleiro: avaliação econômica e ambiental*. Campinas: Papirus, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS DE SANTA CATARINA. *Hotéis associados- cidade: Florianópolis*. 2010. Disponível em: < <http://www.abih-sc.com.br/>> Acesso em: mar. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS DE SANTA CATARINA. *Números do setor hoteleiro em SC*. 2010. Disponível em: <http://www.abih-sc.com.br/detalhe.php?cd_article=1224&cd_secao=128&menu=DADOS DA HOTELARIA>. Acesso em: 3 mar. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS DE SANTA CATARINA. *Perfil da Hotelaria de Santa Catarina*. 2007. Disponível em: <www.abih-sc.com.br/detalhe.php?cd_article=1224&cd_secao=128&menu=DADOS DA HOTELARIA>. Acesso em: 3 mar. 2010.

BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 18.ed. Campinas: Papirus, 2009. 160 p. (Coleção Turismo)

BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. *Turismo, políticas públicas e relações internacionais*. Campinas: Papyrus, 2003. 128 p. (Coleção Turismo)

BOLSON, Jaisa H. Gontijo. A importância da paisagem na atividade turística. *Revista Turismo*. Junho de 2004. Disponível em: <www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>. Acesso em: 9 ago. 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. Manual do Pesquisador - Inventário da Oferta Turística: instrumento de pesquisa/Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BUENO, Ayrton Portilho. *Patrimônio paisagístico e turismo na Ilha de Santa Catarina: a premência da paisagem no desenvolvimento sustentável da atividade turística*. 2006. p. 67. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo 2006.

CONSELHO NACIONAL DE TURISMO. Resolução nº 1.118 de 11 de outubro de 1978. Dispõe sobre o regulamento geral para classificação dos meios de hospedagem de turismo. Presidente: Lycio de Faria. *Diário Oficial da União*, Brasília, 9 nov. 1978. Sec I, parte I, p. 18.089/18.101.

COSTA, Silva de Souza; AUTRAN, Margarida. VIEIRA, Silvia Marta. *Pousada: como montar e administrar*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.

DAVIES, Carlos Alberto. *Manual de hospedagem: simplificando ações na hotelaria*. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2003. 233 p.

EMBRATUR. Deliberação Normativa nº 387, de 28 de Janeiro de 1998. Disponível em: <www.mp.sc.gov.br/legisla/fed_ato_port_res/delibera%E7ao/cco_delno_rmat_38798_parte1.htm> Acesso em: 3 mar. 2010.

FAUTH, Gabriela. *Legislação Urbanística e Ocupação do Espaço: Campeche*. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História

e Arquitetura da Cidade) – Centro Tecnológico, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS – IPUF. Mapas dos distritos do Sul da Ilha (Campeche, Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha) CD-ROM, não publicado 2009.

JURDAO ARRONES, Francisco (Org.). *Los mitos del turismo*. Madrid: Endymion, 1992.

LAWSON, Fred. *Hotéis & Resorts: planejamento, projeto e reforma*. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2003. 356 p.

LEÃO, Sílvia Lopes Carneiro. *Hotel: origens e formas atuais*. Caso de Florianópolis-SC. 1995. 217 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

LINS, Hoyedo. Turismo na ilha de Santa Catarina: desenvolvimento e sustentabilidade. In: PRIMEIRA OFICINA DE DESENHO URBANO DE FLORIANÓPOLIS, 1996, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: IPUF/ UFSC, 1996.

LUCHIARI, Maria T. D. P. Urbanização turística: um novo nexu entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloísa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes (Org.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000. p. 105-130.

MARTINS, Paulo Edi Rivero. *Patrones Arquitectónicos y Urbanísticos del Turismo en Florianópolis*. 2004. 384 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Departamento Projectos Arquitectónicos, Universitat Politècnica De Catalunya, Barcelona, 2004.

MENESES, Ulpiano T. B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E (Org.). *Turismo e paisagem*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto., 2002.

MESQUITA, Érika. Um olhar sócio-geográfico sobre o turismo. In: ANPPAS, 2, 2004, Indaiatuba. *Papers Apresentados nos Grupos de Trabalho*.
Disponível em:

<www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT15/erika_mesquita.pdf>. Acesso em: mar. 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE E TURISMO. EMBRATUR – INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO. Deliberação Normativa n.º 429, de 23 de abril de 2002. Regulamento Geral dos Meios de Hospedagem. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/legislacao/downloads_legislacao/Regulamento_geral_meios_hospedagem.pdf>. Acesso em: mar. 2010.

MOLINA, Sérgio. *Fundamentos del nuevo turismo*. 3.ed. México: Centro de Emprendimiento e Innovación, 2005.

NEVES, Paulo César da Fonseca. *Do valor do espaço ao valor no espaço no Distrito Campeche (Florianópolis-SC): Loteamento Novo Campeche e Loteamento Areias do Campeche*. 2003. 115 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

Organização Mundial de Turismo. *Understanding Tourism: Basic Glossary*. Disponível em: <media.unwto.org/en/content/understanding-tourism-basic-glossary>. Acesso em: mar. 2011.

OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas: Alínea Editora, 2005.

OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à “indústria pós-moderna”*. Florianópolis: UFSC, 1998. 150 p.

PELLEGRINO, Paulo R. P. *Paisagem e ambiente*. 1987. Tese de Doutorado, FAU-USP, São Paulo, 1987.

PINTO, Ana Claudia Alves. *Hotel Universal: diretrizes projetuais e de Acessibilidade*. 2007. 180 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PIRES, Mário J. *Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*. 2.ed. Barueri: Editora Manole, 2002.

PIRES, Paulo dos Santos. Caracterização e análise visual da paisagem rural com enfoque turístico – uma contribuição metodológica. *Turismo, Visão e Ação*, ano 4, n. 8, p. 83-97, abr/set. 2001.

PIRES, Paulo dos Santos. Marco metodológico para a aplicação dos estudos da paisagem no planejamento turístico. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4., 2007. *ANPTUR 2007* – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

REJOWSKI, Mirian. (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

REJOWSKI, Mirian; SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, M. (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002. p. 71-115.

ROSA, Rita de Cássia Cordini. *Impacto do cultivo de mexilhões nas comunidades pesqueiras de Santa Catarina*. 1997. 183 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Aqüicultura) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

RUSCHMANN, Doris. Turismo sustentado para preservação do patrimônio ambiental. *Turismo em Análise*, São Paulo, ECA/ USP, v. 3, n. 1, maio, 1992.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310. 2002.

SANCHO, Amparo (Dir.). *Introdução ao turismo: Organização Mundial do Turismo*. São Paulo: Roca, 2001. 371 p.

SANTA CATARINA TURISMO; SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE; DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO. *Pesquisa Mercadológica Estudo da Demanda Turística: Sinopse Comparativa 2004, 2005 e 2006 janeiro/fevereiro*. 2006. 18 p. Disponível em: < www.santur.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=51&Itemid=99999999>. Acesso em: mar. 2010.

SANTA CATARINA TURISMO; SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE; DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO. *Pesquisa Mercadológica Estudo da Demanda Turística: Sinopse Comparativa 2006, 2007 e 2008* janeiro/fevereiro. 2008. 18 p. Disponível em: <www.santur.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=45&Itemid=215>. Acesso em: mar. 2010.

SANTANA, Elena Maria Vidigal. *Turismo: Importância e características de seus consumidores no município de Viçosa*. 1996. 116 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1996.

SANTOS, Fabíola M.; PEREIRA, Raquel M. F. A. Análise histórico-espacial do setor hoteleiro no núcleo urbano central de Florianópolis-SC. *GEOSUL*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 115-135, jul./dez., 2008. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12504/11728>. Acesso em: abr. 2011.

SEBRAE (2011) Disponível em: <www.sebrae.com.br> Acesso em: jun. 2011.

SERRENO, Celia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Org.). *Olhares Contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000.

YÁZIGI, E. (Org.). *Turismo e paisagem*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto. 2002.

ZANELLA, Liane C. H.; ANGELONI, Maria T. Pousadas - uma alternativa criativa de hospedagem. *Turismo - Visão e Ação*, v. 8, n. 2, p. 253-271, maio/ago., 2006. Disponível em: <www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/258/215>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Sites oficiais das Pousadas:

Pousada Brisa do Mar. Disponível em: <www.pousadabrisasdomar.com/apartamento_vista.html>. Acesso em: 15 mar. 2010.

Pousada da Praia. Disponível em: <www.pousadasdefloripa.com.br/pousadadapraia/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada do Capitão. Disponível em: <<http://www.pousadadocapitaofloripa.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

Pousada do Pescador. Disponível em: <www.pousadadopescador.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada Drops de Aniz. Disponível em: <www.pousadasdefloripa.com.br/dropsdeaniz/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada e Restaurante do Museu. Disponível em: <www.pousadadomuseu.com.br/>. Acesso em: jul. 2011.

Pousada Ecomar. Disponível em: <www.pousadaecomar.com.br/> Acesso em: jul. 2011.

Pousada Moleques do Sul. Disponível em: <www.molequesdosul.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada Natur Campeche. Disponível em: <www.naturcampeche.com.br/>. Acesso em 29 mar. 2010.

Pousada Novo Campeche. Disponível em: <www.novocampeche.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2010.

Pousada Pau de Canela. Disponível em: <www.pousadapaudecanela.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2010.

Pousada Penareia. Disponível em: <www.pousadapenareia.com.br/>. Acesso em. 30 nov. 2010.

Pousada Portal do Sul. Disponível em: <www.portalsul.com.br/home.php>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada Praia Campeche. Disponível em: <www.praiacampeche.com.br/portugues/index.htm>. Acesso em: 10 mar. 2010.

Pousada Santa Ana. Disponível em: <www.pousadasantaana.com.br/pt/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada Vento do Sul. Disponível em: <www.pousadaventosul.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

Pousada Vila Harmonia. Disponível em: <www.pousadasdefloripa.com.br/vilaharmonia2/>. Acesso em: 15 mar. 2010.

Pousada Vila Tamarindo. Disponível em: <www.tamarindo.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2010.

Pousada Zepferri. Disponível em: <www.zepferri.com.br/galeria.htm>. Acesso em 29 mar. 2010.

ANEXO 1:

A seguir são apresentadas as principais características que definem a classificação de um hotel simples - padrão 1 estrela, conforme a Deliberação Normativa nº 387, de 28 de Janeiro de 1998, da EMBRATUR.

Os itens de obrigatoriedade estão assinalados com o símbolo (✓)

1.	ITENS GERAIS	1 ☆
1.1	POSTURAS LEGAIS	
1.1.1	Posturas municipais, estaduais e federais aplicáveis, comprovadas pelos registros, inscrições e documentações exigidos, especialmente com referência a “Habite-se”, “Alvará de Localização e Funcionamento”, e prova de regularidade perante as autoridades ambientais, sanitárias e concessionárias de serviços públicos	✓
1.1.2	Legislação quanto à proteção contra incêndio, dispondo de equipamentos e instalações exigidos pelas autoridades competentes e prevendo rotas de fuga, iluminação de emergência e providências em situações de pânico	✓
1.1.3	Elevadores para passageiros e para carga/serviço em prédio de quatro ou mais pavimentos, inclusive o térreo, ou conforme as posturas municipais	✓
1.1.4	Exigências da legislação trabalhista, especialmente no que se refere a vestiários, sanitários e local de refeições de funcionários e Comissões de Prevenção de Acidentes – CIPA	✓
1.1.5	Exigências da EMBRATUR, constantes da legislação de turismo, referentes a:	
	a) registro do hóspede, por intermédio de Ficha Nacional de Registro de Hóspedes – FNRH	✓
	b) fornecimento mensal do Boletim de Ocupação Hoteleira - BOH, preenchido	✓
	c) fornecimento de Cartão do Estabelecimento com o nome do hóspede e período da hospedagem	✓
	d) placa de classificação fixada no local determinado pela EMBRATUR	✓
	e) divulgação e explicitação dos compromissos recíprocos para com o hóspede através de:	
	e.1) regulamento Interno, com direitos e deveres do	✓

	hóspede	
1.1.6	e.2) serviços e preços oferecidos, incluídos, ou não, na diária, divulgados na forma da legislação	✓
	f) meios para pesquisar opiniões e reclamações dos hóspedes e solucioná-las	✓
	Facilidades construtivas, de instalações e de uso, para portadores de deficiência, de acordo com a NBR 9050 - 1994, em prédio com projeto de arquitetura aprovado pela Prefeitura Municipal, como meio de hospedagem, após 12 de agosto de 1987. NOTA: No caso de projetos anteriores, o Meio de Hospedagem deverá dispor de sistema especial de atendimento	✓
1.2	SEGURANÇA	
1.2.1	Meios para controle do uso dos cofres	
1.2.2	Circuito interno de TV ou equipamento de segurança similar	
1.2.3	Gerador de emergência com partida automática	
1.2.4	Rotas de fuga sinalizadas nas áreas sociais e restaurantes	
1.2.5	Aspectos construtivos de segurança (piso antiderrapante, parapeitos e outros)	✓
1.2.6	Meios de controle de entrada e saída:	
	a) das pessoas nas UH e de acesso ao setor habitacional	✓
	b) de veículos no estabelecimento	
1.2.7	Serviço de segurança no estabelecimento, por intermédio de:	
	a) pessoal com formação adequada, próprio ou contratado, e com dedicação exclusiva	
	b) vigia (admite-se acúmulo de funções)	✓
1.2.8	Preparo para lidar com situações de incêndio e pânico (assalto, explosão, inundação e outros)	
	a) com equipes predeterminadas, com treinamento específico (Brigadas)	
	b) com treinamento geral do pessoal	✓
1.2.9	Cobertura contra roubos, furtos e responsabilidade civil, divulgando-a ao hóspede	
1.3	SAÚDE/ HIGIENE	
1.3.1	Equipamentos de Primeiros Socorros	✓
1.3.2	Serviço de atendimento médico de urgência	✓
1.3.3	Tratamento de resíduos	✓

1.3.4	Imunização permanente contra insetos e roedores	✓
1.3.5	Higiene do ambiente, das pessoas e dos serviços	✓
1.3.6	Higienização do alimento “in natura” antes do armazenamento	
1.3.7	Esterilização de equipamentos (roupas de cama/mesa/banho; louças e talheres; sanitários)	✓
1.3.8	Tratamento / filtragem de água	✓
1.4	CONSERVAÇÃO/ MANUTENÇÃO	
1.4.1	Programas de prevenção e controle para conservação/manutenção	
1.4.2	Oficina de manutenção	
1.4.3	Todas as áreas em condições adequadas de conservação/manutenção	✓
1.4.4	Todos os equipamentos e instalações em estado de manutenção adequado e dentro do prazo de vistoria	✓
1.4.5	Todos os revestimentos em estado de conservação e manutenção adequados	✓
1.5	ATENDIMENTO AO HÓSPEDE	
1.5.1	Instalações e equipamentos com nível de informatização capaz de assegurar maior comodidade aos hóspedes	
1.5.2	Abertura de cama	
1.5.3	Roupa lavada e passada no mesmo dia	
1.5.4	Incentivo à produtividade e à qualidade, pela adoção de políticas voltadas para:	
	a) cativar, satisfazer e atrair a lealdade do cliente	
	b) reconhecimento às equipes de melhor desempenho	
	c) promoção e marketing para aumento das taxas de ocupação e permanência do hóspede, especialmente na baixa estação	
1.5.5	Atendimento especial para autoridades e personalidades	
1.5.6	Facilidades de atendimento para minorias especiais (fumantes, idosos, portadores de deficiência, alimentação especial, etc.)	
1.5.7	Detalhes especiais de cordialidade no atendimento	
1.5.8	Qualificação mediante critérios específicos dos funcionários bilingues	
1.5.9	Qualificação mediante critérios específicos dos funcionários que interagem com o público	
1.5.10	Treinamento e orientação do pessoal	✓
1.5.11	Presteza e cortesia	✓

1.5.12	Serviço de despertador	✓
1.5.13	Monitoramento das expectativas e impressões do hóspede, incluindo meios para pesquisar opiniões, reclamações e solucioná-las	✓
1.5.14	Identificação adequada para os fornecedores de serviços	
1.5.15	Apresentação, vestimenta e identificação adequadas para os empregados	
1.5.16	Serviços de reserva:	
	a) no período de 24 horas	
	b) no período de 16 horas por dia	
	c) no período de 12 horas por dia	✓
1.5.17	Serviço de recepção:	
	a) no período de 24 horas	
	b) no período de 16 horas por dia	
	c) no período de 12 horas por dia	✓
1.5.18	Serviço de mensageiro:	
	a) no período de 24 horas	
	b) no período de 16 horas por dia	
	c) no período de 12 horas por dia	
1.5.19	Serviço de limpeza:	
	a) no período de 24 horas	
	b) no período de 16 horas por dia	
	c) no período de 12 horas por dia	✓
1.5.20	Serviço de arrumação:	
	a) no período de 24 horas	
	b) no período de 16 horas por dia	
	c) no período de 12 horas por dia	✓
1.5.21	Serviço de manutenção:	
	a) no período de 24 horas	
	b) no período de 16 horas por dia	
	c) no período de 12 horas por dia	
1.5.22	Serviço de telefonia:	
	a) no período de 24 horas	
	b) com uma telefonista bilingue, por turno	
1.5.23	Serviço de governança: no período de 24 horas	
1.5.24	Serviço de refeições leves e bebidas nas Unidades Habitacionais (“room service”): no período de 24 horas	
1.5.25	Serviço de manobra e estacionamento de veículos por funcionário habilitado: no período de 24 horas	
1.5.26	Divulgação dos compromissos e serviços oferecidos ao	✓

	hóspede (ver item 1.1.5.” e”)	
2	ITENS ESPECÍFICOS	
2.1	PORTARIA/ RECEPÇÃO	
2.1.1	Área ou local específico para o serviço de portaria/recepção/“lobby”	✓
2.1.2	Local ou espaço para guarda de bagagem	
	a) fechado	
	b) não necessariamente fechado	✓
2.1.3	Escaninhos individuais para correspondência	
2.1.4	Local próprio para recados	✓
2.1.5	Sistema adequado de envio/recebimento de mensagens	
2.1.6	Serviço de guarda de bagagem	
2.1.7	Política própria, definida para “check in/check out”, que estabeleça orientação específica para impedir:	✓
	a) qualquer forma de discriminação (racial, religiosa e outras)	
	b) uso do estabelecimento para exploração sexual, de menores e outras atividades ilegais	
2.1.8	Equipamentos informatizados de controle, permitindo eficácia no “check in/check out”	
2.1.9	Pessoal apto a prestar informações e serviços de interesse do hóspede, com presteza, eficiência e cordialidade:	✓
	a) sob supervisão permanente de gerente ou supervisor capacitado	
	b) falando fluentemente (mínimo de uma pessoa em cada turno) na portaria/recepção, pelo menos:	
	b1) duas línguas estrangeiras	
	b2) uma língua estrangeira	
2.1.10	Informações e folhetos turísticos	
2.1.11	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	✓
2.2	ACESSOS E CIRCULAÇÕES	
2.2.1	Áreas adequadas e específicas para acesso e circulação fáceis e desimpedidas nas dependências do estabelecimento, inclusive para portadores de deficiência.	✓
2.2.2	Entrada de serviço independente	
2.2.3	Identificação do acesso/circulação para orientação dos banhistas	
2.2.4	Sistema de sinalização interno que permita fácil acesso e circulação por todo o estabelecimento	

2.2.5	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	✓
2.3	SETOR HABITACIONAL	
2.3.1	Todas as salas e quartos das UH com iluminação natural e ventilação adequada	✓
2.3.2	Todas as UH deverão ter banheiros privativos com ventilação direta para o exterior ou forçada através de duto	✓
2.3.3	Facilidades de informatização/mecanização, nas UH	
2.3.4	Quarto de dormir com menor dimensão igual ou superior a 2,50 m e área igual ou superior a (em no mínimo 90% das UH):	
	a) 16,00 m ²	
	b) 14,00 m ²	
	c) 12,00 m ²	
	d) 10,00 m ²	
	e) 9,00 m ²	✓
2.3.5	Banheiro com área igual ou superior a (em no mínimo 90% das UH):	
	a) 4,00 m ²	
	b) 3,30 m ²	
	c) 3,00 m ²	
	d) 2,30 m ²	
	e) 1,80 m ²	✓
2.3.6	UH do tipo suíte com sala de estar de área igual ou superior a:	
	a) 11,00 m ²	
	b) 10,00 m ²	
	c) 9,00 m ²	
	d) 8,00 m ²	
2.3.7	UH do tipo suíte e/ou unidades conversíveis em suítes	
2.3.8	Portas duplas de comunicação entre UH conjugáveis	
2.3.9	Tranca interna nas UH	✓
2.3.10	Rouparias auxiliares no setor habitacional	
2.3.11	Local específico para material de limpeza	
2.3.12	Condicionador de ar em 100% das UH	
2.3.13	TV em cores em 100% das UH, com TV por assinatura a cabo ou por antena parabólica	
2.3.14	TV em cores em 100% das UH	
2.3.15	Minirefrigerador abastecido em 100% das UH	
2.3.16	Água mineral disponível na UH	✓

2.3.17	Café da manhã no quarto, por comanda personalizada	
2.3.18	Armário, closet ou local específico para guarda de roupa em 100% das UH	✓
2.3.19	Mesa de cabeceira simples para cada leito ou dupla entre dois leitos, ou equipamento similar, em 100% das UH	
2.3.20	Lâmpada de leitura junto às cabeceiras em 100% das UH	
2.3.21	Sonorização controlada pelo hóspede em 100% das UH	
2.3.22	Comando de aparelhos de som, ar-condicionado, luz e TV na cabeceira das camas em 100% das UH	
2.3.23	Ramais telefônicos em 100% das UH	
2.3.24	Interfones em 100% das UH	
2.3.25	Porta-malas em:	
	a) 100% das UH	
	b) 50% das UH	
2.3.26	Cortina ou similar em 100% das UH	
2.3.27	Vedação opaca nas janelas em 100% das UH	
2.3.28	Mesa de refeições com um assento por leito em 100% das UH	
2.3.29	Mesa de trabalho com iluminação própria e ponto de energia e telefone, possibilitando o uso de aparelhos eletrônicos pessoais	
2.3.30	Espelho de corpo inteiro em 100% das UH	
2.3.31	Cofres para guarda de valores para 100% das UH	
2.3.32	Camas com dimensões superiores às normais e travesseiros antialérgicos	
2.3.33	Acessórios básicos em 100% das UH (sabonete, dois copos, cinzeiro, cesta de papéis do banheiro)	✓
2.3.34	Água quente em 100% das UH:	
	a) em todas as instalações	
	b) no chuveiro e lavatório	
	c) no chuveiro	✓
2.3.35	Lavatório com bancada e espelho em 100% das UH	
2.3.36	Bidê ou ducha manual em 100% das UH	
2.3.37	Índice de iluminação suficiente para uso do espelho do banheiro, em 100% das UH	
2.3.38	Tomada à meia altura para barbeador em 100% das UH	
2.3.39	Indicação de voltagem das tomadas em 100% das UH	✓
2.3.40	Extensão telefônica em 100% dos banheiros das UH	
2.3.41	Box de chuveiro com área igual ou superior a 0,80 m ² em 100% das UH	

2.3.42	Banheira em 30% das UH	
2.3.43	Vedação para o box em 100% das UH	✓
2.3.44	Suporte ou apoio para produtos de banho, no box, em 100% das UH	
2.3.45	Acessórios complementares (material para escrever, saco de roupa para lavanderia, fósforos, polidor de sapatos e cesta de papéis do quarto da UH)	
	a) em 100% das UH	
	b) disponibilizados para uso do hóspede	
2.3.46	Outros acessórios em 100% das UH (touca de banho, escova e pasta de dentes, shampoo, creme condicionador, creme hidratante, secador de cabelos, roupão, espelho com lente de aumento, lixa, cotonete, espuma de banho, sais de banho, etc.)	
	a) mínimo de seis	
	b) mínimo de quatro	
2.3.47	Revestimentos, pisos, forrações, mobiliários e decoração com equipamentos de primeira linha	
2.3.48	Limpeza diária	✓
2.3.49	Frequência de troca de roupas de cama a cada mudança de hóspede e:	
	a) diariamente	
	b) em dias alternados	
	c) duas vezes por semana	✓
2.3.50	Frequência de troca de roupas de banho a cada mudança de hóspede e:	
	a) diariamente	
	b) em dias alternados	
	c) duas vezes por semana	✓
2.3.51	Serviço “Não perturbe”, “Arrumar o quarto imediatamente”	
2.3.52	Detalhes especiais de cordialidade	
2.3.53	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	✓
2.4	ÁREAS SOCIAIS	
2.4.1	Relação de áreas sociais por UH (não incluída a circulação) de:	
	a) 2,00 m ²	
	b) 1,50 m ²	
	c) 1,00 m ²	
	d) 0,50 m ²	✓

2.4.2	Banheiros sociais, masculino e feminino, separados entre si, com ventilação natural ou forçada, com compartimento especial, adaptado para portadores de deficiência, respeitando as normas e leis em vigor	
2.4.3	Elevador social em prédio de dois ou mais pavimentos	
2.4.4	Estacionamento com número de vagas igual ou superior a 10% do número total de UH com local apropriado para embarque/desembarque de portadores de deficiência, devidamente sinalizada, prevendo manobreiro	
2.4.5	Ar-condicionado nas áreas sociais	
2.4.6	Revestimentos, pisos, forrações, mobiliários e decoração com materiais de primeira linha	
2.4.7	Música ambiente nas áreas sociais	
2.4.8	Tratamento paisagístico	
2.4.9	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	✓
2.5	COMUNICAÇÕES	
2.5.1	Equipamento telefônico nas áreas sociais	✓
2.5.2	Local apropriado para ligações telefônicas nas áreas sociais, com privacidade	
2.5.3	Central telefônica, com ramais em todos os setores	
2.5.4	Serviço telefônico eficaz, com equipamento apropriado	✓
2.5.5	Equipamento para fax	
2.5.6	Qualificação dos operadores de telefonia	
2.6	ALIMENTOS E BEBIDAS	
2.6.1	Área de restaurante compatível com a quantidade de UH, de no mínimo 1,00 m ² por lugar, com ambientes distintos e acessíveis para pessoas em cadeiras de rodas	
2.6.2	Ambiente para café da manhã/refeições leves	
2.6.3	Mínimo de um ambiente de bar	
2.6.4	Área da cozinha compatível com a área do restaurante	
2.6.5	Copa central para o preparo de lanches e café da manhã	
2.6.6	Despensa para abastecimento diário da cozinha	
2.6.7	Condicionador de ar nos restaurantes, bares e outros	
2.6.8	Aparador	
2.6.9	Toalhas e guardanapos de tecido	
2.6.10	Baixelas e talheres de prata, inox, ou material equivalente	
2.6.11	Pratos de porcelana ou equivalente de primeira linha	
2.6.12	Copos tipo cristal	
2.6.13	Câmaras frigoríficas ou equipamento similar	

2.6.14	Sistema de exaustão mecânica no ambiente	
2.6.15	Equipamento para preparo de alimentos (cocção, assar)	
2.6.16	Telas nas áreas de serviço com aberturas para o exterior	✓
2.6.17	Critérios específicos de qualificação do cozinheiro	
2.6.18	Critérios específicos de qualificação do “barman”	
2.6.19	Serviço de alimentação com qualidade e em níveis compatíveis com a categoria do estabelecimento, no:	
	a) almoço e jantar, de padrão internacional, no restaurante principal	
	b) café da manhã e nas refeições leves eventualmente oferecidas	✓
2.6.20	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	✓
2.7	LAZER	
2.7.1	Sala de ginástica / musculação com instrutor	
2.7.2	Piscina com guarda-vidas, verificando-se condições locais e específicas	
2.7.3	Sauna seca ou a vapor, com duchas e sala de repouso	
2.7.4	Equipamentos de ginástica	
2.7.5	Ambiente reservado para leitura, visitas, jogos e outros	
2.7.6	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	
2.8	REUNIÕES/ ESCRITÓRIO VIRTUAL	
2.8.1	Ambiente adequado para reuniões/escritório virtual	
2.8.2	Equipamentos para reuniões/escritório virtual	
2.8.3	Qualidade dos serviços prestados (“coffee break” e outros)	
2.8.4	Ambientação/conforto/decoração compatíveis com a categoria	
2.9	SERVIÇOS ADICIONAIS	
2.9.1	Ambientes, instalações e/ou equipamentos adequados destinados a salão de beleza, “baby-sitter”, venda de jornais e revistas, “drugstore”, loja de conveniência, locação de automóveis, reserva em espetáculos, agência de turismo, câmbio, transporte especial e outros: mínimo de seis mínimo de três	
2.9.2	Critérios específicos de qualificação dos concessionários	
2.9.3	Divulgação dos serviços disponibilizados	
2.9.4	Ambiente, instalações e equipamentos adequados para eventos e banquetes	


ANEXO 2:


Ficha individual utilizada durante o levantamento de campo.

Nome:				
Endereço:				
Regularização ou associação em órgãos (sindicados, Embratur, Prefeitura, etc):			Início da Atividade:	
SÍTIO E IMPLANTAÇÃO	DESCRIÇÃO DOS ARREDORES E DISTÂNCIA DOS PRINCIPAIS PONTOS:			
	MODO DE IMPLANTAÇÃO:			
	VISUAIS; ORIENTAÇÃO SOLAR			
ORIGEM DA EDIFICAÇÃO (Descobrir se a edificação era uma residência e foi reformada, se foi construída pelo proprietário, ou se já apresentava tal uso).				
FORMAIS E ESPACIAIS:	DISPOSIÇÃO DOS AMBIENTES; VOLUMETRIA DO EDIFÍCIO; CONCEITO/ PARTIDO ARQUITETÔNICO ADOTADO; SISTEMA DE CIRCULAÇÃO; SETORIZAÇÃO; ENTRE OUTROS.			
GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	PERÍODO DE FUNCIONAMENTO: (Se funciona todo o ano, ou só em alta temporada)		Nº DE EMPREGADOS	
	MÊS DE MAIOR OCUPAÇÃO:		MÊS DE MENOR OCUPAÇÃO:	
	VALOR MÉDIO DAS DIÁRIAS: (Informar a composição básica da diária e o que está ou não incluído).		TAXA DE OCUPAÇÃO ANUAL MÉDIA:	

UNIDADES HABITACIONAIS	NÚMERO TOTAL DE UHS E DE LEITOS		EXISTÊNCIA DE UH ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
	QUANTIDADE DE UHS POR TIPO E AS FACILIDADES OFERECIDAS EM CADA UMA			
SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS	SERVIÇOS OFERECIDOS:			
	ÁREA SOCIAL:			
	RECREAÇÃO E LAZER:			
AMBIÊNCIA	PAISAGISMO			
	ÁREA DE ESTACIONAMENTO			
	CARACTERÍSTICAS QUE SE DESTACAM			

Exemplo do modo de preenchimento das fichas individuais das pousadas - Pousada Natur.

	<p>Nome: Pousada Natur Endereço: Servidão Nunes, 59, Campeche. Início da Atividade: 20 anos de empresa. Site oficial: www.naturcampeche.com.br</p>	
<p>SÍTIO E IMPLANTAÇÃO</p>	<p>DESCRIÇÃO DOS ARREDORES E DISTÂNCIA DOS PRINCIPAIS PONTOS (comércio, rua principal, praia, etc):</p>	<p>Localizada em uma rua com predominância de edificações residenciais de um a dois pavimentos. A aproximadamente 265 m de distância do mar e a 380 m da Avenida Pequeno Príncipe. Ver figura 1 e 2.</p>
	<p>MODO DE IMPLANTAÇÃO:</p>	<p>A pousada é composta por dois blocos retangulares, separados pela área de estacionamento para clientes que estejam realizando <i>check-in</i> ou <i>check-out</i> ou visitantes. O estacionamento dos clientes é descoberto e situa-se em uma das laterais do terreno. A pousada conta ainda com área para compostagem e separação do lixo. (Ver Figura 3)</p>
	<p>VISUAIS; INSERÇÃO NO TERRITÓRIO; ORIENTAÇÃO SOLAR</p>	<p>Os blocos possuem considerável distância entre si, que originam áreas ocupadas ora pelo estacionamento, ora pela vegetação densa. A vegetação, aparentemente interfere na insolação das unidades habitacionais térreas.</p>
	<p>Durante a implantação do empreendimento, levou-se em consideração a paisagem?</p>	<p>Quando questionado o proprietário afirmou ter levado em consideração a sustentabilidade do empreendimento, porém não respondeu sobre a paisagem. O modo de implantação e de inserção leva a autora a crer que a paisagem não tenha sido um dos fatores considerados durante a implantação do empreendimento. Em outro trecho da entrevista, o proprietário caracteriza a pousada como uma “ilha de tranquilidade” transparecendo assim, a falta de relação com o entorno e a busca pelo isolamento do empreendimento.</p>
<p>ORIGEM DA EDIFICAÇÃO (Descobrir se a edificação era uma residência e foi reformada, se foi construída pelo proprietário, ou se já apresentava tal uso).</p>	<p>A pousada foi constituída a partir de três intervenções para ampliação em épocas diferentes. Todavia, segundo o proprietário havia um planejamento global. A última ampliação foi a aquisição e reforma total de uma residência vizinha, as demais foram construídas com a finalidade de ser pousadas.</p>	
<p>FORMAIS E ESPACIAIS:</p>	<p>DISPOSIÇÃO DOS AMBIENTES; VOLUMETRIA DO EDIFÍCIO; CONCEITO/</p>	<p>No bloco a esquerda da entrada, encontra-se a área administrativa, de serviço e alimentos, e algumas unidades habitacionais. Enquanto na outra, além da UH's estão implantados os ambientes de recreação e para eventos. Este primeiro edifício apresenta algumas características arquitetônicas</p>

	PARTIDO ARQUITETÔNICO ADOTADO; SISTEMA DE CIRCULAÇÃO; SETORIZAÇÃO; ENTRE OUTROS.	interessantes, como áreas ora com dois pavimentos, ora com um, pátio central descoberto com intensa vegetação, sendo que a circulação interna do edifício ocorre ao redor deste pátio.		
UNIDADES HABITACIONAIS	NÚMERO TOTAL DE UHS E DE LEITOS	21	EXISTÊNCIA DE UH ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	Não. Já recebeu pessoas com deficiência física no piso térreo.
	QUANTIDADE DE UHS POR TIPO E AS FACILIDADES OFERECIDAS EM CADA UMA <small>(se tem banheiros coletivos, eletrodomésticos, etc).</small>	07- Apartamentos Standard- composto de quarto, banheiro e sacada ou jardim privativo. 10- Suítes temáticas- (possuem temas como México, Marrocos, Grécia, Floripa, etc.) 04- Suítes Luxo- possuem banheira de hidromassagem p.s: Todas possuem ar condicionado, TV com parabólica, internet wireless, frigobar.		
SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS	SERVIÇOS OFERECIDOS:	Café da manhã, com produtos todos caseiros. Camareira. Serviço de lavanderia. Orienta os hóspedes sobre os pontos turísticos da cidade, cultura, lazer, assim como os melhores restaurantes. Alguns funcionários falam vários idiomas,		
	ÁREA SOCIAL:	Salas de estar, de leitura, jogos e biblioteca, área para eventos.		
	RECREAÇÃO E LAZER:	Piscina, sauna, hidromassagem com água quente no exterior, espaço holístico		
AMBIÊNCIA	PAISAGISMO	Paisagismo denso e variado, com a utilização de vários tipos de plantas adaptadas ao solo, são espécies de plantas tropicais e de várias outras regiões. A vegetação é utilizada ao longo dos caminhos sinuosos para pedestre que interliga a área de estacionamento de <i>check-in</i> e <i>check-out</i> ao estacionamento para os hóspedes (figura 4), passando pela área recreativa e lazer, ao longo dele foi criado recantos, com áreas de permanência com redes, cadeira de balanço, iluminação apropriada. A vegetação também é utilizada para aumentar a privacidade em alguns apartamentos térreos, que possuem jardins privativos. O paisagismo foi desenvolvido, segundo o proprietário para estimular a tranquilidade, com o conceito de ser “uma grande ilha de tranquilidade”.		
		Figura 4: Densa vegetação e caminho sinuosos. Fonte: Acervo pessoal da autora. Março 2010.		

	ÁREA DE ESTACIONAMENTO (Se é expressivo o número de ônibus que abriga, se é coberto, etc.)	Subdividido em duas áreas, uma próxima à recepção para os clientes utilizarem enquanto realizam o <i>check-in</i> e <i>check-out</i> . A outra está em uma das laterais do terreno é utilizado durante a estadia do hóspede, sendo descoberta e não possui pavimentação (cobertura do solo de areia).		
CARACTERÍSTICAS QUE SE DESTACAM		A ampla utilização de vegetação, a forma de distribuição dos ambientes, as circulações abertas, traz aos usuários, tranquilidade e a sensação de estar próximo à natureza. Além de possuir uma significativa diversidade de equipamentos para lazer e recreação.		
GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	PERÍODO DE FUNCIONAMENTO: (Se funciona todo o ano, ou só em alta temporada)	Todo o ano.	Nº DE EMPREGADOS	Vária de 9 a 17.
	MÊS DE MAIOR OCUPAÇÃO:	Janeiro/ Fevereiro.	MÊS DE MENOR OCUPAÇÃO:	Junho e Agosto.
	VALOR MÉDIO DAS DIÁRIAS: (Informar a composição básica da diária e o que está ou não incluído).	R\$ 244,00 a R\$ 308,00 no período de média temporada (o casal). p.s: R\$ 416,66 (o casal na alta temporada)	TAXA DE OCUPAÇÃO ANUAL MÉDIA:	30% anual.
GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	REGULARIZAÇÃO OU ASSOCIAÇÃO EM ÓRGÃOS (sindicados, Embratur, Prefeitura, etc):	Sim. ABIH (local e nacional), Florianópolis <i>Convention & Visitors</i> , Pousadas de Florianópolis, entre outras.	PROPRIEDADE FAMILIAR OU DE UMA EMPRESA: (Se é gerida pela própria família ou tem gestão profissional- gerente contratado).	Propriedade familiar.
	Opera com cartão de crédito?	Sim. Todos.	SERVIÇOS TERCEIRIZADOS: (Lavanderia, jardineiro, etc.)	Não.

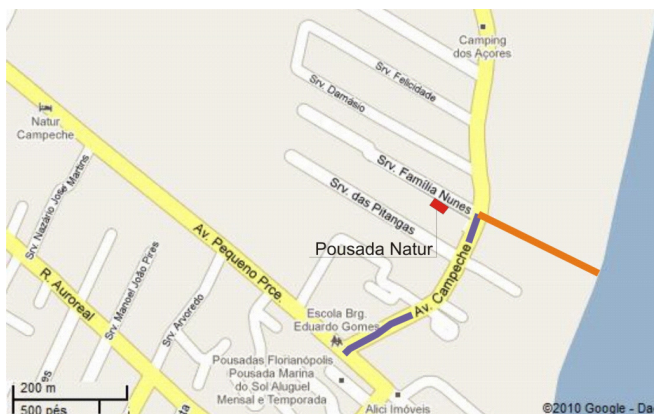
OBSERVAÇÕES:

-Está ligado em alguns seguimentos, com Eco-aventura, esportes, GLS *friends*, lua-de-mel.
- Segundo o proprietário a taxa de ocupação média anual é de 30%, o que para a região de

Campeche ainda é uma média baixa, todavia passa por um crescimento.
- Conforme o proprietário, o empreendimento faz parte de um programa de turismo sustentável, desde o ponto de vista de responsabilidade social até o ambiental. Faz usos de energia solar, utiliza lâmpada fria,

áreas permeáveis, plantas adaptadas ao tipo de solo, realizam compostagem do lixo, revende o lixo reciclado, entre outros.

SITUAÇÃO:



- Percurso entre a Pousada Natur e Av. Pequeno Príncipe - 380 m
- Distância entre a Pousada Natur e a Praia do Campeche- 265 m

Figura 1: Situação da Pousada Natur na malha urbana, com as distâncias até as principais vias de Campeche e do mar.

Fonte: Google Maps. Alterado pela autora. Março 2010

ENTORNO IMEDIATO:



- Pousada Natur
- Residência Unifamiliar 1-2 pavimentos.

Figura 2: Entorno na Natur.

Fonte: Google Maps. Alterado pela autora. Março 2010

ESQUEMA DE IMPLANTAÇÃO/ SETORIZAÇÃO:

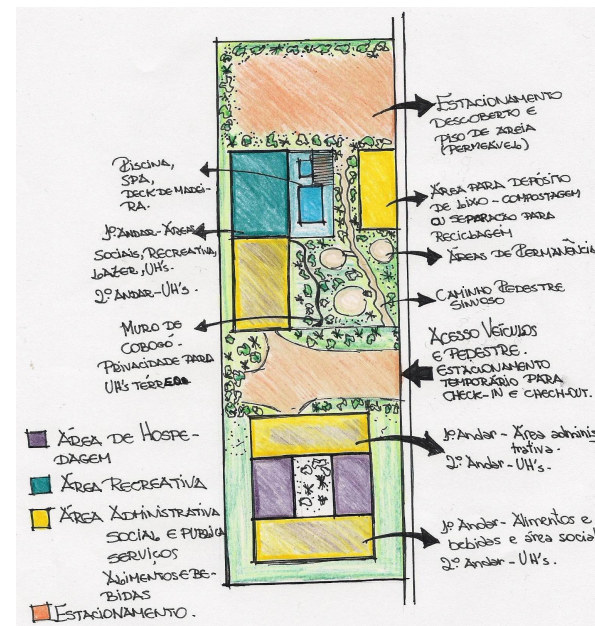


Figura 3: Esquema de implantação e setorização da pousada.

Fonte: Autora. Março 2010

ANEXO 3:

Elementos Visuais da Paisagem, por Pires (2001, p.85, 86):

Forma: É o volume ou superfície de um objeto ou objetos que aparecem unificados tanto pela configuração que apresentam na superfície do terreno, como pela localização conjunta sobre a paisagem. As características territoriais que afetam mais a forma são a geomorfologia, a vegetação e as lâminas de água. As formas irregulares e as composições de grandes volumes sobressalentes possuem maior relevância visual. O relevo acentua a forma.

Linha: É o caminho natural ou imaginário percebido pelo observador quando existem diferenças bruscas entre os elementos cor, forma e textura, ou quando os objetos se apresentam com uma sequência unidirecional. A silhueta da terra contra o céu, a separação entre tipos de vegetação, cursos de água e estradas se manifestam como linhas na paisagem. As linhas podem conduzir a visão do observador até certos objetos, criando pontos focais.

Cor: É a propriedade de reflexão da luz numa intensidade e comprimento de onda específicos, permitindo a diferenciação de objetos. A cor é a principal propriedade visual de uma superfície. As cores são definidas pela pigmentação (verde, azul, amarelo, etc.), através da qual se dividem em cores quentes ou frias, pelo tom (claro, escuro); e pelo brilho (brilhante, opaco).

A combinação das cores na paisagem determina em grande parte as suas qualidades estéticas. Em geral, as cores quentes, claras e brilhantes tendem a dominar as cores frias, escuras e opacas na paisagem.

Textura: É a agregação de formas e cores percebidas como variações ou irregularidades de uma superfície contínua. (...)

A textura se caracteriza pelo grão (tamanho relativo das irregularidades superficiais), densidade (espaçamento), regularidade (grau de ordenamento e homogeneidade na distribuição espacial) e contraste interno (diversidade de cores e luminosidade dentro da superfície).

Escala: É a relação entre o tamanho de objeto e o entorno onde está situado. O observador sempre estabelece a escala entre os objetos mediante comparação do seu tamanho com objetos de dimensões conhecidas. A apreciação da escala é alterada pela configuração do espaço externo – os espaços pequenos fazem com que os objetos pareçam maiores.

Espaço: É determinado pela organização tridimensional dos corpos sólidos e os espaços livres ou vazios da cena. A composição espacial dos elementos que integram a cena define diferentes tipos de paisagem: paisagem panorâmica, paisagem fechada, paisagem focalizada e paisagem dominada.

ANEXO 4:

Definição de algumas variáveis determinante da Qualidade Visual, por Pires (2001, p. 87,88):

Diversidade: Expressa a variedade paisagística existente num determinado espaço territorial. Assumiu-se, então, que uma paisagem variada possui mais valor que uma paisagem homogênea, por possuir partes diferenciadas com distintos componentes visuais e com ausência de monotonia.

Naturalidade: Expressa-se pela ausência ou pela insignificância de elementos ou estruturas de origem humana numa área. A naturalidade no nosso meio é representada, sobretudo, pela cobertura vegetal natural, que, quando remanescente de formações originais com pouca ou nenhuma alteração, representa o mais alto grau de equilíbrio ecológico do ambiente em que se encontra, merecendo, dessa forma, uma elevada valorização pelo valor de naturalidade que agrega à paisagem.

Singularidade: Caracteriza-se pela existência de ocorrências de origem natural, como: feições geomorfológicas esculturais, elementos vegetais, espécies animais, sítios arqueológicos, paleontológicos, ocorrências e manifestações de origem humana, assim como elementos visuais dotados de atributos, como: unicidade, raridade, antiguidade, grandiosidade, beleza, harmonia, força e interesse histórico/cultural, que as tornam notáveis e excepcionais.

Amplitude das vistas: Relaciona-se à possibilidade de observar a paisagem em direção à linha do horizonte através de vários planos visuais, proporcionando uma visão panorâmica e de longo alcance, enriquecendo a experiência visual especialmente nos aspectos de espacialidade e da relação de escala entre os distintos componentes visualizados. A diferenciação entre os distintos planos de visualização se dá através da perspectiva de observação, pela disposição espacial com que ocorrem as unidades visuais e os componentes integrantes da cena conforme a sua variação, diferenciação esta percebida pelo contraste proporcionado pelos elementos visuais representados pelas linhas, formas, cores e texturas que se manifestam na cena.

ANEXO 5:

Hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis, em 2007 – desenvolvido por Santos e Pereira (2008).

Quadro 19 - Hotéis em funcionamento no núcleo central de Florianópolis

Hotel	Ano da Inauguração	Proprietários atuais	Administração Atual
Oscar	1960	Nelson Cardoso	Independente
Cruzeiro	1968	Arlinda Nienkötter	Independente
City Hotel	1968	Gentil Cordioli	Independente
Centro Sul	1972	CSH Hotelaria e Turismo Ltda Cristiane S. Piccoli	Independente
Florianópolis Palace Hotel	1975	José de Oliveira	Rede Regional –Sagres
Sumaré	1975	José Valerim	Independente
Faial	1979	Cleusa S. Silva Roberta S. Silva	Independente
Castelmar	1985	CHT Prestadora de Serviços S/C Ltda Renato N. Ghizoni José Carlos C. Neto	Independente – Participação na administração: Rede Bristol – Nacional
Baía Norte Palace Hotel	1985	Carmen Peters	Independente
Valerim Plaza	1985	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Valerim Center	1989	José Valerim Junior Soraya S. Valerim Suzane S. Valerim	Independente
Rio Branco Apart Hotel	1990	Antônio César Chede	Independente
Pontal Sul	1992	Juliana M. de Sousa Santos Gabriel Antunes de Sousa Santos	Independente
Farol da Ilha	1992	Cleusa S. Silva	Independente

		Roberta S. Silva	
Coral Plaza Rede Devile (2007)	1993	Montecarlo Empr. Turísticos Aurelio Paladini Mário Kenji	Independente Administradora Rede Devile – Nacional (2007)
Parthenon Lindacap/ Mercure (2006)	1995	Condomínio com 54 Investidores	Administradora – Rede Accor - Internacional
Porto da Ilha	1998	João Vicente Gomes	Independente
Blue Tree Towers	2000	Montecarlo Empr. Turísticos Mário Kenji Aurélio Paladini	Administradora - Rede Blue Tree - Nacional
Hotel Lumar	2001	Sálvio Sistarol	Independente
Diplomata/Int ercity	2002	Alexandre Gehlen	Administradora : Rede Intercity - Nacional
Hotel Ibis	2003	West Coral Hotéis e Resorts Ltda Aurélio Paladini Mário Kenji	Administradora : Rede Accor - Internacional
Majestic Palace Hotel	2004	Ronaldo Daux	Independente
Cecomtur Executive Hotel	2005	Crisciúma Construções Ltda	Independente
Sofitel Florianópolis	2006	Hbs Hotelaria Ltda Aurélio Paladini Anita Hoepke	Administradora - Rede Accor - Internacional

Fonte: SANTOS; PEREIRA, 2008, p. 132.